

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da
rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e
clubes no campo esportivo brasileiro**

Francisco Carvalho dos Santos Rodrigues

Niterói
2012

Francisco Carvalho dos Santos Rodrigues

**Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da
rebeldia a institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e
clubes no campo esportivo brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em História.

Orientador: Marcos Alvito Pereira de
Souza

Niterói

2012

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R696 Rodrigues, Francisco Carvalho dos Santos.

Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro / Francisco Carvalho dos Santos Rodrigues. – 2012.

140 f. ; il.

Orientador: Marcos Alvito Pereira de Souza.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

Bibliografia: f. 138-140.

1. Futebol. 2. Esporte. 3. Brasil. 4. Cultura. 5. Torcedor de futebol. 6. Modernização. I. Souza, Marcos Alvito Pereira de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 796.334098165

AGRADECIMENTOS

Este é o momento em que gostaria de transformar as palavras em um abraço forte e fraterno em todos os que serão citados, como forma de gratidão e carinho. Um trabalho que por vezes foi angustiante e solitário, não seria concluído não fosse a força de tantos amigos que fazem dele uma obra coletiva.

Agradeço ao meu pai, Miguel, por todo esforço com que nos educou, abdicando por vezes da sua própria vontade para nos deixar livres para seguir nossa trajetória. Mas principalmente, por ter me dado a educação torcedora, desde a primeira vez no Maracanã e por todos outros estádios de futebol que me levaste, camisetas do tricolor e bolas de futebol com que me presenteou. À minha mãe, Silvana, minha eterna gratidão pelo amor, sacrifício e orações. O sucesso de seus quatro filhos é seu também. A Fernanda, Pedro e Gabriel, irmãos dos quais me orgulho e admiro, contem sempre comigo para continuar nossa história.

A Marina, que não fosse futebol, talvez não tivéssemos nos encontrado e me provou ser possível conciliar duas paixões. Por nunca ter me deixado desistir, mas principalmente pela sua sabedoria e dedicação que são um exemplo do quão admirável és.

Um abraço ao meu mais que Orientador Marcos Alvito, grande amigo e incentivador, pelas palavras de carinho e puxões de orelha. Obrigado pelos anos de aprendizado sobre história, futebol e vida.

Aos professores que gentilmente toparam participar das Bancas de Defesa e Qualificação. Rosana Teixeira e Bernardo Buarque de Hollanda que foram companheiros não só neste momento, mas pelos Simpósios, Seminários e Encontros da vida. Edison Gastaldo e Marcelo Badaró por todas as contribuições que só me fizeram crescer e melhorar o texto.

Obrigado especial a todas da Secretaria do PPGH. “As meninas da secretaria” que tiveram paciência com o “menino” Chico, nos momentos de desespero com regras, prazos e formulários, mas sem as quais não teria chegado ao fim. E a Coordenadora Fernanda Bicalho pela forma correta e justa com que conduz o programa.

A todos os meus Amigos da Plataforma de Cherne-01, que já são amigos de toda vida e que seria impossível relacionar todos aqui. Mas fica minha gratidão para todos aqueles que dividiram o trampo comigo para arrumar tempo para ler e escrever; aqueles que me cederam computadores, salas, trocaram de escala e aceitaram marcação de férias em cima da hora. A todos operadores, supervisores, coordenadores e gerentes que quebraram meu galho e piões como eu, que fazem do futebol um momento de alegria e atenuam a saudade de casa. Todos serão abraçados e festejarão junto comigo pessoalmente.

Aos amigos do Nepess por todo aprendizado e incentivo desde os anos de graduação e pelos bolinhos de bacalhau e pastéis de Siri. Saudação especial para Lugini, Martin, Leda, André, Isabella, Simoni Guedes e Luiz Rojo.

Obrigado a todos do GEFuT e Fulia, grupos da UFMG que me inspiram também e se tornaram meus amigos lá das Minas Gerais. De onde não posso deixar de citar carinhosamente minha sogra Solange por todas as preces, velas e Santos para os quais pediu por mim. E por toda rede de apoio que propiciaram minha estadia confortável para estudos em Belo Horizonte: Clélia, Nice, Dona Eugênia e Dona Augusta.

E por fim, mas não menos importante, a todos os gremistas, que foram importantíssimos para a realização deste trabalho. Obrigado a todos da Geral do Grêmio pela acolhida, paciência e proteção nos momentos difíceis desta jornada. Meu agradecimento sincero pelas viagens, avalanches, arquibancadas, bares e histórias de vida compartilhados. E que os momentos de alegria sejam muitos, junto com o meu alento pelo sucesso da torcida.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar as transformações ocorridas nas relações entre os torcedores do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense. Mais precisamente a partir de 2001, ano em que surgiu um movimento completamente novo para os padrões referentes aos espectadores em estádios de futebol no Brasil: a Torcida Geral do Grêmio. Apesar de se tratar de um movimento recente, o processo de surgimento e consolidação desta que é hoje a maior torcida do clube suscita de maneira exemplar todas as contradições que envolvem a introdução de relações capitalistas no campo esportivo, marcadamente a partir do começo dos anos 2000. Período que marca a entrada de grandes investidores, circulação de jogadores, transformação do esporte em um produto televisivo e dos torcedores em consumidores do futebol de espetáculo. O processo de formação da Torcida Geral do Grêmio tem em sua origem a marca da contestação às transformações que afetaram de maneira determinante as relações entre clubes e torcedores. Uma nova cultura que manifesta em um amplo sistema de representações simbólicas as transformações do sistema econômico e cultural na qual estão inseridas; marcadamente pela contestação às políticas de vigilância, elitização e controle, aos padrões das torcidas uniformizadas hegemônicas nos anos 1990 e à direção do clube. A cultura que hoje em dia é dita no meio futebolístico como inerente ao torcedor gremista teve uma origem e este estudo se propõe a analisar em que condições este processo se desenvolveu. Por se tratar de um movimento até então não institucional e de surgimento recente, aliadas a falta de uma estrutura hierárquica formal e uma sede, não havia fontes escritas sobre o tema. Pude contar então somente com a memória de seus frequentadores e fundadores, em registros orais através de entrevistas. Após um exaustivo levantamento etnográfico, que incluiu o convívio com torcedores em cinco estádios diferentes, duas viagens, arquibancadas e arredores do Estádio Olímpico, bares e bairros onde moram, pude fazer o registro e contar através de seus relatos uma versão para o surgimento da torcida, o processo no qual se consolidou e veio a se tornar, praticamente, uma instituição gremista.

PALAVRAS CHAVE: Futebol; Cultura dos Torcedores; Modernização

ABSTRACT

The present study aims to analyze the changes occurring in the relationships between the supporters of *Grêmio Foot-Ball Portoalegrense*. Precisely from 2001, the year when a different movement relating to the spectators in football stadiums in Brazil emerged: the *Torcida Geral do Grêmio*. Despite being a recent movement, the process of emergence and consolidation of what is now the largest supporters group of that club, raises the contradictions surrounding the introduction of capitalist relations in the sports field that begins in early 2000s. Period that marks the entry of big investors, the migration of the players, the transformation of this sport into a television product and of its fans in soccer spectacle consumers. The process of *Torcida Geral do Grêmio* constitution has in its origin the brand's that affected the relationships between clubs and fans. A new culture that manifests in a large system of symbolic representations of cultural and economic system transformations in which they operate; markedly by the contest of surveillance policies, control and gentrification, that characterizes the hegemonic groups of supporters in the 1990s and the direction of the club. The culture that is spoken today in the soccer world as attached to the *Grêmio* supporter had an origin and this study aims to analyze the conditions under which this process has developed. By treating of a non-institutional and recent movement, coupled with lack of a formal hierarchical structure and a head office, there was no written sources about this topic. Counting only with the memory of its founders and patrons in oral records through interviews, after an exhaustive ethnographic research, which included: socializing with fans at five different stadiums, two trips, Olympic Stadium bleachers and surroundings, bars and neighborhoods where they live, I was able to register and tell through their stories a version for the emergence of the group, in which the process was consolidated and practically become a new *Grêmio* institution.

KEY WORDS: Football; Supporters Culture; Modernization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CLUBISMO, OS GREMISTAS E A IDENTIDADE GAÚCHA.....	11
1.1. Origens do futebol no Rio Grande do Sul e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	11
1.2. A construção da identidade gaúcha e gremista	22
1.3. Orgulho e preconceito nas origens do gremismo	29
1.4. O clubismo e a construção das rivalidades	37
2. ENTRANDO EM CAMPO COM A GERAL DO GRÊMIO	43
2.1 - A Crise das Organizadas nos anos 90	43
2.2. Em busca do alento na geral	48
2.3. A Avalanche	60
2.4 - O Bar.....	62
2.5 Cantamos todos com a Geral	65
2.6 - A Banda	73
2.7. Trapos.....	80
3.SAINDO DA PERIFERIA PARA OCUPAR O CENTRO: O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA TORCIDA GERAL DO GRÊMIO	93
3.1. Modernidade e exclusão - O avanço do processo de elitização nos estádios brasileiros.	93
3.2. Aspectos da modernização do futebol no Grêmio FBPA	102
3.3. Sócios Torcedores – Quando a Geral e o Clube se associam	110
3.3 – A torcida veste a camisa do Grêmio.....	119
3. CONCLUSÃO	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

INTRODUÇÃO

Apropriando-me de pesquisas cada vez mais recorrentes sobre o esporte e a sociedade, percebi na torcida Geral do Grêmio o surgimento de uma nova tradição e mudança de comportamento daqueles que amam esse esporte e frequentam estádios de futebol. Ela se diferenciou desde o seu surgimento das Torcidas Organizadas tradicionais. Baseada na liberdade individual do torcedor, que deve dar na parte ocupada por ela no estádio somente o seu incentivo, independente de regulamentações formais como cadastro, carteirinha ou camisas que o identifiquem formalmente com uma organização.

Em menos de cinco anos de existência, a Geral do Grêmio mudou a forma de torcer, modificou a divisão espacial do Estádio Olímpico, contribuiu significativamente para o aumento do número de sócios do clube. Transformou também a relação com a Polícia Militar, que desde 2005 não faz policiamento no interior do estádio, somente nas cercanias e portões de acesso.

O movimento de apoio constante ao time, com cânticos chamados de “Alentos”, chamou a atenção da mídia e de outras torcidas no restante do país, ao ponto de, hoje em dia, a maioria dos grandes clubes ter uma torcida com características similares a estas. Mesmo aqueles que não inauguraram novas torcidas, passaram a perceber que cânticos diferentes vinham das arquibancadas. Menos palavrões, com melodias mais cadenciadas e declarações de amor ao clube de coração foram se multiplicando pelos estádios Brasil a fora.

As dificuldades para obtenção destes registros já era evidente pela própria estrutura da nova torcida que, não legalizada formalmente, não possui estatutos, atas, ou qualquer registro formal, senão a memória de cada um de seus frequentadores e fundadores.

Minha ligação afetiva com o Grêmio pouco ajudaria na penetração no meio da torcida. Minha experiência de Estádio Olímpico se limitava às arquibancadas populares, de torcedores comuns, quando junto com meu pai e irmão assistia a jogos desde 1998.

O primeiro objetivo então era entrar na Geral, conhecer seus torcedores e observar bastante para elaboração de um roteiro de entrevista que fosse capaz de escrever junto com eles a história da torcida, fragmentada pelas lembranças de cada um deles.

Nos anos de 2007 e 2008, coletei os dados que compõem o corpo da minha pesquisa. Período em que pude acompanhar o Grêmio e sua torcida em diversas partidas. Em uma delas acabei não entrando, pois fui barrado junto com os torcedores pela polícia carioca, nas cercanias do Maracanã. Foram três competições diferentes: Campeonato Gaúcho, Taça Libertadores da América e Campeonato Brasileiro. Além de viajar com a torcida para Caxias do Sul na final do Gauchão 2007, foram outros quatro estádios diferentes, o Olímpico, Beira-Rio, Maracanã e São Januário, nestes dois últimos, em confrontos do Grêmio com times do Rio de Janeiro.

Após muitos cânticos registrados em quase uma centena de vídeos, fotografias e diários de campo, foi possível preparar o roteiro de entrevistas. Com uma acolhida sincera dos torcedores, que sabiam da minha pesquisa desde o primeiro contato, pude obter deles a confiança necessária para o registro de seus depoimentos.

E é principalmente a partir de seus relatos e da sua boa vontade que foi possível elaborar e contar esta versão para história do surgimento da Geral do Grêmio. Acostumados a ser vítimas de matérias jornalísticas que os imputam o rótulo de marginais, vencer a desconfiança dos gremistas não foi fácil, porém não menos prazeroso do que assistir a uma partida de futebol.

Gostaria então de destacar neste trabalho, senão o momento exato desta transformação, pelo menos as condições que tornaram possível o surgimento da torcida no começo dos anos 2000, em Porto Alegre e uma análise da sua trajetória até o ano de 2011.

A presente dissertação será dividida em três capítulos. Para chegar ao entendimento e compreensão das atuais tradições dos torcedores gremistas e em particular da Torcida Geral do Grêmio, pesquisei os primórdios da prática do futebol no Rio Grande do Sul. Este será o eixo do primeiro capítulo, em que descrevo como se deu o início da prática do esporte no estado, os primeiros clubes de futebol a serem fundados e particularmente a história dos primeiros

anos de vida do Grêmio. O objetivo deste capítulo é descrever como se criou o que chamo de gremismo. E para isso, além da história do futebol no rio Grande do Sul e do Grêmio, foi necessária uma análise do surgimento da oposição com o maior rival, o S.C. Internacional, conhecido como time do povo, em oposição ao time dos alemães, representados pelo Grêmio.

Este sistema de oposição se situa em meio a outra forte tradição que permeia a cultura do torcedor gremista e da Geral do Grêmio, que é o tradicionalismo gaúcho, brevemente analisado, mas fundamental para a compreensão do surgimento da torcida e dos seus símbolos.

Por fim, este capítulo terá a exposição de uma teoria que amarra todos estes vínculos identitários do torcedor do Grêmio, como parte de uma forma superior de pertencimento. É o que Arlei Damo classifica como pertencimento clubístico, teoria que conduz e ajuda a compreender alguns dos mecanismos de interação social entre os fãs de futebol e seus pares, seus adversários e os seus próprios clubes.

No capítulo dois serão analisadas como as transformações decorrentes do processo de modernização do futebol influenciaram no surgimento de um novo tipo de torcida no início deste século. A Torcida Geral do Grêmio que transformou o comportamento, os símbolos e rituais dos torcedores do tricolor gaúcho nas arquibancadas do Estádio Olímpico. A princípio como reação aos processos de exclusão das Torcidas Organizadas, o movimento acabou por se tornar hegemônico. Através da descrição deste processo de transformação das torcidas organizadas, analisadas através dos seus símbolos e comportamentos, proponho discutir como se deu esta transição percorrida pela torcida, da periferia a hegemonia nas arquibancadas e dentro do clube.

Nos subtítulos deste capítulo, detalharei as principais características da torcida, como a criação de novos símbolos, novos cânticos e gestuais, que inspirados na cultura torcedora dos Barrabravas argentinos e uruguaios, aglutinou um grande número de torcedores ao seu redor. Caracterizado por atitudes de rebeldia e enfrentamento com policiais e outras torcidas organizadas do próprio Grêmio, a torcida demonstrava em um novo sistema simbólico a contestação às transformações que ocorriam na política do clube e

em última instância, no futebol brasileiro, como o aumento do preço dos ingressos e incremento da vigilância sobre os torcedores.

No terceiro capítulo irei descrever como a torcida, após conquistar a hegemonia na organização e animação dos torcedores do Grêmio, enfrentou esse processo de crescimento. Diante do grande número de torcedores simpatizantes e da maior visibilidade que do movimento, a torcida passou a ser cortejada por dirigentes do clube e assumiu papel preponderante em períodos eleitorais. Seu crescimento contribuiu para que uma nova política de associação ao clube fosse proposta, sendo o seu incentivo muito importante para o aumento no número de sócios do clube.

Ao final do ano de 2007, a torcida passou a contar com o apoio do clube para manter as suas atividades, compra de materiais e viagens. Agrados estes oferecidos em maior número nos períodos de eleição, pois além de sócios, os torcedores também se tornaram eleitores. Além da adoção de praticas e alianças que para alguns torcedores mais críticos, significavam uma institucionalização da torcida, um retorno às práticas das torcidas organizadas, que a Geral tanto criticou em seu surgimento.

Este caminho, que para alguns violava a pureza do movimento, acabou no surgimento de uma dissidência da Geral do Grêmio e a fundação do Portão 18, ou Velha Escola, uma nova torcida, que fez críticas a este processo de institucionalização. Com um apelo ainda mais forte para as tradições dos Barrabravas, gaúchas e invocando práticas do nascimento da Geral do Grêmio, os fundadores deste novo movimento, colocam não só a torcida, como nós pesquisadores diante de mais um processo de contestação às transformações ocorridas no futebol brasileiro na última década.

1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CLUBISMO, OS GREMISTAS E A IDENTIDADE GAÚCHA

1.1. Origens do futebol no Rio Grande do Sul e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

A escolha de um clube de futebol para torcer no Brasil é, diversas vezes, feita pelos pais antes mesmo do nome da criança. Antes que se descubra o sexo do bebê, o pai já designa o time para o qual seu filho ou filha torcerá. Colocar no mundo mais um tricolor, um rubro-negro é exaltado como uma vitória e a continuação de laços tão profundos quanto à genealogia da família.

Atualmente, esta escolha está distante das relações cotidianas dos sócios dos clubes mais tradicionais, de suas sedes, seu patrimônio e do corpo social do clube propriamente dito. O clube como agremiação futebolística, entidade político-administrativa cuja função é a gerência de um time que a representa e também a sua memória, é, fundamentalmente, um símbolo que condensa os sentimentos de uma extensa comunidade de pertencimento.

Os que hoje se denominam torcedores de determinada agremiação, já estão distantes da origem social dos clubes e do seu próprio corpo de dirigentes. Os clubes de maior torcida no país foram fundados majoritariamente nas duas primeiras décadas do Século XX por parte de uma elite que tinha na prática esportiva, no caso o futebol, uma maneira de exaltar valores higienistas, modernos e sofisticados. Tal prática carregava consigo a marca de uma distinção em relação à grande maioria da população brasileira da época, recém liberta com a abolição da escravatura e há pouco se acostumando com a igualdade civil, premissa da República há poucos anos proclamada. Era impossível crer, para aqueles nascidos no seio da elite oligárquica, que pudessem ser submetidos à mesma regra, jogadores oriundos das camadas subalternas, quando a própria sociedade ainda carecia da universalização da igualdade jurídica e da cidadania.

Se perante a lei todos eram iguais, havia algo que jamais poderia por em igualdade de condições negros e brancos, pobres ou ricos: a distinção social, marcada por hábitos refinados adquiridos pelo contato com a Europa “civilizada”. Eram comuns, além das festas nos salões das mansões, com saraus, poesias e leitura de clássicos, a moda e o vocabulário. A elite carioca, então capital da República ficou conhecida como a sociedade do Salão. Reproduziu hábitos da sociedade europeia, em especial a francesa e inglesa, cuja inspiração chegou até a arquitetura da cidade do Rio de Janeiro. A *Belle Époque* carioca como ficou conhecido tal período, também marcou a ascensão dos esportes modernos ocidentais como prática cotidiana dos jovens filhos de Barões, Industriais e Oligarcas.

O futebol em especial, representava a novidade, prática que conjugava cuidado com o corpo e o cavalheirismo; disputa simbólica que colocava frente a frente jovens distintos e finos que haviam adquirido tal grau de “civilidade” no contato com o velho mundo.

Acerca deste período, o historiador Hilário Franco Júnior sintetiza:

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional (FRANCO JÚNIOR, 2007: 61).

A história do futebol no Rio Grande do Sul, não dista da significação e do caráter classista dos seus primeiros praticantes em São Paulo e no Rio de Janeiro. Mesmo que o roteiro da chegada da primeira bola de futebol tenha percorrido caminhos diferentes dos propalados e cristalizados pela imprensa e, por conseguinte, pela história oficial do futebol, Charles Miller é considerado o introdutor do futebol no Brasil.

Sua posição quase mítica na história foi consolidada pelo sucesso da atividade na capital paulista após o retorno do jovem estudante, munido de todo “arsenal” necessário para difundir a prática do esporte, depois de anos de estudos na Inglaterra. E também pela posterior institucionalização do esporte,

com a fundação de clubes e Ligas voltadas exclusivamente para regulamentar e colocar em disputa partidas oficiais de futebol. Não fossem as recentes pesquisas sobre a história do futebol, passariam despercebidas outras formas da introdução do futebol no país que não vieram através do filho de um industrial escocês, representante da elite paulista.

Marinheiros ingleses ao desembarcar no porto de Rio Grande (RS), já praticavam o esporte, ainda que em condições improvisadas. Funcionários da Brazil Great Southern encarregados de ligar o interior do Rio Grande do Sul a Montevideo, a Porto Alegre e ao porto de Rio Grande com a construção de linhas férreas, já praticavam o tal foot-ball. Além de técnicos e engenheiros britânicos, o contingente de operários era, em sua maioria, composto por argentinos e uruguaios, que desde os anos de 1880 o praticavam em terras que viram a bola chegar pelo leito do Rio da Prata.

Em sua tese, o geógrafo Gilmar Mascarenhas (2001) esquadrinha como se deu essa introdução através do que denominou *via platina*. O autor define os aspectos da configuração territorial e espacial do Rio Grande do Sul que auxiliaram no advento do futebol nos campos e planaltos rio-grandenses, principalmente a partir das cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. A cidade do Rio Grande será privilegiada no presente trabalho, pois se tratava, no final do século XIX, do principal centro urbano da Campanha e berço da grande indústria gaúcha. Seu movimento portuário era maior do que o de Porto Alegre.

O porto de Rio Grande era o principal exportador da produção do ciclo do charque. Através da exportação, pôde manter um contato direto com os ingleses. O ciclo do charque trouxe riqueza para a cidade, tornando-a uma região cosmopolita e proporcionando conexões intensas com a Europa, atraindo muitos imigrantes – principalmente alemães e ingleses – que desempenharam ativamente o papel de difusores do futebol naquela região. Os alemães, por exemplo, fundaram o primeiro clube de futebol em Rio Grande: o Sport Club Rio Grande, clube mais antigo de futebol ainda em atividade no Brasil, que atualmente disputa a segunda divisão do Campeonato Gaúcho.

O seu fundador e primeiro presidente Joahannes Minnemann era um jovem alemão, que desembarcou em Rio Grande em 1900 e era um grande

entusiasta do *Football Association*, que aprendera a jogar em Hamburgo. Investigação feita por Miguel Ramos, do centro de memória do S.C. Rio Grande e publicada em 2000, revela que Minnemann procurou outros adeptos do futebol que já existiam naquela cidade para a fundação de um clube e institucionalizar a sua prática.

Minnemann havia trazido em sua bagagem um protótipo de estatuto de um clube de Hamburgo, que foi mostrado a todos os interessados, discutido e modificado. Logo que o grupo alcançou um consenso, procurou realizar uma reunião para a fundação de uma sociedade no Rio Grande. A primeira reunião foi marcada para o dia 14 de julho de 1900, um sábado às oito e meia da manhã, na sede da antiga Casa dos Atiradores, conhecida popularmente como Tiro Alemão. A convocação, redigida em alemão, foi assinada por Minnemann. Junto com ela vinha o convite para que os simpatizantes do futebol, mesmo que não quisessem tomar parte da reunião, realizassem um match (uma partida) com a participação das equipes (a) e (b). O convite finaliza dizendo que o campo estava aberto para novas adesões (RAMOS,2000: 13).

Há ainda um outro ponto a ser ressaltado no trabalho de Mascarenhas que reforça a tese de que no sul do país, o futebol chegou por outras redes, como o caso de alemão Minneman e o S.C. Rio Grande: a ligação riograndense com as metrópoles do Rio Prata. Em primeiro lugar, a região platina foi o centro pioneiro da adoção do *football association* na América do Sul. Em segundo, o Rio Grande do Sul, situado no extremo sul do país, esteve sempre espacialmente distante dos centros econômicos e das capitais brasileiras. Foi somente a partir do século XX que surgiram os primeiros movimentos brasileiros de integração territorial, buscando unir o norte e o sul brasileiro com o resto do país.

O descaso brasileiro fez com que o Rio Grande do Sul procurasse desenvolver fortes vínculos com os parceiros platinos, geograficamente mais acessíveis. Montevideu e Buenos Aires tornaram-se grandes metrópoles neste período, e o sul do Brasil se beneficiou das suas intensas relações fronteiriças com os países platinos.

O crescimento econômico da cidade de Rio Grande foi essencial para o sucesso do clube local, e durante alguns anos o clube Rio Grande manteve-se

superior aos outros times das cidades rivais (Pelotas e Porto Alegre). Porém, nas primeiras décadas do século passado, a cidade de Rio Grande não mais concentrava riquezas e poder. Nesse contexto, tanto o mapa sócio-econômico e o mapa futebolístico do Rio Grande do Sul sofreram alterações radicais. Assim, tanto a cidade quanto o clube Rio Grande foram sobrepujados pelo crescimento das cidades do planalto e de Porto Alegre, como também pelos principais clubes de futebol dessas cidades. Ironicamente o próprio Sport Club Rio Grande em suas viagens para prática de jogos de exibição dos seus quadros, foi responsável por influenciar a fundação de diversos clubes do interior do Rio Grande do Sul e da capital. Um deles foi o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense. O Rio Grande contribuiu para disseminar o futebol entre aqueles que se tornariam os algozes da sua efêmera, porém importante, história de conquistas.

A fundação do Grêmio está miticamente ligada a estes dois extremos da história da introdução do futebol no Brasil. De um lado, a partida de exibição do S.C. Rio Grande – a primeira partida de futebol realizada na cidade de Porto Alegre, em 07 de setembro de 1903 – trazia os dois quadros do clube que três anos antes fora fundado por alemães e ingleses, na cidade do porto de Rio Grande. Segundo os livros que contam a história do Grêmio, durante aquela partida, a bola trazida por eles murchou. O que seria uma decepção para a plateia, acabou sendo motivo de orgulho para Cândido Dias, paulista de Sorocaba, que junto com a fábrica de curtição de couro da sua família, trouxera uma bola de futebol para Porto Alegre e a emprestou aos jogadores terminarem o jogo.

Ao final da partida, Cândido foi aconselhado a organizar melhor as atividades que recreativamente praticava com outros colegas e a fundar um clube de futebol. Fato que ocorreu pouco mais de uma semana depois, com a fundação do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense, em 15 de Setembro de 1903.

Antônio Cândido, depois de chegar de São Paulo em 1901, já reunira em torno de si e da bola que trouxera, um grupo de jovens que praticavam o futebol nos arredores do centro de Porto Alegre. Eram chamados de *grupinho da bola*, cujo desenrolar da história faz parecer estar no dia e na hora certos

para fundar um clube de futebol. Porém o que parece indivisível na memória construída em torno do Grêmio é que nele se convergiram dois caminhos distintos pelos quais o esporte adentrou o país: a via paulista e a via platina.

O surgimento dos primeiros torcedores do Grêmio quase coincide com a data de sua fundação, ainda que não fossem assim chamados. A primeira partida oficial do clube contava com a assistência dos sócios do Clube de Tiro Alemão que cedeu parte do seu terreno, uma baixada na Zona Norte de Porto Alegre onde hoje se localiza a Avenida Mostardeiros, para a realização dos primeiros jogos entre associados do Grêmio e posteriormente o vendeu para que ali se fixasse a casa do Grêmio. A ligação entre os dois clubes, o de Tiro e o de Futebol, era pela origem ou descendência dos seus associados – a maioria de alemães.

O Grêmio possui entre os seus fundadores, descendentes de alemães e italianos. Dentre os membros que compuseram a primeira diretoria, se destacam Carlos Luiz Boherer, o primeiro presidente; Alberto Siebel, o primeiro secretário; Guilherme Kallfelz, o segundo secretário; Pedro Shuck, tesoureiro; e Guilherme Uhrig, um dos Secretários de guarda esporte ao lado do paulista Cândido Dias. Este último, ao lado de Joaquim Ribeiro, o vice-presidente, era o único não descendente de alemães a compor a primeira diretoria. Em comum tinham, além da sua paixão pelo recém chegado esporte que praticavam desde o primeiro ano do século XX nas várzeas de Porto Alegre, a origem social. Faziam parte deste quadro de fundadores: donos de indústrias, comerciantes, profissionais liberais e estudantes abastados.

Como tal, o clube também trazia consigo a distintiva marca estrangeira, exaltada até hoje pelos seus torcedores como nata de sua condição alemã. Valores como a disciplina, virilidade, lealdade e masculinidade são constantemente postos a prova para a auto exaltação e a depreciação de seus rivais, em especial ao torcedor do *Sport Club Internacional*. Aos rivais, referidos hoje em dia com adjetivos como macacos, putos, covardes e seu estádio referido como chiqueiro, sobram marcas de um caráter inferior, fruto de uma rivalidade que nasceu no início do século XX e que será descrita ao longo deste capítulo.

Anterior ao surgimento da rivalidade entre Grêmio e Internacional existia também o FussBall Club Porto Alegre, este fundado por alemães e ingleses no mesmo mês de setembro de 1903 e já extinto, que rivalizaria com o Grêmio até o ano de 1909, quando foi fundado o S. C. Internacional. Os primeiros campeonatos metropolitanos e as partidas começavam atrair não só assistentes e associados, mas pessoas que passavam a incentivar ao lado do campo os clubes pelos quais simpatizavam. No caso do Grêmio isso significou um aumento do número de sócios, que estimulados por uma campanha de venda de títulos, arrecadaram o suficiente para adquirir o terreno que pertencia ao Clube de Tiro Alemão em 1911. Após nova arrecadação entre os sócios e industriais da cidade, o Grêmio inauguraria em outubro de 1912 um pavilhão com capacidade para 500 pessoas. Naquele terreno, o Grêmio passaria a jogar por quase 50 anos. A proximidade com o Tiro Alemão e a disputa de partidas que a memória dos seus torcedores tratou de transformar em “batalhas épicas”, fez o local ser apelidado de Fortim da Baixada.

Tais relatos constam em livros que registram a história tida como oficial do clube escritos por jornalistas, como: *Até a pé nós iremos*, de Ruy Carlos Osterman, e *A história dos grenais*, de Nico Noronha e David Coimbra. Mas também há livros que podemos analisar como uma apropriação torcedora da história do clube como: *Grêmio: nada pode ser maior* e *Grêmio campeão acima de tudo*, ambos do Jornalista Eduardo Bueno, que escreve mais como torcedor do que como pesquisador.

Apesar da parcialidade da sua escrita, Eduardo Bueno transparece nos seus relatos como se construiu a identidade gremista ao longo de mais de cem anos de história. O que pode ser percebido através do relato dos torcedores atualmente no que diz respeito à memória destes sobre os primeiros anos da história do clube, é a exaltação de um passado empreendedor e europeu. Ao torcedor não basta a exaltação dos feitos do clube de coração dentro de campo como vitórias e títulos. A sua identificação vai além dos resultados esportivos para exaltação da instituição, que passa pela história da fundação, o patrimônio do clube e seguidamente citada a origem europeia de seus fundadores.

A torcida Geral do Grêmio exhibe entre as suas faixas, uma onde estão escritos os nomes dos jogadores que disputaram o primeiro grenal da história,

vencido pelo Grêmio por 10x0, onde são exibidos nomes dos alemães ou descendentes, como os de *Booth*, *Becker*, *Kock* e *Grunewald*. Dentre os cânticos entoados nas arquibancadas ou em encontros da torcida, está o primeiro hino oficial do clube, composto em 1924 por Isolino Leal. É dele que podem ser extraídos alguns desses valores como o heroísmo, a raça, honra, virilidade e a força que, segundo os torcedores, somente aqueles “nobres filhos do pampa” teriam.

*Vibre em nós a luz da energia
que dá fulgor e faz heróis;
músculos de aço e varonia
nos façam da pátria áureos sóis*

*Do sul ao norte
Nos seja prêmio
A fé no Grêmio
Invicto e forte!*

*A nobreza, se o prélio freme,
é quem inspira o coração
Da nossa gente que não treme,
e luta sempre como um leão.*

Do sul ao norte...

*Filhos do Pampa erguendo a fama
Desta terra de honra e valor,
com a alma acesa, em viva chama,
por ela cante o nosso amor!*

Não se trata apenas de uma referência ao passado e a história do clube. Em primeiro lugar, a torcida manifesta um compromisso com os valores exaltados na letra como a virilidade, a lealdade e a valentia. Características que se confundem com a dos atletas em campo, dos torcedores e das exaltadas pela cultura gaúcha. Traços que os distinguem dos torcedores adversários

tanto de Porto Alegre como do restante do Brasil e dos outros torcedores do Grêmio.

Os torcedores atestam para si, ao cantar o primeiro hino do clube, uma legitimidade que a memória os confere, ao mesmo tempo em que a recriam. Uma memória herdada e ao mesmo tempo reconstruída, pois mesmo para os torcedores mais antigos, o hino oficial do clube é o composto por Lupcínio Rodrigues, com os famosos versos: “Até a pé nós iremos, para o que der e vier. Mas o certo é que nós estaremos com o Grêmio onde o Grêmio estiver”. Porém, a maior marca da distinção entre gremistas e colorados não se escrevia somente nas arquibancadas e ruas de Porto Alegre. O Grêmio manteve por muitos anos, expresso inclusive no seu estatuto, a proibição de “pessoas de cor” no seu quadro social e de jogadores. Distante das disputas que no sudeste só fariam o futebol se profissionalizar em 1933, o tricolor gaúcho só viria a aceitar o primeiro jogador negro em 1952, com quase 50 anos de história. Se para os negros que já praticavam o futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, a lei que regulamentava a profissão significou a formalização da democracia racial de sua atividade, no Rio Grande do Sul, esta feita já havia sido realizada pelo S.C. Internacional na segunda metade dos anos 1930.

Caminhavam lado a lado a inclusão de negros e mestiços e a profissionalização junto com a popularização do futebol e o aumento das receitas dos clubes provenientes das bilheterias em dias de jogos. Antes disso, grandes estádios já haviam sido construídos, como é o caso de São Januário no Rio de Janeiro. Grandes espetáculos, vitórias dentro de campo, passaram a ser objeto de disputas dentro e fora do campo. A evolução para o futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que está ligada ao jogo como espetáculo de massas, quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de sua equipe. Estas tornaram-se vitrines dos clubes, que como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. (ROSENFELD, 1972:84)

Não foi por acaso que o Internacional conquistou seis títulos seguidos na década de 1940. O super-time, apelidado de “rolo-compressor”, contabilizava vitórias que alimentavam o ciclo profissionalização-negros-vitórias-público-

bilheteria. Dentro do novo Estádio dos Eucalipitos, o Internacional via aumentar seu prestígio e número de torcedores, à medida que os títulos se acumulavam na sala de troféus. Daquele time, muitos jogadores eram negros e mulatos. O clube foi o primeiro na capital a aceitar jogadores negros, em 1912, ainda na fase da história do futebol chamada de amadora, muitos deles recrutados na *liga dos canelas pretas*. Esta liga amadora, sobre a qual existem poucas fontes, era formada por clubes da periferia de Porto Alegre, que tiveram acesso negado a Liga Metropolitana. Seu fim se deu com a implementação do profissionalismo e a incorporação de alguns de seus atletas às equipes da primeira divisão, exceto o Grêmio.

Ao final da década de 1940, algumas marcas já distinguiam os clubes que àquela altura eram os maiores em patrimônio e número de torcedores em Porto Alegre. O Internacional era o Clube do Povo e o Grêmio, ainda identificado como o clube dos alemães. Do lado colorado, parte significativa de seus simpatizantes pode ser explicada pela grande quantidade de jogadores pobres e negros que compunham oficialmente um quadro vencedor já desde meados dos anos 1930. Segundo relatos extraídos da Biografia do jogador Tesourinha, a quantidade de jogadores negros era tamanha que os treinos recreativos em véspera de jogos eram disputados por duas equipes divididas entre pretos contra brancos (ENDLER, 1984: 41).

O Estádio dos Eucalipitos, casa do Internacional, fora construído na região sul da cidade, a mais pobre e habitada pela maioria negra da população, onde, não por acaso, foram fundadas também as primeiras escolas de samba de Porto Alegre. E por fim, a rivalidade com os imigrantes que era posta a prova e acionada a cada conflito local ou internacional, e tornava o clube Internacional, o clube dos brasileiros contra o Grêmio, o clube dos alemães. Fato recorrente na história do futebol brasileiro e na construção das rivalidades locais, como Flamengo x Vasco, Atlético-MG x Cruzeiro, ambas ressaltadas por Hilário Franco Júnior:

A despeito dos fortes preconceitos contra os alemães, impulsionados pela Primeira Guerra Mundial, contra os portugueses, ampliados em 1922 pelo Centenário da Independência, e contra os italianos, denominados pejorativamente de “carcamanos”, os clubes de imigrantes

obtinham sucesso. Isso revela, de um lado, a existência e a força de outros vínculos de solidariedade na formação dessas comunidades artificiais, agregando dirigentes, sócios, jogadores e torcedores a partir de uma mesma nacionalidade de origem, num país onde a identidade nacional era ainda uma construção precária (FRANCO JUNIOR, 2007: 72).

O Grêmio não manteve a sua tradição germânica apenas por força do seu estatuto, que não permitia jogadores e associados negros, mestiços e pobres. Toda construção dos seus primeiros anos de vida se deu através de uma estreita ligação com a colônia alemã. O primeiro campo de treinamento era um terreno em área nobre da cidade, Zona norte, protegida por morros do vento minuano, vento frio que soprava do sul. Situado no bairro que é hoje chamado de Moinhos de Vento, aquele terreno a princípio emprestado pelo Clube de Tiro Alemão. A associação do Grêmio com os alemães e com a artilharia era inevitável. As disputas que ali se travaram durante quase meio século, estiveram longe de ser simbólicas e ajudaram a construir a identidade gremista.

Características como “aguerrido” e “bravo”, proclamadas em cânticos dos torcedores e crônicas esportivas se desenharam naquele campo. O time guerreiro e peleador (lutador), exaltado até hoje pelos seus torcedores, e as lembranças de viradas épicas, são recorrentemente associadas ao espírito de seus fundadores e inerentes à cultura europeia, em particular a alemã, daqueles que deixaram corajosamente sua terra e vieram para o Brasil, desbravar novas terras. Um caso típico de uma memória construída em torno de valores positivos, porém etnocêntrico e enaltecendo a superioridade de uma raça sobre a outra.

Na primeira escalação do time estão, além de alguns de seus fundadores, outros nomes que fariam história como Augusto Koch e George Black, jogadores que se destacavam compondo uma linha de zaga com as características alemãs, como designam seus nomes, disciplinada, forte e calculista. Foi através de Augusto Koch que o Grêmio também arrecadou fundos para adquirir o terreno outrora emprestado e construir ali o Fortim da Baixada, primeiro campo do Grêmio. Já George Black era professor de Educação Física do Colégio São José e também o responsável pela

preparação dos outros atletas para os jogos, baseados, já nos primeiros anos do século XX, em treinamentos militares.

Não é por acaso que das grandes vitórias gremistas, as mais citadas nos livros que contam a história oficial do clube são contra times do Uruguai e da Europa. Vitórias contra o Nacional e o Peñarol do Uruguai, River Plate e Boca Juniors da Argentina são destacadas. Analisando estes acontecimentos, as disputas internacionais, valorizam o próprio Grêmio quando este se coloca no mesmo nível de seus adversários.

É neste ponto que a memória do clube e de seus torcedores coloca o Grêmio na condição de um clube cisplatino em oposição ao centro do país e em exaltação a uma história de conquistas internacionais próprias, não somente dos imigrantes, mas dando um passo em direção à cultura gaúcha.

1.2. A construção da identidade gaúcha e gremista

A construção dos símbolos e identidades do povo ocorreu à imagem da parte da população que hegemonicamente controlou a política e a economia do Estado a partir do século XVIII, o típico Gaúcho dos pampas. São levados a termo por uma construção histórica da identidade toda a coragem, audácia e espírito belicoso de portugueses e espanhóis que desbravaram aquela região do país. As permanentes disputas travadas no Rio Grande do Sul, desde os fins do Século XVII até o século XIX, conferiram um caráter belicoso às relações políticas e aos embates ideológicos nas fronteiras ao sul e oeste, que são em grande parte os limites do país e do estado.

O processo de formação do tipo social gaúcho está intrinsecamente ligado ao espírito guerreiro, às conquistas de uma terra inóspita e a insubmissão ao poder central, em que muitas vezes são exaltadas as formas violentas de conquista e resistência, além da produção e reprodução da vida material e cultural do homem do campo que conferem um caráter aguerrido ao ser e fazer do gaúcho.

O afamado “Esquadrão de Centauros”, exaltado por Giuseppe

Garibaldi, pode ser a própria figuração de um tipo humano adequado para as particularidades dos pampas à época colonial, mas que habita até hoje o imaginário social. Em outros momentos posteriores da história sul-riograndense, a reconstrução deste tipo social guerreiro no imaginário gaúcho os fizeram levantar-se contra o predomínio de Minas e São Paulo na República velha e também na luta pela legalidade quando houve a tentativa de afastar João Goulart da presidência.

Peritos em narrativas sobre sua terra natal são poucos os que conhecem e enaltecem tanto a história regional como os gaúchos. Figura como grande referência do povo do RS, a Guerra dos Farrapos, evento exaltado e celebrado praticamente como o Dia do Gaúcho, sendo o dia 20 de Setembro um feriado estadual. Na verdade não é comemorado só o feriado, mas uma semana inteira, a semana farroupilha. Além de seus personagens serem homenageados com nome de praças, ruas e avenidas é uma guerra exaltada e cantada no Hino do Estado. O hino é executado em qualquer evento oficial, e também em eventos populares, como partidas de futebol. Pela vivacidade do tema, pelo convívio desde criança com a história e os mitos da Revolução Farroupilha, foi de um torcedor gremista que ouvi a seguinte declaração: “O Hino Nacional eu ouço, canto, mas aquilo ali não me apetece em nada. Quando eu canto o Hino do Rio Grande do Sul, eu consigo entender e sentir exatamente o que quer dizer cada verso”.

É importante ressaltar a força que aquele tipo humano, o homem do campo (dos pampas) tem no imaginário dos gaúchos como um todo. Fruto da idealização das elites rurais gaúchas, surpreendentemente ainda ressoa dos mais distantes rincões do estado até aos grandes centros urbanos.

Esta tradição, quando colocada frente a novos padrões culturais totalizantes, acabou por promover um aumento dos regionalismos contribuindo para a exaltação do gaúcho, sua história e sua cultura. Pode-se dizer que foi assim frente ao predomínio da cultura norte-americana, nos anos de 1930 e 1940, quando surge o movimento Tradicionalista¹. Mais adiante, nos anos 80

¹ “Os primeiros e mais antigos atores do gauchismo são os tradicionalistas. Eles se constituem em um movimento organizado e atento a tudo o que diz respeito aos bens simbólicos do estado sobre os quais procura exercer controle e orientação. Para eles é fundamental

do mesmo século, quando a TV chega a maioria dos lares e com ela a ameaça de uma cultura dominante do “centro” do país, tem-se o surgimento dos festivais Nativistas². Assim, aumenta o acirramento desta disputa pelo imaginário de uma população cada vez mais urbana, mas que não se distanciou do tipo de vida da campanha³, mesmo que nunca tivesse posto os pés no charco.

Compõe a figura do gaúcho, além do ideal do homem do campo, um constante elemento de troca cultural com os “guascos” dos pampas argentinos e uruguaios, pois se trata de uma região de “fronteira viva”. Uma fronteira “seca”, de relações face-a-face, diferente de outras regiões do país, pois além de termos mais da metade dos Estados da Federação banhados pelo oceano atlântico de um lado, os que possuem fronteira com outros países da América do Sul estão normalmente separados pela densa floresta amazônica ou pelo pantanal. Foram limites conquistados através de combates e que propiciaram a possibilidade de receber referências com a região do Rio da Prata, o que não ocorre com outros estados brasileiros. Trocas que não se limitam ao modelo econômico, como a existência de estâncias, granjas e grandes fazendas de gado e cereais (arroz, trigo e hoje em dia a soja), mas também na língua, como nos hábitos e vestimentas, por exemplo.

Os imigrantes também formam parte importante na construção da imagem do gaúcho, mesmo que ele não seja representando humanamente na figura do Laçador (aquele típico gaúcho de bombachas, botas, boleadeira⁴, guaiaca⁵) e na apresentação formal do gaúcho em suas festividades. Foram imprescindíveis no processo de “embranquecimento” do estado e na elaboração de uma teoria de superioridade genética e eurocêntrica da miscigenação decorrente da chegada de europeus de outras partes da Europa, já que os açorianos foram os primeiros desbravadores daquelas terras hostis.

demarcar quais são os “verdadeiros” valores gaúchos, daí a necessidade de se erigirem em guardiães da tradição”. (OLIVEN, 2006: 166)

² Festivais que promovem o folclore gaúcho com exposições de músicas, danças e comidas típicas em diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul.

³ Modo como os gaúchos se referem ao campo, à zona rural, mas que possui também uma conotação de acampamento militar.

⁴ Artefato de corda que possui três esferas em uma das extremidades e serve para laçar o gado.

⁵ Cinto de couro, largo e com compartimentos para guardar munição, arma e facão.

Italianos e alemães foram os mais numerosos e não trouxeram somente sua “brancura”, mas uma nova ética para o trabalho: a disciplina, a moral familiar e o espírito aventureiro. Elementos supostamente intrínsecos a etnia européia que se somariam à coragem e ao aventurismo do gaúcho nativo, que apeava um gado selvagem em fronteiras indefinidas, frente-a-frente com os castelhanos. (OLIVEN, 2006)

As trocas fronteiriças não eram amistosas e em nenhuma outra parte do país se enfrentou tão diretamente as forças hispânicas. Frente às investidas militares inimigas era construída a noção de coletividade e necessidade do poder público para apoio em tais enfrentamentos, além da referência de alteridade junto ao castelhano. Havia no inimigo elementos de repugnância e admiração, além de um exercício constante de vida violenta e competitiva.

O gaúcho, conceito generalizante de todo nascido no Estado do Rio Grande do Sul, originalmente se referia a um tipo nascido na região do pampa, indiferente às fronteiras, pois incluía brasileiros, uruguaios e argentinos. Porém, na construção deste processo identitário, acabou por englobar homens de regiões diversas, como a serra, o litoral e a região metropolitana, além de etnias diferentes, como negros, índios, alemães, italianos, portugueses, poloneses, etc. Mas é o típico gaúcho que se sobressai como superior simbolicamente frente a todos os outros tipos humanos do estado. Como são as identidades, ele não expressa exatamente como são todos os gaúchos, mas como devem ou querem ser os gaúchos. Traz em si, não só os hábitos, mas as virtudes dos homens do campo, como a lealdade, a coragem, a virilidade, a honradez, o desprendimento, respeito à família, fazendo do gaúcho o arquétipo do herói e modelo ideal do ser humano que habita aquelas terras.

Não há como entender as ações dos torcedores e o surgimento de uma torcida de “alento”, sem procurar entender como agem e como se enxergam os gaúchos, nem as especificidades culturais do povo do Rio Grande. Não se podem negligenciar os fatores regionais de construção da identidade, as especificidades de uma juventude que aprende o hino do estado desde os primeiros anos escolares. Pessoas que tem por hábito ouvir músicas campeiras, tradicionalistas, bebem chimarrão e fazem churrasco de costela cotidianamente, o que não é diferente aos domingos, antes das partidas de

futebol, seja ao redor dos estádios ou em casa.

Ao trazermos esta identificação para o campo esportivo, em particular dos torcedores gremistas, percebemos que estes defendem a sua terra e a sua cultura, frente ao que classificam como monopólio do sudeste na mídia. É constante a reclamação entre os torcedores do espaço reservado ao Grêmio nos noticiários e os comentários depreciativos sobre o seu estilo de jogo, veiculados por jornalistas e comentaristas. Os xingamentos a Rede Globo e ao narrador Galvão Bueno – mesmo quando este não está transmitindo a partida – são apenas parte do discurso que manifesta esta contradição dos tricolores gaúchos em relação ao poder da mídia e a outras regiões do país.

Os torcedores do Grêmio, antes de todas as partidas no Olímpico cantam o Hino do Rio Grande do Sul. São muitas as bandeiras do Estado em meio às bandeiras do clube, algumas estilizadas com o símbolo do Grêmio no lugar do Brasão. E há um torcedor símbolo da torcida Geral do Grêmio, conhecido como o Gaúcho da Geral. Este é o apelido que recebeu Juliano Franczak, jovem morador de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre. Ele passa todos os jogos do Grêmio em frente à torcida, mais precisamente, de pé sobre a mureta abaixo da arquibancada inferior, se equilibrando, enquanto empunha uma bandeira do Rio Grande do Sul com uma das mãos. Com a outra mão, Juliano se agarra a uma das faixas da torcida (barras) e balança o corpo com o movimento das músicas e da barra, como se estivesse montado em um cavalo bravo.



Figura 1 - À esquerda: O Laçador. Monumento símbolo da figura do gaúcho tradicional. À direita: Gaúcho da Geral.

Fonte: Jornal Diário de Canoas, 08 jul. 2012.

Ali na mureta, o Gaúcho da Geral desafia o perigo de ser jogado a qualquer momento de descuido no fosso que separa a arquibancada do gramado. E dá visibilidade a este seu ato desafiador e de coragem, vestido totalmente a caráter, com a “pilcha” completa. Pilcha é o nome da indumentária típica do gaúcho e Juliano segue a tradição à risca, com mais ou menos adereços, dependendo da importância do jogo. Ele usa botas, bombacha, cinto, poncho, lenço no pescoço e chapéu. E sempre com a camiseta do Grêmio e a bandeira do Rio Grande do Sul.

A respeito desta junção entre o campo e a cidade, metáfora para o caso gaúcho entre os pampas e o gramado de disputa do futebol, podemos recorrer à observação de José Miguel Wisnik.

O futebol imprime aos jogos modernos a norma burguesa, mas mantendo uma margem significativa de ruralidade, uma dimensão telúrica indispensável para o entendimento da sua apropriação por outras culturas, de seu progressivo interesse policlassista e multiétnico e de sua vocação transcontinental. O futebol se joga ao ar livre, sobre a terra e sobre a grama, num espaço generoso e exposto à natureza, proliferando não só na Europa mas nas periferias do mundo, nos clubes como nas várzeas. Carrega em si, uma peculiar relação entre o mundo da cidade e o campo, uma marca notável da experiência inglesa manifesta no esporte por eles inventados. (WISNIK, 2008: 95)

O campo de futebol se torna, aparentemente, um lugar propício para os gaúchos, em especial os gremistas e a torcida pesquisada, exporem a sua tradição rural, mesmo em um delimitado espaço urbano como o estádio de futebol.

A imprevisibilidade com que a bola rola no gramado e suas imperfeições favorece um jogo onde as disputas corpo a corpo, passes e chutes não sejam tão precisos quanto os arremessos do basquete ou uma cortada no voleibol. Uma partida está sujeita a fenômenos da natureza como o vento, a chuva, o sereno ou o frio, que podem deixar um jogo mais rápido ou truncado.

Características que se assemelham às dificuldades enfrentadas pelos homens do campo ao lidar com a agricultura ou pecuária.

Esta espécie de luta pela posse da bola, misturada às dificuldades para conduzi-la ao gol adversário, ressalta o espírito coletivo do jogo e favorece a solidariedade entre os jogadores do mesmo time. O chamado espírito aguerrido do futebol jogado no sul do país é semelhante às relações dos homens do campo com a natureza de clima hostil e com seus pares.

Ficaram marcados na história do Grêmio, jogadores que se esforçaram dentro de campo com o mesmo afinco para roubar a bola como para marcar um gol. Os torcedores aplaudem jogas ríspidas, como carrinhos, cabeçadas e empurrões. Algo semelhante ao que se submetem nas arquibancadas, não importando-se com estádios sem cobertura que os expõem às mesmas intempéries dos jogadores em campo; ao suor e ao desconforto de pular debaixo do sol para incentivar o time, criando uma cultura de sacrifício para exaltar as sua paixão e os feitos do clube.

A valorização da dificuldade e do sofrimento, somadas à imprevisibilidade do jogo, possibilitam uma diferenciação dos torcedores da Geral de meros espectadores. Por ser um esporte onde nem sempre “vence o melhor”, o time que mais treina ou que tem melhor domínio da técnica, contribui para que os torcedores acreditem sempre “até o final”. Já a dificuldade e o sofrimento são fatores que os diferenciam, tornando-os elementos atuantes na transformação do resultado.

Algo diverso da individualidade presente em setores de cadeiras numeradas, onde cada torcedor preenche um espaço único e fixo. A atuação dos torcedores organizados, através de cânticos, abraços e movimentos coreográficos demonstra que os laços de solidariedade extrapolam os limites do jogo e assumem nas arquibancadas populares papel de coesão. Afora todos os elementos de coesão que as relações clubísticas trazem em si, as torcidas organizadas normalmente trazem designações como União, Família e no caso específico da Torcida Geral do Grêmio, a Amizade. Valores estes que também marcam os vínculos do trabalho camponês, seja de agricultura familiar, dos peões de grandes fazendas ou de tropeiros.

1.3. Orgulho e preconceito nas origens do gremismo

Ainda no ano de 1920, foi um gaúcho do interior do Rio Grande do Sul, descendente de índios Charrua, que contribuiu para outra grande identificação dos gremistas e que tornou o clube conhecido como *Imortal Tricolor*. Eurico Lara foi um goleiro trazido para o Grêmio de Uruguaiana, que defendeu o clube durante 15 anos. Além de servir à seleção gaúcha, Lara também servira o exército antes de ser convidado para jogar na capital. Ao seu respeito e no imaginário construído sobre a sua figura, são ressaltadas características oriundas da caserna, de onde trouxe a disciplina; de seus antepassados indígenas, a tenacidade e o espírito guerreiro.

Mas tal foi sua identificação com o clube e suas conquistas, que sobre ele até hoje pairam lendas a respeito da sua morte. Torcedores costumam responder sobre Lara que “foi um cara que defendeu o Grêmio até a morte”, outros dizem que “depois de defender um pênalti em um Grenal ele faleceu em campo”. Exaltado no Hino do Cinquentenário do Clube composto por Lupcínio Rodrigues “*Lara o craque imortal, soube o teu nome elevar / hoje com o mesmo ideal, nós saberemos te honrar*”, Lara também é um ídolo que estampa diversas faixas da torcida do Grêmio nas arquibancadas do Estádio Olímpico hoje em dia.

Afora as lendas sobre o primeiro dos *imortais tricolores*, Lara, após anos sem ir ao hospital, foi parar em um por causa de uma contusão no joelho. Como a inflamação demorava a curar, resolveram fazer um check-up que determinou que ele estava com tuberculose, uma sífilis mal curada e hepatite. Lara estava desde maio de 1935 internado quando decidiu disputar o Grenal que decidiria o campeonato Metropolitano em setembro daquele ano. Jogou apenas o primeiro tempo, que terminou 0x0. Ao final do jogo o Grêmio sagrou-se campeão, na partida que foi chamada de Grenal do século, pois foi decidido no dia 20 de setembro, dia da comemoração do primeiro centenário da Revolução Farroupilha. Um mês depois ele faleceu, mas inspirou uma sorte de

histórias que, influenciadas pelo seu espírito, concediam ao Grêmio “feitos imortais”.

Esta é mais uma das características do *gremismo*, a distinção através do que chama de imortalidade, o torcedor que está acima da vida cotidiana e que segue eternamente o seu clube. Sintetiza também a duração conotativa de uma partida. Para os torcedores, que vivem e constroem o seu pertencimento em vitórias, mas também em decepções, há partidas que duram mais do que os noventa minutos regulamentares. A ligação afetiva com o clube supera o momento de fruição de um jogo ou a duração de um campeonato. Os torcedores herdaram a memória do clube a que pertencem e dela passam a fazer parte a cada jogo, vitória ou derrota, estejam eles presentes ou não.

A identificação do Grêmio com a colônia alemã, não criou cisões apenas decorrentes da contradição brasileiros x imigrantes. A manutenção estatutária do impedimento de atletas negros de fazer parte do grupo de jogadores já causava descontentamento entre parte dos sócios do clube. Era início dos anos de 1950 e a opinião pública questionava a distinção racial em um meio onde os negros se destacavam, ascendiam socialmente e eram protagonistas do sucesso no próprio esporte. A pressão de torcedores por resultados demonstrava também o quanto estava caduca tal proibição. Em 1952, o Internacional completaria seu décimo título em doze anos, sendo destes, seis seguidos.

Dirigentes do Grêmio àquela altura estavam pressionados por sócios que queriam ver pronto o novo estádio – o Olímpico, que seria inaugurado em 1953 – mas que também não abriam mão de títulos. Porém a escassez de vitórias diminuía a arrecadação, fazendo com que ambos os projetos naufragassem.

A solução estava mais próxima do que se imaginava e o Grêmio resolveu contratar o jogador Tesourinha, ídolo do Internacional na década de 1940. O ponta direita fez parte do “rolo-compressor” e por seguidas lesões no joelho não disputou a Copa do Mundo de 1950. Após uma passagem também marcada por lesões e decepções pelo Vasco da Gama, Tesourinha voltou a Porto Alegre, a princípio para tentar uma vaga no Internacional. Porém, o

presidente do colorado à época, ainda muito magoado com a transferência de Tesourinha para o Vasco, decreta que no Inter ele não jogaria nunca mais.

O caminho estava aberto para que ele se transferisse para o Grêmio e em 04 de março de 1952, ao vestir o uniforme de treino ele se torna o primeiro jogador negro a treinar com as cores do tricolor gaúcho. O clube que dentre as suas três cores também tem o preto, vai carregar por mais outros cinquenta anos, pelo menos, o fardo pela discriminação.

É difícil dizer se por constrangimento ou omissão deliberada o nome de Tesourinha não está entre os estandartes de jogadores homenageados no memorial do clube. Avaliando os três livros do jornalista Eduardo Bueno sobre o Grêmio, Tesourinha sequer é citado. É certo que a sua narrativa em *Grêmio: campeão acima de tudo* e *Grêmio: nada pode ser maior* estão mais próximas de um relato torcedor do que científico. Mas mesmo que sua memória esteja ali impregnada do *gremismo* que ele mesmo ajuda a construir, é gritante a falta do ponta direita negro que ajudou a quebrar preconceitos dentro do clube, se é que isso foi plenamente possível.

Na verdade o Grêmio já utilizara em sua equipe jogadores mestiços, porém em cuja aparência física predominava o tom de pele mais claro. Tesourinha era negro de pai e mãe, de corpo e alma e no registro civil. Ver o clube se democratizando, porém, não parecia ser o mais importante para outra parte dos associados e torcedores.

A carta abaixo foi publicada no *Jornal Correio do Povo* no dia 06 de Março de 1952, dois dias após a apresentação de Tesourinha. O texto foi publicado a pedido de associados em resposta à Nota Oficial publicada pela Direção do Grêmio no mesmo jornal:

A PEDIDO
“Confissão Oficial”...

A DIREÇÃO DO GRÊMIO AGIU ARBITRARIAMENTE
Em Nota Oficial, publicada anteontem pela imprensa local, a direção do Grêmio P.A. procurou explicar aos seus associados e torcedores a razão determinante da atitude que assumiu e resultou da quebra de uma tradição nascida com o próprio clube.

A nota, em resumo, diz o seguinte: “A Diretoria do Grêmio P.A. vem trazer a conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unânime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atleta de cor em sua representação de futebol. O uso que se formou, a tradição que se consolidou, não podem mais prevalecer na época atual, onde um profissionalismo absoluto está a exigir sempre as mais decididas medidas para garantir da sobrevivência das agremiações. Seguimos, com a orientação que tomamos, a exemplo das mais gloriosas e tradicionais agremiações do Brasil e do continente”.

A atitude da direção do Grêmio, de tão controvertidas opiniões, veio dar, incontestavelmente, NOVOS RUMOS À VIDA DA GLORIOSA AGREMIAÇÃO e isto, reconhece na mencionada nota, a própria presidência. Acontece, entretanto, que o Artigo 91, inciso 1º, Letra F dos estatutos, reza o seguinte: “COMPETE AO CONSELHO DELIBERATIVO RESOLVER SOBRE MATÉRIA QUE ENTENDA DIRETAMENTE A EXISTÊNCIA DO GRÊMIO”, e no entanto foi simplesmente a Direção que, “por decisão unânime”, resolveu “tornar insubsistente” a norma que vinha sendo seguida. “Temos certeza”, diz o senhor Presidente, “que aqueles fundadores, distantes cinquenta anos de nossos dias, estão a aplaudir o nosso gesto, ao compreender a realidade da época que passamos”. Ora, se o gesto da atual direção do Grêmio veio modificar a orientação traçada por seus fundadores, está essa diretoria resolvendo ARBITRARIAMENTE sobre matéria que “entende diretamente com a existência do clube”. Eis a razão por que criticamos a Direção tricolor de não ter convocado o Conselho Deliberativo.

O caso não era rotineiro, não se tratava de “uma simples contratação de jogador”, como asseverou a Presidência, quando da reunião com os associados descontentes, tanto assim que ela sentiu a necessidade de dar uma explicação “ao mundo desportivo em geral e aos simpatizantes em particular”, o que jamais aconteceu em cometimentos de tal natureza.

*São atitudes como essa, que gerando discórdia numa agremiação, que a tornam “menos pujante”, “menos gloriosa”, “menos respeitada” e “menos vezes campeã”.
Ex-associados e simpatizantes descontentes*

(ENDLER, 1984: 79-80).

Fossem dez anos antes ou dez anos depois, os efeitos na construção da cultura do torcedor gremista da contratação não seriam tão relevantes como demonstrado no ódio racista dos torcedores descontentes. O clube já era então plenamente carregado pela conotação elitista de seus dirigentes e associados. Seus torcedores, já eram identificados como “os alemães”, “os gringos”. O contrário era verificado na torcida colorada, marcadamente popular a partir dos anos 30, quando o clube passou a ser considerado o “clube do povo”.

A contratação de Tesourinha pelo Grêmio não apenas causou uma crise institucional no clube, mas também uma crise de identidade entre os gremistas que pode ser sentida até hoje. Se é nos anos quarenta que o Inter se torna o time do povo, dos negros e pobres, na década seguinte, o Grêmio está em xeque com a sua identidade. A resposta feroz dos descontentes na nota citada acima, ainda ecoa em setores da torcida gremista na forma preconceituosa que se referem aos torcedores do Internacional. Chamar os colorados de macaco não é uma ofensa recente, mas ganha contornos distintivos mais fortes à medida que a torcida Geral do Grêmio a incluí nos cânticos ao se referir ao rival. Algo que não acontecia antes do seu surgimento e que se acentua quando esta torcida busca a legitimidade torcedora em tradições da instituição, como a referência ao Fortim da Baixada, ao hino dos anos vinte e à disciplina e a garra dos imigrantes alemães, citados nominalmente na faixa estendida no Estádio Olímpico.

Quando o Brasil se junta aos aliados no combate ao nazismo durante a segunda guerra, a contradição entre gremistas e colorados é acirrada e há um racha na cidade que vê comércios e fábricas de alemães ou descendentes serem atacadas pela população portoalegrense, vendo ali próximo o inimigo. O Grêmio, por conseguinte, também é vítima desses ataques e sofre retaliações de políticos locais e um arrefecimento no ânimo de seus torcedores, após o fim da segunda guerra mundial, que se reflete também em seus resultados esportivos. A euforia que tomava conta dos colorados naquele período glorioso de sua história, se refletia no crescimento do clube em patrimônio e títulos.

O maior deles é sem dúvida a popularização de sua torcida. Como exemplo, podemos citar o seu torcedor símbolo da década de 40. Conhecido

como Charuto, ele era responsável por animar a torcida do Internacional nas arquibancadas do recém inaugurado Estádio dos Eucaliptos.

Na verdade o Inter possuía dois torcedores símbolo, Charuto e a Cabrita Chica. Charuto é, segundo as palavras de Endler, um negro bonachão, simples e pobre. É grande figura dos Eucaliptos, onde a cada domingo se confraterniza com outros torcedores. A cada cerveja aberta no estádio, pelo menos um copo é oferecido a Charuto, descrito como não apenas o torcedor mais apaixonado, como também o mais elegante, pois sempre trajava um terno de linho branco. Chica, que sempre o acompanhava, era uma cabra preta, com pequenas manchas brancas e a sua presença era certeza de vitória colorada. Considerada um talismã, sua presença ao lado de Charuto era constante e ocupava inclusive arquibancadas em dias de jogos fora do Estádio dos Eucaliptos.

Charuto não costumava pagar as entradas, pois sempre havia alguém que as comprasse para ele. Ficava sempre de costas para o campo, discursando e inflamando a torcida em apoio ao time. Analfabeto, alguns atribuem a esse fato a sua dificuldade de dicção; para outros era resultado do seu constante estado de embriaguez. Importante é reconhecer que já nos anos 40, era símbolo dos torcedores do Internacional, um negro, pobre e analfabeto. Ao contrário do Grêmio, que sequer aceitava negros entre seus associados, teve com símbolo, mais uma palavra de ordem do que um personagem ou animal. O racionalismo superava as superstições e a crença em talismãs. Torcedor símbolo do Grêmio, Salim Nigri era branco, alto e descendente de italianos. Seu maior feito foi escrever uma faixa em apoio aos jogadores que acabou se tornando lenda e verso do hino de Lupcínio Rodrigues: “com o Grêmio onde o Grêmio estiver”.

Era o ano de 1946 e durante o mesmo período de penúria de títulos, Nigri estendia a faixa em todos os estádios onde o Grêmio jogasse. Mesmo aos dezessete anos, sua dedicação em organizar viagens de trem ou bonde e a presença nos jogos o fizeram líder da torcida do Grêmio. Estudava e era bibliotecário, além de sócio do clube. O título conquistado pelo Grêmio naquele ano, interrompendo uma sequência de seis seguidos do Internacional, fizeram

aumentar a mística daquela faixa, e daqueles versos, que até hoje identificam os gremistas Brasil a fora.

As distinções entre gremistas e colorados ocupam um lugar dentro do campo dos fãs de futebol de espetáculo no Rio Grande do Sul expressas nas jocosidades dos torcedores comuns, que ocorrem em bares, entre colegas de trabalho ou amigos de escola. Quando nos debruçamos sobre outro campo de disputas dentro desta mesma matriz do futebol de espetáculo, que são os Torcedores Organizados, ou engajados, os ícones desta distinção assumem papéis simbólicos preponderantes.

Algo que caracteriza o Internacional como clube do povo, na expressão de um adversário gremista, vira “clube de ladrões ou trombadinhas”; o reverso se dá na relação do gremista com a perda de sua masculinidade, ao ser caracterizado com “viado” ou “putão” em oposição a “garra” e “imortalidade” de seus jogadores e torcida. Na escolha dos lemas da Torcida Geral do Grêmio, a maior torcida organizada do Grêmio atualmente, juntaram-se as palavras AMIZADE – TRAGO - ALENTO. Características reproduzidas do ideal típico do gaúcho, misturando-se ao modelo ideal de torcedor, da Geral. Lealdade aos seus amigos de arquibancada; a coragem de se embriagar e se sacrificar em nome do time, prova de sua masculinidade expressos pela palavra “trago” – bebida; e por fim o alento, que é a condição primordial para o novo modelo de torcedor organizado inaugurado junto com o modelo da Geral do Grêmio, aquele que canta e empurra o time sem parar.

Estas expressões então escritas, não por acaso, em uma faixa com a pintura do Brasão do Rio Grande do Sul, alterado pelas três palavras pintadas sob o símbolo do Grêmio e se colocam em expressão do *gremismo* específico daqueles torcedores da Geral do Grêmio, e uma mensagem que representa eles próprios perante seus iguais, modelos de, “geraldinos” e ao mesmo tempo um símbolo que os distingue dos outros gremistas e ao final de contas dos colorados.

Sobre a distinção específica que se dá entre gremistas e colorados e que é o interesse deste capítulo sobre a construção da identidade gremistas, podemos dizer que construiu-se recentemente, após os ano 2000 e a fundação da Geral do Grêmio, que perante a sua necessidade de afirmação, esta torcida

tornou mais agudas as diferenças. A marca popular da torcida do Internacional foi depreciada com o uso de expressões como “macaco” – tratando o colorado como inferior por ser negro; “amargo”, de pessoa pobre, amargurada, sem alegria no coração e principalmente porque não canta, não incentiva o seu próprio time. O torcedor da Geral transforma a acusação de pobreza material ou a popularidade exaltada pelo colorado, em pobreza de espírito, considerando-os torcedores sem dedicação, sem entrega, sem alma. Este último também expresso no termo “macaco”.

A resposta colorada vem em forma de orgulho por ser um time do povo. Não por acaso a sua torcida de Alento, fundada em 2003 se chama Guarda Popular. Além de ocupar o setor “popular” da arquibancada, esta nova torcida busca a exaltação de símbolos de popularidade do Internacional colocados em constante disputa com os rivais tricolores.

O macaco vira um auto-referencial de força e imposição de respeito através do medo, do terror. Uma de suas faixas estendida na arquibancada avisa: “bem vindo ao planeta dos macacos”. Algumas outras faixas são pintadas com rostos de grandes gorilas, fortes e com o rosto raivoso. Outras faixas simplesmente reproduzem o termo em letras garrafais e pontuadas: M.A.C.A.C.O.

Dentro destes limites entre jocosidade e preconceito, o futebol permite aos torcedores assumir “a partir de certo momento a alcunha, fazendo do suposto estigma o próprio antídoto e a sua marca de identidade ostensiva. Adotando o xingamento, reverterem o caráter pretensamente negativo da expressão, imprimindo-lhe uma conotação orgulhosamente provocativa. (WISNIK, 2008: 49)

Outra faixa da Guarda Popular que chama a atenção é a que traz o lema desta torcida, mensagem escrita vermelho e branco e que está presente em todos os jogos do Internacional no Beira-Rio diz: CANTO-CHURRASCO-CACHAÇA. Mesmo que não tenha sido feito em uma “resposta aos gremistas”, traz em si os elementos populares dos colorados. Ao invés de se referir ao “alento”, termo de origem castelhana para os cânticos da torcida do Grêmio e inspirados nas torcidas argentinas, o “canto” é a referência escrita em bom português à atitude da torcida colorada para apoiar o time, também cantando o

jogo todo. Churrasco e cachaça fazem parte da mistura festiva e popular que congrega os amigos de torcida. Mesmo que o churrasco seja um símbolo de todos os gaúchos, a sua referência em uma faixa de torcida organizada diz mais respeito às festas que se fazem ao seu redor, do que um mero espeto de carne que enfeita estátuas e cartões postais do Rio Grande do Sul. E a cachaça é a bebida alcóolica mais barata e combustível para os torcedores que se auto-intitulam “do povão”.

1.4. O clubismo e a construção das rivalidades

Como dito anteriormente, não há racionalidade na escolha de um time para ser torcedor. Quando pensamos em clubes de futebol, a ideia é de uma paixão e um sentido criado a partir desse sentimento de pertencimento, o que, nesse trabalho, será analisado como pertencimento clubístico. Nesse sentido, o conceito de “totemismo moderno” como uma trama social e cultural, desenvolvido por Arlei Damo, nos possibilita um avanço considerável na discussão acerca dessa dinâmica de emoções do universo do futebol na atualidade. Para o autor, sua matriz espetacularizada funciona em consonância com a dinâmica do clubismo, que seria “uma espécie de totemismo moderno no espectro do qual ser palmeirense, flamenguista ou cruzeirense adquire sentido”. Dessa forma, a dimensão da emoção que possibilita a venda do espetáculo é a mesma que gere a formação/ produção de atletas nos moldes tal qual conhecemos, porque há uma matriz comum, a FIFA, gerindo todo o sistema clubístico.

Porém, essa dinâmica do clubismo não abarca toda a questão acerca dos torcedores. O autor destaca que há outras interpretações a serem utilizadas e desenvolvidas, mas a que melhor se aplica no objeto aqui estudado é essa dinâmica das emoções, vide a matriz espetacularizada e as condições sociais do futebol geradoras dos diferentes grupos de torcedores, sejam eles

membros de torcidas organizadas, sócios-patrimoniais, sócios-torcedores ou que acompanham o esporte pela TV ou pelo rádio, sem frequentar estádios.

Abordar a questão do torcedor a partir desse ponto de vista permite o apontamento de alguns traços da trama que se desenrola a partir do envolvimento com questões financeiras e no que tange à organização espacial das arquibancadas, com a construção de cenários. Levar em consideração a espetacularização significa considerar a comercialização desse espetáculo para um grupo de torcedores simultaneamente à sua produção. O torcedor, ao abrir faixas e bandeiras, entoar cantos de diversas formas, está intervindo na construção do espetáculo, não é mero torcedor passivo, mas sujeito social de sua produção. E, simultaneamente a essa paixão levada a cabo pelo time, forma-se um mercado consumidor de produtos do time e dos jogos, um sistema de relações, no qual o sentido de ser gremista é o que os impulsiona. Daí a necessidade da abordagem da dinâmica do clubismo na formação de um mercado consumidor de futebol como espetáculo e dos produtos esportivos derivados do clube.

O vínculo ad infinitum é fundamental para que o clubismo funcione plenamente, mas isso só é possível de ser entendido tomando-se um clubismo em perspectiva semiológica. Isto implica pensar que é o sistema de pertencas que sugere, e até mesmo constrange, determinadas atitudes. Se você ama o Inter, dirá o sistema, você não apenas o ama acima de todos os outros clubes, senão que odeia o Grêmio. Ser colorado é, ao mesmo tempo, ser um anti-gremista. É óbvio que isso adquire outras conotações na dinâmica concreta das emoções futebolísticas, mas no plano ideal um e outro funcionam como pares antitéticos, razão pela qual um deles é identificado como o time do povo e outro da elite (DAMO, 2007: 55).

Se entre os gremistas a aversão ao vermelho, cor do Internacional, é visualmente percebida, a distinção racial não é menos perceptível. Em um grenal disputado no Estádio Beira-Rio, um torcedor levou como “adereço” um cacho de banana. Outro torcedor exibiu um macaco de pelúcia enforcado com uma corda, sem contar nos cânticos e xingamentos proferidos antes, durante após os jogos, em que os colorados são chamados de macacos. Os limites desta espécie de máscara identitária que o torcedor veste dentro de um estádio, são restritos quando confrontados com outras relações que superam a

rivalidade clubística. Constrange parte de certos torcedores do Grêmio, negros ou não, tais ofensas. Neste mesmo grenal, em 2007, quando o time do Internacional entrou em campo para o segundo tempo da partida, parte da torcida do Grêmio imitou sons de macaco. Ao saber que eu estava registrando um vídeo para a pesquisa, um torcedor pediu-me envergonhado: “Cara, por favor, não filma isso daí, não. Vai pegar mal...”

Há diferenciação na posição dos torcedores, já que, conforme destacado por Luiz Henrique Toledo, o futebol para os torcedores organizados, não consiste em um momento tão somente de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de torcidas organizadas, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano (TOLEDO, 1996: 114). São torcedores militantes, experimentando uma forma própria de gostar de futebol. As torcidas organizadas impõem limites, hierarquias, vestem-se de maneiras diferenciadas, criam padrões estéticos de como se torcer, gostos e comportamentos, que se traduzem em intervenções coletivas no meio urbano: uma maneira de gostar do futebol, traduzida em estilo de vida.

A contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivencia seu pertencimento, já que cada clube possui a sua história marcada por altos e baixos, freqüentemente atualizados nas narrativas dos torcedores. No caso brasileiro, os pertencimentos parentais e, particularmente, os laços de sangue, culturalmente vistos como inquebráveis, ocupam lugar de destaque no clubismo. Para Arlei Damo, essa afirmativa implica dizer que a maioria dos meninos escolheu o time dos pais, o que possibilita a eles compartilhar o drama de empenhar juntos as emoções em um clube.

Da mesma forma, representa um vínculo exclusivo e imutável com o clube, já que mesmo diante de uma performance ruim, um torcedor engajado não abandona seu time, porque há mais que uma simples escolha, há um pertencimento acima de uma escolha individual, como parte de um “sistema

articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como totemismo moderno” (DAMO, 2007: 66). Esse sistema opera de forma relativamente autônoma, estabelecendo correspondências entre as partes e fazendo circular um conjunto extenso de dádivas, afetos, jocosidades, insultos, códigos de honra e outras ideais de pertencimento.

É importante demarcar uma diferença entre torcedores e torcedores engajados, já que este último é a figura chave para compreensão do clubismo, diferentemente do torcedor comum. Torcer e pertencer não significam a mesma coisa e, por isso, o uso do conceito de pertencimento clubístico, para diferenciar o simples ato de torcer do sentimento de pertencimento a uma comunidade maior, em termos afetivos e, às vezes, até mesmo físicos, como no caso das torcidas organizadas. São casos de uma paixão militante, de torcedores que acompanham verdadeiramente seu clube, expondo-se a perigos, a privações e à doação de um amor incondicional a seu clube. Como afirma Arlei Damo “ela especifica, no espectro de torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela freqüência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional” (DAMO-2001: 53).

Ao se utilizar do conceito de “comunitas” da obra de antropologia de Turner, como uma experiência coletiva que transcende o próprio indivíduo em diálogo com a transcendência da esfera religiosa de Durkheim, o autor afirma que há uma sobreposição do “eu” e do “nós” nesses momentos de torcer. Inclusive, o que ocorre nos estádios nos períodos anteriores e posteriores ao jogo, é analisado como o resultado do afloramento dos sentimentos que são a base desse engajamento militante, o pertencimento clubístico. Há uma sobreposição do “eu” e do “nós”, ou seja, o pertencimento a uma comunidade de sentimento que é responsável pela construção dos “ismos” do futebol. Como é o caso do que chamarei de gremismo, em referência a construção histórica da identidade daqueles que torcem para o Grêmio de FootBall PortoAlegrense.

De qualquer sorte, as escolhas clubísticas não são jamais aleatórias. O sistema de pertencimentos, no conjunto, funciona à maneira do totemismo, de modo que a tendência, para o caso daqueles cujos totens da cidade ou do estado não fazem parte

da elite, é escolher entre os que dela participam. (DAMO, 2007: 64)

Acerca da rivalidade clubística, Arlei Damo afirma que tais traços de pertencimento foram construídos em sua maioria a nível regional, são clubes adversários a níveis locais que, segundo ele, tal processo se deu porque essas rivalidades se constituíram em um período em que preponderavam as disputas pelas ligas metropolitanas, sob a égide do amadorismo. Fato ainda reforçado porque o jogo é um ritual disjuntivo, causando assim, um comportamento antagônico, situação construída por uma simetria ordenada que objetiva o desenvolvimento de um desfecho entre perdedores e vencedores.

A exibição em forma de um confronto espetacularizado, com a separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a manutenção da circulação das emoções dos torcedores e de garantia de um mercado:

Como em outras modalidades artísticas ou esportivas, o gosto do público e os interesses da indústria do espetáculo classificam alguns artistas como dignos de compensação e outros como muito dignos de dinheiro e de outras dádivas (DAMO-2007: 44).

Ao abordarmos a nova configuração do futebol brasileiro a partir de uma perspectiva globalizada, interligada com a situação mundial em um mercado globalizado de pés de obra e afins em um campo esportivo, é importante ressaltar a cronologia proposta por Luiz Henrique Toledo (2001), na qual o terceiro e atual momento teria como marco inaugural a primeira metade da década de 90, na qual são apontadas como características principais a diminuição da burocratização e a ampliação dos processos de profissionalização, no que se refere aos jogadores e ao gerenciamento de clubes, federações e confederações, fase que passou a contar ainda com a presença de capital privado “patrocinando e condicionando” os negócios esportivos.

Ao abordar a matriz espetacularizada conjugada com a discussão sobre pertencimento clubístico, temos por objetivo correlacionar os interesses comerciais em jogo no cenário esportivo.

Esse engajamento garante boa parcela de espectadores e co-autores do espetáculo, na medida em que só é possível encher um estádio com a existência de um grupo de torcedores fiéis. São esses que viabilizam boa parte do lucro dos clubes, já que representam um mercado consumidor de produtos esportivos em primeira instância, ingressos, camisas do próprio time e, em segunda instância, da comercialização dos produtos deste espetáculo para a TV. Desta forma, o torcedor é mais que uma figura de audiência.

O futebol espetáculo é caracterizado principalmente pela presença de público. Porém, esse público não está na assistência meramente para observar uma partida dividida em ganhar ou perder; na verdade, há um grande investimento em termos afetivos. O torcedor que se dirige a um estádio faz parte de uma comunidade afetiva que é o seu time. Para compreensão dessas emoções é necessário entender o que significa ser torcedor do Grêmio e em particular, aquele que frequenta a Geral do Grêmio e qual o drama que essa escolha representa. Ir a um estádio de futebol representa mais do que uma chance de ver o seu time de perto, é bem mais do que torcer pela vitória.

2. ENTRANDO EM CAMPO COM A GERAL DO GRÊMIO

2.1 - A Crise das Organizadas nos anos 90

O final dos anos noventa marcou um período de grande dificuldade para as torcidas organizadas do Grêmio FBPA. As constantes brigas entre as torcidas de Grêmio e Internacional fizeram com que houvesse um aumento de medidas de repressão por parte da Brigada Militar, entre elas, a responsabilização das diretorias dos clubes por qualquer ato dos torcedores de seus clubes.

A direção do Grêmio, por precaução e como parte do seu projeto de elitização, diminuiu e em alguns momentos encerrou a distribuição de ingressos para membros de torcidas organizadas. Foi vedada também a entrada de instrumentos musicais (surdos e caixas), bem como foi proibida a entrada de bandeiras com cabos de bambu. Materiais que faziam parte de um conjunto de elementos de alegoria e percussão de um tipo de torcida que se consolidara nos anos oitenta e ainda era preponderante dentre as torcidas gremistas em 1998.

Torcedores organizados que se diferenciavam dos demais não apenas pelas camisas que vestiam, mas por um conjunto de símbolos e rituais que superavam as divisões espaciais e estéticas dentro do Estádio Olímpico. Em estudo sobre as Torcidas Organizadas da cidade de São Paulo, Toledo (1996) assim as distinguiu:

O termo Uniformizada é anterior ao termo Organizada. Hoje, as maiores torcidas preferem a denominação Organizada para destacar que existe uma dada organização para além da mera uniformização (uso de camisa comum) de seus sócios na arquibancada (TOLEDO, 1996: 26).

Organização esta que não fugia a uma certa padronização de Torcidas nos estados da Região Sudeste e Sul do Brasil, mais representativos no

cenário futebolístico onde estão sediados os maiores clubes do país⁶. Neste período de consolidação das Torcidas Organizadas, Teixeira (2004) afirma que:

As Jovens crescem e se organizam de forma expressiva entre meados da década de 80 e início da década de 90. (...) assumindo um aspecto cada vez mais profissional, ganhando visibilidade enquanto empresas pautadas por uma organização interna e projetos comuns que norteiam suas ações. O caráter empresarial dessas agremiações é valorizado pelos torcedores como uma condição a ser consolidada". (TEIXEIRA, 2004: 54-55)

Internamente, as torcidas do Grêmio enfrentavam disputas pela hegemonia dos torcedores nas arquibancadas, monopolizadas por Torcida Jovem e Super Raça Gremista, que ora cresciam ou diminuía de acordo com as dissidências de suas subdivisões, ou de torcedores insatisfeitos com os presidentes, líderes e suas atitudes de aproximação com diretores do clube. Enfrentavam críticas constantes dos seus próprios associados, que viam nesta relação suspeitas de corrupção e favorecimento pessoal.

Através de relatos dos torcedores entrevistados eram apenas suspeitas. O que ocorria mesmo era um acirramento das contradições entre o novo tipo de administração e negócios frutos do futebol de espetáculo que surgia e estes “elementos indesejados” que afastavam as famílias e os ditos “torcedores de bem” (consumidores pacíficos). Estragando ou adiando os planos dos Presidentes do Grêmio que à medida que se sucediam, implementavam medidas de controle e exclusão dos torcedores organizados, associados comumente a gangues juvenis, que promovem a desordem e o caos urbano, afugentando outros torcedores dos estádios de futebol, depredando equipamentos urbanos, congregando desocupados, malandros e marginais, de toda espécie. (TOLEDO, 1996)

As tensões entre Torcidas Organizadas se mantêm desde o seu surgimento e não seria diferente frente à perda de subsídios implementados no final dos anos noventa, no mandato do Presidente do Grêmio, Cacalo. Seu nome foi citado acompanhado de um palavrão, em depoimento de um torcedor

⁶ Regiões que concentram os clubes com maior número de torcedores e com mais títulos nacionais conquistados.

que era membro da Torcida Jovem do Grêmio no período como “um cara que resolveu acabar com as organizadas. Era pau todo jogo”.

Era um período em que as torcidas possuíam uma organização onde a administração tendia a ser democrática e empresarial, porém os Presidentes das torcidas do Grêmio se perpetuavam no poder. Mesmo com um estatuto e uma estrutura burocrática e hierárquica para manter o funcionamento da torcida, e com eleições para as chapas – que incluía Presidente, Vice e Diretores – Nílson Correia foi presidente da Torcida Jovem do Grêmio por mais de dez anos. Estruturadas e com sedes / salas dentro do próprio Estádio Olímpico, as Torcidas Organizadas do Grêmio tinham um funcionamento semelhante às Torcidas cariocas do mesmo período,

(...) com sede (normalmente uma sala comercial alugada) e uma estrutura hierárquica formal, normalmente composta por Presidente, Vice-Presidente, Conselho, Diretor de Faixas e Bandeiras, Diretor de Comunicação, diretor de Bateria e outros, que fossem necessários a organização e manutenção da estrutura da torcida ou estivessem previstos em estatuto. As torcidas Organizadas dos principais clubes cariocas se mantinham basicamente com as mensalidades dos sócios e venda de materiais, como camisas, bonés, bóttons, adesivos etc. Em contrapartida o associado se matriculando e pagando as mensalidades em dia teria direito a descontos nos ingressos, nas viagens e na aquisição de material.” (TEIXEIRA, 2004: 56)

Além de se enfrentarem, essas duas torcidas ainda conviviam com as disputas internas das subdivisões regionais, núcleos menores de pertencimento e identificação, que poderiam ser nomeados pelo bairro de origem do grupo, região da cidade (Zona Norte x Zona sul), vilas ou outras cidades da grande Porto Alegre (Canoas⁷, Novo Hamburgo, São Leopoldo). Fato que tornava palco de brigas entre eles até mesmo o meio de transporte utilizado para chegar até o Estádio: o trem. Uma referência para identificação de quem era bom de briga e que entoava seus feitos em canções que citavam a estação ou os vagões do mesmo, na rememoração destes feitos. O que para Paulão, um dos fundadores da Geral do Grêmio, era um absurdo: “os *guris*

⁷ As subdivisões da Torcida Jovem do Grêmio eram denominadas Arrastões. O Segundo Arrastão, aglutinava os torcedores da cidade de Canoas e foi citado em entrevistas como o mais atuante nos anos 90.

faziam música até para o vagão do trem!!!” E demonstrava, segundo ele, que aqueles torcedores torciam mais para a torcida do que para o Grêmio.

Fatos que já se tornavam corriqueiros como as brigas no Trensurb (transporte ferroviário que liga o centro de Porto Alegre às cidades da região metropolitana como Canoas e São Leopoldo, dentre outras) tiveram como resposta a divisão dos vagões em dias de clássico GreNal. Um para cada torcida, separados por um vagão “lotado de brigadianos⁸”, na voz de um torcedor. Chegando ao centro da capital, ainda havia ônibus especiais que levavam esses torcedores diretamente para o estádio onde seria disputada a partida, escoltados por viaturas policiais. Na frente destes ônibus especiais o letreiro que normalmente informa o destino do coletivo vem escrito FUTEBOL.

Até hoje ainda funciona este esquema, que controla e vigia o torcedor desde a estação ferroviária até a entrada no estádio. Porém é cada vez menor o número de ingressos cedidos a torcedores visitantes em grenais, limitados a 10% da lotação do estádio onde será disputado o clássico.

Mas nem só os envolvidos nas partidas são afetados por essas adaptações feitas para o deslocamento dos torcedores pela capital. A cidade inteira acaba por interagir através destes espaços que são reordenados, reapropriados e mesmo ressignificados em função de jogos e torcidas. Há, dessa maneira, toda uma mobilização no sentido de adequar partes da cidade ao evento (TOLEDO, 1996: 40)

Ainda como medida repressiva e de controle dos torcedores organizados, todos aqueles que fossem filiados a tais agremiações, teriam o seu número de inscrição impresso nas camisetas que deveriam vestir quando estivessem a caminho ou dentro do estádio e somada à instalação de câmeras pela cidade e a um acompanhamento rigoroso da Brigada Militar (com câmeras filmadoras e fotográficas), que incluía detenções e confrontos constantes, nos trens, nas ruas e arquibancadas. “Aí não dava né?! Tu vai lá e faz uma merda aí tá o teu número filmado pela polícia! Muitos caras foram expulsos da torcida e outros preferiram se ausentar dos estádios” - Depoimento de um ex-integrante da Torcida Jovem.

⁸ Policiais Militares

A numeração de camisas, não funcionava somente como mecanismo de vigilância policial, mas também para conselheiros do clube e até mesmo outros integrantes da própria torcida “entregarem” aqueles que não se comportavam de acordo com o que era exigido pelas lideranças, seja protestando nos portões do Estádio, ou não cantando as canções puxadas pela torcida. A expulsão era a sanção mais comum, que afastava os inconvenientes não só da torcida, mas dificultava sua ida aos jogos, já que a maioria pouco poderia pagar além das mensalidades.

A falta de unidade e este controle individualizado tiveram uma implicação direta no modo de torcer, na cultura daqueles torcedores e no aspecto econômico, no financiamento das torcidas. Este último teve um baque, primeiro com o fim ou redução do número de ingressos distribuídos pela direção do clube, que exigia a identificação dos integrantes como contrapartida.

Outro impacto foi na redução da venda de camisetas e artigos como toucas, bonés, agasalhos, bermudas, que eram de alta qualidade, outra grande fonte de arrecadação. Reconhecidos até por torcedores de outros clubes em outros estados do Brasil que “trocavam estas peças”, como sendo “os uniformes da Torcida Jovem do Grêmio (TJG) um dos mais bonitos que existiam”, mas também de alto preço, chegando a custar quase o mesmo que uma camisa oficial do clube. Para Teixeira (2004):

A emancipação financeira lhes possibilitaria uma maior autonomia para se expressarem, exercendo assim, o papel que consideram primordial: o da crítica, protesto ou apoio visando sempre “o melhor para seus times. (TEIXEIRA, 2004: 64)

Permanecer atrelado a uma torcida, que além de oferecer poucas ou quase nenhuma vantagem ainda obrigava seus integrantes a usar camisas numeradas sob o risco de expulsão ou a não entrada nos jogos, não parecia um bom negócio. A cada protesto realizado após os jogos, membros eram expulsos das torcidas e impedidos de frequentar o estádio. Para alguns torcedores o melhor foi deixar a torcida por conta própria.

Já as canções escolhidas na hora de apoio ao time em campo, ficavam à mercê daqueles subgrupos que em maior número, poderiam “puxar

na garganta” os cânticos de sua preferência, já que estava proibida a entrada dos instrumentos da bateria. Os instrumentos unificavam as vozes em uma só canção. Ficava evidente um descontentamento antigo daqueles que já vislumbravam o papel do torcedor como um elemento incentivador constante e que deveriam cantar exclusivamente para o time e não para a torcida, que era a outra parte desta disputa que ainda mantinha hábitos, digamos, mais identificados com as torcidas do sudeste. Enquanto uns queriam cantar, principalmente em ritmo de funk, loas à própria torcida, ao seu bairro ou paródias para ofender as outras torcidas organizadas do Grêmio, outros pretendiam cantar para o time evitando a todo custo as vaias.

2.2. Em busca do alento na geral⁹

Cansados destas disputas e percebendo que estavam lutando em campo infértil, já no ano de 2001, cerca de seis torcedores, que por anos foram líderes e dedicaram esforços para construção da Torcida Jovem, resolveram ir para outra parte do estádio Olímpico. Segundo Paulão, em um lugar onde pudessem cantar o jogo todo pelo time. Assim ficariam livres das amarras institucionais e disputas políticas que engessavam a atividade das torcidas organizadas.

⁹ Refiro-me ao setor do estádio chamado geral, que para compreensão e distinção da Torcida Geral do Grêmio, escreverei com letra minúscula, quando não for explícito se tratar do espaço físico do Estádio Olímpico.



Figura 2: visão aérea do Estádio Olímpico.
Fonte: Google Maps, legendado pelo autor.



Figura 3: setor geral visto do campo.
Fonte: fotografado pelo autor.

O local escolhido: a geral. Espaço do anel inferior do Olímpico, que construtivamente (em termos arquitetônicos) não difere do restante das arquibancadas inferiores. O concreto é o mesmo e os degraus têm o mesmo tamanho, só que era um espaço demarcado por duas grades, uma de cada lado, que ficavam atrás das duas balizas. Este lugar é o de pior visibilidade do campo e por isso mesmo, era o setor que tinha os ingressos mais baratos. As torcidas visitantes ficavam em um desses dois setores e o outro, no lado

oposto, tinha ingressos vendidos para os gremistas, ao preço de R\$ 5,00 em 2001. Às vezes reduzido para R\$ 3,00 em jogos promocionais. “O negócio era fazer como em outros estádios da Europa e da América do Sul, Argentina e até mesmo aqui no Brasil, onde as principais torcidas ficam ali atrás do gol, incentivando o time, soltando aquele bafo na nuca deles”, palavras de um dos fundadores da torcida.

Segundo ele, o cenário encontrado nas primeiras partidas acompanhadas ali atrás do gol não era dos mais animadores, “Era deprimente! Um tiozinho sentado num canto com o radinho de pilha no ouvido, dois gurizinhos jogando bola com uma bergamota (tangerina), o resto tudo vazio... Deprimente!” E ao mesmo tempo, eram zombados por aqueles que não entendiam o que “aqueles loucos queriam ali atrás do gol”.

Importante dizer que a escolha daquele espaço não é desprovida de sentido. O setor sempre esteve aberto a todos os gremistas, mas fora até então frequentado por aqueles mais pobres e marginalizados. Uma situação que não difere a princípio, da enfrentada pelos membros do Segundo Arrastão da Torcida Jovem do Grêmio. A diferença é que seus membros, Organizados, tinham até então prestígio, subsídios e um certo poder para frequentar as arquibancadas e viajar para acompanhar o time.

Foi deste subgrupo, que reunia os torcedores de Canoas, que saíram os fundadores da Geral do Grêmio. A maioria deles da Vila Ideal, bairro operário da cidade, residencial e na periferia, ao lado de uma estação de trem.

Canoas fica na região metropolitana de Porto Alegre e tem sua economia fortemente influenciada pela presença da Refinaria Alberto Pasqualini, da Petrobras e de outras indústrias que gravitam ao redor daquele pólo petroquímico. A indústria responde por cerca de 62% do PIB da cidade¹⁰, que é o segundo maior do Estado do Rio Grande do Sul. É uma cidade de 324 mil habitantes¹¹, que dista 18Km do centro de Porto Alegre, por onde se pode chegar através da BR-116 ou pelo transporte ferroviário (O Trensurb).

Apesar da indústria desenvolvida, Canoas é conhecida, como as demais cidades atendidas pela linha férrea, como “cidade-dormitório” e a infra-

¹⁰ FONTE: IBGE Censo 2010

¹¹ FONTE: IBGE Censo 2010

estrutura urbana é bem inferior a da capital, que fica logo ao lado. A maioria dos que moram em Canoas trabalha em Porto Alegre.

Os torcedores que de lá vieram, agora ocupavam no estádio uma outra periferia. Poderíamos dizer que grande parte dos jovens que começaram a frequentar aquele espaço, no começo da década passada, se sentia em casa.

Experimentavam, depois de anos de “militância” nas organizadas, um pouco de liberdade. Questionavam a hierarquia e a burocratização que haviam transformado as torcidas do Grêmio, especialmente a Torcida Jovem, em um movimento desestimulante tanto para o time como para seus associados.

Naquele “novo” espaço, queriam cantar, fundamentalmente. Cantar o jogo inteiro para o Grêmio, para o time em campo, mudar a situação anímica dos jogadores exigindo deles em contrapartida, dedicação e entrega total dentro de campo. E não se tratava mais de cantar simplesmente. Seus cânticos eram chamados *Alentos*. Expressão que representava o que era necessário para estar naquele local, que não cobrava exigências formais para seus novos adeptos.

Apesar de exigências formais para ingresso em uma torcida organizada:

(...)fundamental mesmo é torcer pelo time, amá-lo, representá-lo, defendê-lo, segui-lo aonde for.”. E ter “disposição”. Para este tipo de ação torcedora e quanto maior a “disposição”, maior prestígio e visibilidade ele vai ganhando. Assim este pode rapidamente crescer hierarquicamente dentro da torcida, vindo a ocupar cargos de direção e chegar até mesmo à presidência (TEIXEIRA, 2004: 62)

Como é necessário para crescer dentro da hierarquia informal da Torcida Geral do Grêmio, o “alento”. Palavra recorrentemente utilizada entre seus membros: pode designar uma canção, “um alento”; pode ser utilizada como verbo para cobrar o incentivo maior quando a torcida parece esmorecer, “vamo alentar gurizada, vamo alentar”; e por fim, algo que se aproxima com a tal “disposição” necessária para ser membro de uma Torcida Organizada como as pesquisadas por Rosana da Câmara Teixeira no Rio de Janeiro no anos 90: Ser um torcedor de “alento”, capaz de cantar durante os 90 minutos da partida. Resistir o quanto puder aos efeitos do álcool e da maconha. Ter coragem para os enfrentamentos com a polícia e torcidas rivais. Ter ânimo para encarar as

adversidades de uma viagem, a falta de dinheiro, condições precárias de vida, mas mesmo assim, encarar o pior lugar do estádio e torcer para o Grêmio.

É um termo nativo acionado como um dos lemas da Torcida Geral do Grêmio, exposto em uma faixa com Brasão do Rio Grande Sul estilizado com o símbolo do Grêmio. É neste símbolo que está escrito um dos lemas da torcida, onde o alento está entre estes três: AMIZADE – TRAGO – ALENTO. Decorre desta característica a minha designação para a Geral do Grêmio como sendo uma *Torcida de Alento*.¹²

De maneira similar, há entre os barra-bravas argentinos a “cultura de aguante” que se reproduz e se desenvolve na medida em função do respeito e prestígio que ganham os seus participantes (ZUCAL, 2007). Segundo o antropólogo argentino José Garriga Zucal:

(...) os integrantes das hinchadas legitimam seus valores construindo uma cultura de aguante que estima a coragem e a bravura no enfrentamento físico; positividade que atravessa o pequeno círculo de seus adeptos e se converte em ferramenta de interação com agentes sociais que estão localizados fora destes limites” (ZUCAL, 2007: 149).

Há uma semelhança nestes três casos, que torna mais reconhecido dentro das torcidas quem tem mais disposição, mais alento ou mais *aguante*. Dentre eles há a necessidade de se provar em confrontos físicos, na disponibilidade para cumprir tarefas ou em provações de sacrifício o quanto é possível suportar para demonstrar seu amor ao time e às próprias torcidas.

A primeira faixa estendida na geral já não era mais uma faixa comum, era um trapo. Este é o nome dado para os panos com mensagens de apoio e lembrança de feitos ou pessoas históricas para o clube. A precariedade, com que foi feito já é uma prova deste novo modo de torcer que era criado ali atrás do gol: o torcedor vai apoiar o Grêmio com o que ele tiver e puder fazer. Seja “os cinco pila” do ingresso, ou um pano com frases artesanalmente pintadas.

O primeiro trapo era uma antiga bandeira da Torcida Jovem, que foi

¹² Ainda acho necessária uma análise mais detalhada sobre as particularidades das torcidas que surgiram no Rio de Janeiro – Loucos pelo Botafogo, Legião Tricolor, Urubuzada e Guerreiros do Almirante - em meados dos anos 2000, com tais características, que pudessem levar a uma designação generalizada como novas Torcidas de Alento.

pintada, cobrindo o nome da antiga torcida, e onde foi escrito IMORTAL TRICOLOR e na linha de baixo LARA VIVE. Relembrando o heroico goleiro do time na década de 30, que defendia bravamente as metas tricolores e que defendeu um pênalti no GreNal de 1935.

Mais importante do que a lembrança de seus fundadores a respeito deste primeiro trapo, que segundo eles já não existe, era todo simbolismo por trás da sua forma de confecção. Ele representava que naquele momento a intenção da nova torcida em se distinguir de todas as outras Torcidas Organizadas do Grêmio. O fato de se utilizarem de uma velha bandeira da Torcida Jovem, pintada pelo avesso, demonstra, em primeiro lugar, o que aqueles torcedores não queriam ser. Eles viraram do avesso um dos principais símbolos das torcidas, àquela altura tradicionais, questionando e invertendo os seus procedimentos e cultura.

Em um momento de ruptura com outras instituições, foi reforçado que os torcedores presentes na geral não eram iguais àqueles que acusavam de corruptos, aproveitadores do Grêmio e que não incentivavam o clube. A utilização de uma velha bandeira transformada em trapo fez daquela nova torcida, uma *anti-torcida*. A memória da criação deste símbolo está marcada ritualmente como a passagem de um grupo de pessoas questionadoras para um novo movimento, uma nova torcida.

Este novo símbolo que surgiu na geral, em um lugar popular, vai passar para os outros, através da sua forma, a contestação e a rebeldia daqueles que agora tornavam pública a sua crítica. E em segundo lugar serve de exemplo de conduta, de modelo, para os torcedores que desejassem se juntar àquele movimento. Para Geertz os símbolos modelam as relações entre as entidades, os processos, ressaltando que eles possuem um sentido duplo: um sentido *de* e um sentido *para*. (GEERTZ, 1989: 69) E a construção do primeiro símbolo da torcida Geral do Grêmio é emblemático na construção de um modelo de duplo sentido.

Os padrões culturais têm um aspecto duplo, intrínseco – eles dão significado, isto é, uma forma conceitual objetiva, à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a eles mesmos (GEERTZ, 1989: 89).

E a seguir outros símbolos como aquele começaram a se multiplicar, carregando mensagens que se dirigiam aos outros torcedores e a eles mesmos. O segundo trapo possui as inscrições OS BORRACHOS DA GERAL, intercaladas por um caneco de cerveja. Este trapo resiste até hoje e por isso é tido como o primeiro por alguns. Fato é que ele, por ser o mais antigo é estendido em lugar de grande visibilidade em dias de jogos. Este possui nos seus dizeres uma das marcas identitárias mais fortes dos torcedores da Geral. Ser borracho é tomar todas, gostar de uma cerveja, se embebedar, mas acima de tudo, não cair.

A expressão, apesar de origem hispânica, não foi importada para uma mera designação ética daqueles torcedores, mas é um termo usado cotidianamente no Rio Grande do Sul, para referir-se a outrem que esteja “alto”, bêbado. É uma característica do comportamento das *hinchadas*¹³ mas ao mesmo tempo é marca daqueles que são da Geral: ali estão identificados gremistas, que se embebedam na geral. Uma expressão que ao mesmo tempo identifica o lugar e o comportamento. Marcas da identidade, do pertencimento clubístico, do comportamento de consumo desregrado de álcool e do espaço a que pertencem / controlam no estádio expressas naquele pedaço de pano, que se transformou em um grande símbolo.

Hoje em dia este é visto, não só como um trapo de identificação, mas como um trapo que carrega em si a própria história da torcida, já que “virou o primeiro”, ainda mais depois que Lara ganhou outros trapos melhor produzidos.

Além do mais, no período pesquisado e quando as entrevistas foram realizadas, a torcida já era uma forte instituição do Grêmio e possuía uma história e uma narrativa de si mesma igualmente consolidadas. Os trapos apresentados no estádio são elementos que carregam a memória da própria torcida e trazem os fatos mitificados da memória dos seus fundadores expressos naqueles símbolos. A organização, os modelos e as maneiras como estão dispostos não são aleatórios e são cuidadosamente escolhidos antes das partidas, na construção do cenário onde se concentrarão os torcedores.

¹³ Como são chamadas as torcidas sul americanas. Seus integrantes são chamados de *Hinchas*.



Figura 4: o trapo mais antigo e símbolo da Geral do Grêmio.

Fonte: fotografado pelo autor.

Aquela “meia dúzia de loucos”, “argentinos” e outras expressões que eram pejorativamente atribuídas a eles pelo comportamento, foi aumentando, jogo após jogo, para doze, depois para trinta e cada vez mais pessoas foram parar ali atrás do gol.

Em um período próximo, Porto Alegre sediava o Fórum Social Mundial e militantes de diversas partes do Brasil e do mundo estavam na cidade. Foi através do envolvimento com argentinos, uruguaios e chilenos que, convidados para uma assistir uma partida no Estádio Olímpico, a Geral conquistou o reconhecimento e porque não dizer, uma certa legitimidade perante estes torcedores de outras partes da América do Sul. *“Vieram uns hinchas e curtiram umas aqui com a gente. Bebemos, fizemos churrasco, os caras cantaram músicas deles, nós cantamos as nossas.”* Assim foi para um torcedor que lembra com orgulho daquele encontro e do início da torcida.

Não que aqueles torcedores necessitassem de “aval”, pois a grande identificação do Grêmio com a disputa de torneios sul-americanos, como a conquista de duas Copas Libertadores, por exemplo, era motivo de distinção entre tricolores e colorados. Fazia deles viajantes costumeiros e

frequentadores das “*canchas*”¹⁴ uruguaias, argentinas e chilenas. Desde os tempos em que eram membros da Torcida Jovem do Grêmio, origem da liderança da Geral e da maioria dos torcedores que vinham se deslocando das organizadas para a geral.

Daí ser incorreto e superficial afirmar que a Geral copiou as *hinchadas*. Crítica recorrente feita pelas torcidas rivais, principalmente a do S.C. Internacional. O que houve foi uma inspiração positiva e correspondente ao sentimento aguerrido e bravo que os gremistas e os fundadores da Geral queriam ver refletidos em campo, a partir de um comportamento de apoio incondicional vindo das arquibancadas. Não há como dizer que seja um movimento fora de lugar, mesmo que nos limitemos aos aspectos futebolísticos do tema (admiração referida a outras torcidas, consequente da identificação construída do Grêmio como time “copeiro” e de conquistas internacionais).

Os frequentadores de Estádios em todo Brasil, e particularmente no Rio Grande do Sul, enfrentavam um acirramento dos mecanismos de controle, vigilância e civilidade, que incluía, além das medidas já citadas do caso gaúcho, um aumento no preço dos ingressos e adequação dos estádios aos padrões FIFA. O Grêmio, por exemplo, não adaptou suas arquibancadas com assentos numerados, mas pelo menos pintou estes “assentos” de azul no concreto e numerou-os.

Mas nos cabe analisar até que ponto a legitimidade dos aspectos que propiciaram o surgimento da torcida no início da década, em Porto Alegre e nas arquibancadas do Estádio Olímpico, não foram construídos e apropriados pelos seus próprios torcedores ao longo dos últimos anos para a construção da sua narrativa e da sua identidade. A memória destes torcedores está em constante transformação, dado o dinamismo e a novidade do movimento (POLLAK, 1992).

É com esse objetivo que é importante contar a história da Geral do Grêmio através da fala de seus próprios integrantes e com a observação interna da torcida. E perceber o que tem permanecido nos discursos, narrativas, símbolos e ações ao longo dos últimos dez anos.

¹⁴ Uma das formas como os torcedores se referem aos campos e estádio de futebol em outros países da América do Sul.

A torcida, na fala de seus fundadores, teve o papel de canalizar todo aquele sentimento que os gremistas sempre tiveram, de acreditar no time, incentivando até o fim, e para isso serão sempre lembradas as partidas em que o time “não os deixou na mão”, com vitórias épicas e mesmo as derrotas, como aquelas em que o time “vendeu caro” o resultado. Mas o que mais chama atenção é que além da Geral do Grêmio crescer quantitativamente, pois com o passar do tempo, todos queriam torcer dali, a torcida começa a ter visibilidade, e se ela fica visível no todo, ela garante também o reconhecimento individual para aqueles que fazem os espetáculos.

E naqueles primeiros anos de Geral, “fazer” significava usar garganta, mãos e calcanhares. Cantar, bater palmas e pular o jogo todo para fazer um belo espetáculo e empurrar o time, frente à falta de materiais, pois os instrumentos de percussão só seriam liberados regularmente em 2005. Ano em que o time disputava a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e o apoio daquela massa se tornara imprescindível. Visibilidade sem bandeirões, grandes faixas e respaldo da direção do clube, mas que garantia aos torcedores serem agentes de seus próprios corpos, usar o que pudessem para torcer.

As primeiras canções já mostravam como era diferente esta nova filosofia de torcer. Uma das principais críticas e também um modo de afirmação da nova torcida em sua distinção dos movimentos tradicionais de torcidas organizadas, era o acanhamento, a apatia na hora de cantar para o time. Nas Organizadas a cantoria era diluída em momentos marcantes da partida, na entrada do time em campo, em um gol ou momentos de perigo, um escanteio, uma bola na trave. Depois disso, eram cânticos que exaltavam a própria torcida ou ofendiam o rival, principalmente o Internacional, mesmo que o jogo não fosse contra este adversário.

O ritmo e as melodias cadenciadas das novas canções contrastavam com os gritos de guerra cantados mais histericamente nas organizadas, normalmente baseados em marchinhas de carnaval e recentemente em raps e funks. Para cantar o jogo inteiro sem perder a voz era necessário que todos somassem as suas vozes, para que ninguém perdesse a garganta no meio da partida, é a cota que cada um tem que dar pelo Grêmio. É melhor cantar baixo, constantemente, incentivando o time todo tempo e todos juntos.

Ainda sem os instrumentos da banda, seguidos pelas palmas, ou até mesmo só na garganta, os versos eram entoados com vogais graves e longas, com um ritmo inegavelmente castelhano, referência dos “alentos” das *hinchadas*. Três cânticos marcantes deste primeiro momento foram:

“Tricolor, hoje viemos te ver. Tu és guerreiro, não podes perder. Te levamos dentro do coração. E a Geral quer que sejas campeão”

“Alegria, Alegria ! Ole, Ole, Olá Vamos GRÊMIO toda vida Que estás para ganhar. Todos pela cabeça, Todos descontrolados. GRÊMIO te dou a vida Por este campeonato. No dia que eu morrer, Quero no meu caixão, Pintar de tricolor, Como meu coração”

“Dale Grêmio querido, dale Grêmio campeão, da Libertadores e do Mundial”

Outros torcedores foram se identificando e a geral passou a ser um dos espaços mais disputados pelos torcedores, a maioria deles vindos das torcidas organizadas. Fato marcante, foi a disputa da Taça Libertadores do ano de 2002, quando em partidas válidas pelo torneio, o preço dos ingressos era majorado e aqueles que já não eram mais subsidiados pelas organizadas, teriam dificuldade em ir para o jogo. Os ingressos para a geral começaram a ser os primeiros a acabar, por serem os mais baratos e agora, por concentrar naquele espaço os torcedores que mais incentivavam o time.

Na construção da identidade dos gremistas da Geral, estes encarnavam ali o “espírito da Libertadores” traduzida na sua postura, gestos e cânticos.

Começou a haver uma espécie de migração de torcedores que habitualmente frequentavam outras partes do estádio, em direção à geral. Alguns relatam que mesmo ganhando ingressos para assistir o jogo com as organizadas, pulavam no fosso e depois de driblar os policiais e as grades, assistiam ao jogo da geral. Outros, sócios patrimoniais do clube, abriam mão

do seu direito de sentar nas cadeiras do anel superior ou nas arquibancadas sociais, para ir na geral. Vendiam mais barato seus ingressos de cadeira e disputavam o espaço entre as grades, apertado, com pouca visão do campo ali da geral. Ainda correndo o risco de ser vítima das constantes brigas entre torcedores e policiais, que àquela altura, se precavia e fazia valer a vigilância sobre aqueles torcedores estigmatizados de beberrões, maconheiros e arruaceiros. Ocupavam o espaço que lhes cabia fisicamente, o pior do estádio e toda a marginalização possível dada “aos argentinos”, que lhes custou um nome dado pelos meios de comunicação: ALMA CASTELHANA. Mesmo contra a vontade dos fundadores, que sempre se identificaram como “da geral, da Geral do Grêmio”.

Pois que a Geral, além de chamar atenção de outros torcedores, fez a direção do abrir os olhos para um movimento popular que surgia, acima de tudo, sem o seu controle, já que não havia ligação direta como ocorria na sua relação com as torcidas organizadas Jovem e Super Raça Gremista.

Uma das primeiras providências foi a proibição da colocação dos trapos, que segundo a direção, cobriam as placas de publicidade estática, dando prova de que, aquele outrora marginalizado lugar do estádio, começava a chamar a atenção da mídia. Só que quando o setor era filmado ou fotografado, o que aparecia era um bolo de gente cercada de panos pendurados nas grades e nas marquises ao redor da geral. Sem diálogo, a polícia era mandada para resolver a situação e retirar os trapos à força e as brigas então eram constantes.

Uma partida marcante citada por todos os entrevistados como um marco da consolidação da Geral foi contra o River Plate pela Copa Libertadores de 2002. Uma grande festa havia sido preparada para saudar a entrada do time em campo. Porém, dezenas de sacos plásticos com papel picado foram impedidos de entrar no estádio e ficaram do lado de fora. Após uma goleada de 4x0 em cima dos argentinos, os torcedores saíram cantando em êxtase do estádio, e ainda encontraram os papéis que ficaram retidos, e resolveram comemorar ali mesmo, no pátio e nas ruas ao redor do Olímpico, cantando e atirando papéis para o ar, até mais de uma hora após a partida.

2.3. A Avalanche

Se no começo havia restrições aos trapos e aos papéis picados, o que era difícil de conter era o movimento das pessoas correndo em direção à mureta inferior das arquibancadas a cada gol do time do Grêmio. Era a avalanche. O que era só uma brincadeira daqueles poucos torcedores que inicialmente foram para a geral, foi virando rotina e a partir de um certo momento, um ritual para a comemoração dos gols. E era, como diz um torcedor, “pouco civilizada, não é essa coisa cuidadosa, como se fosse ensaiada, de hoje em dia. Se tu não descesse junto, não tinha como escolher, tu era arrastado até em baixo.”

Outro torcedor diz que ainda procurava alertar o público remanescente que ainda dividia aquele espaço mais pelas condições econômicas do que pela preferência pelo alento, com os Borrachos. Ele alertava, “Minha Senhora, meu senhor, melhor te cuidar, não fica aí em baixo, não, porque os guris tem mania de descer correndo até aí embaixo na hora que sai gol”.

Movimento típico dos torcedores sul-americanos, a avalanche, além de uma brincadeira, é o momento onde aquelas duas partes do mesmo time correm para se abraçar, afinal, a dedicação daqueles que cantam durante o jogo todo, pode ser comparada à daqueles que estão correndo em campo. E vai dizer para um tricolor da Geral que aquele gol ali não foi ele que fez também.

O movimento de comemoração é o mesmo que ocorre em outros estádios sulamericanos, mas para os torcedores do Grêmio tinha um significado diferente. Naquele momento, fazia-se necessário demarcar uma diferença com os outros torcedores, aqueles que eram alvo da sua contestação e se mantinham nas Torcidas Organizadas. E outros que os estigmatizavam como “cópias de argentinos”.

Descer descontroladamente em carreira, colocando sua integridade em risco era demonstração de entrega e punha em prática a noção de dar a vida pelo clube. Ao invés de uma comemoração individualizada por cadeiras ou

lugares numerados, uma comemoração coletiva onde uma massa avança até os limites das arquibancadas, que se não houvesse o muro, seria capaz de descer fosso abaixo. O setor do estádio chamado de geral, também ia se transformando. Aquele passou a ser o lugar da avalanche. “Ali era onde os loucos desciam correndo na hora do gol.” Teixeira (2004) define melhor como se dão estas apropriações e disputas de espaço e visibilidade dentro dos estádios:

A localização das torcidas organizadas no estádio, tanto quanto suas manifestações, indica que este é um espaço tanto de consenso – torcer pelo mesmo time -, quanto de dissenso – as diferentes formas de adesão ao espetáculo futebolístico. Desse ponto de vista, as massas que aí comparecem não podem ser tratadas como homogêneas ou passivas. (...) Vale estar atento ao local escolhido pelos torcedores para se situarem, hora e modo específico de chegarem, bem como a participação corporal distinta, simbolizando formas diversificadas de adesão às associações torcedoras.” (TEIXEIRA, 2004: 92)

Assim, a avalanche foi se ritualizando e por vezes era precedida de gritos “uh é avalanche, uh é avalanche”, quando havia uma chance clara de gol, como uma cobrança de pênalti, ou falta perigosa, até o ponto de hoje em dia não precisar mais de aviso prévio, pois já é parte da cultura dos torcedores da Geral do Grêmio. Por vezes é pendurado um trapo na marquise sobre a Geral com o aviso: CUIDADO RISCO DE AVALANCHE.

Esse movimento aumentou ainda mais a visibilidade da torcida e preocupou a direção do clube, que fez vistorias na estrutura das muretas e as reforçou para evitar acidentes, que nunca passaram de quedas, luxações e arranhões, mas que são exibidos ou exaltados quando os torcedores são questionados se já se acidentaram em uma avalanche. A marca no corpo ou o relato de uma queda dá autenticidade ao seu pertencimento à Geral e o faz remeter-se ao tempo da avalanche, digamos, menos cuidadosa e, portanto, garante ao torcedor uma antiguidade capaz de fazer dele pessoa respeitada entre os demais. De certo que alguns mitificam seus relatos, mas a verdade é que a avalanche nunca foi tão impiedosa e hoje em dia não é tão tranquila assim. É um movimento que dramatiza a entrega do torcedor.

O que acontece e fica demonstrado naquelas corridas degraus abaixo,

é que as pessoas manifestam uma grande solidariedade umas com as outras, até se espremerem contra a mureta em um verdadeiro abraço coletivo, uns com os outros e um abraço das arquibancadas com o campo.

É comum ocorrer a perda de algum pertence na descida. mas pela internet, ou no Bar Preliminar, ou ainda no portão de saída das arquibancadas, as pessoas fazem questão de devolver o que foi achado. Na comunidade da torcida no site Orkut, existe um tópico constante que é “Achados e Perdidos”; no Bar Preliminar, estão sempre à mostra documentos, cartões e chaveiros, e é comum ver um torcedor chegar e perguntar, após uma partida, se alguém não deixou uma chave, uma carteira, ou um cartão de sócio com o dono do bar. O torcedor corre o risco de perder a sua identidade naquela comemoração coletiva.

Esta grande coreografia da torcida é um símbolo do torcedor incondicional, aquele que mesmo com dificuldades para enxergar o campo, está unido na avalanche para ser ele próprio *o símbolo*. Em um período que houve aumento da preocupação com o conforto dos torcedores nos estádios, os torcedores da Geral demonstram dispensar tal tratamento, ainda mais se comparados aos torcedores que acompanham o time somente através dos canais por assinatura (*Pay per View*). Expressam uma crítica em si mesmos, mas que nesta demonstração de apoio adquirem / exibem mais um sentido de distinção simbólica, como se estivessem ali os melhores torcedores do Grêmio.

2.4 - O Bar

O ponto de encontro destes torcedores nas cercanias do estádio é quase sempre um bar. Já foi uma fruteira (armazém, espécie de mercadinho), escolhida pelas proximidades com o Portão 18 e pelo preço mais baixo cobrado pela cerveja. Mas com o passar do tempo, o lugar ficou entre os mais observados pela Brigada Militar e em 2005 a Geral passou a entrar nas arquibancadas pelo Portão 10 e o Bar Preliminar, mais próximo ao pórtico de entrada do Olímpico, passou a ser o bar mais frequentado. Mas é certo que

todos os bares da redondeza ficam lotados nas horas que antecedem o início das partidas.



Figura 5: a fruteira.

Fonte: fotografado pelo autor.

O bar é a ante-sala da casa dos torcedores da Geral do Grêmio. Além das rodas de bate-papo, ali são preparados os seus corpos para o alento, como um ensaio para a batalha que será enfrentada nos mais de 90 minutos em que se ficará de pé, cantando e pulando. Cânticos novos são apresentados e treinados no bar. É o momento de especular sobre o comportamento do time, da torcida e dos adversários, seja o time ou a torcida adversária.

De copo em copo, de garrafa em garrafa, os corpos começam a ser maltratados e testados para ver quem aguenta mais e é comum, torcedores ainda reclamarem de ressaca, quando já estão iniciando outra bebedeira. Aos poucos e sob efeito da bebida, o torcedor vai perdendo a inibição e a sua masculinidade vai aflorando e sendo exibida na forma de afronta à lei, na figura dos policiais que tomam conta das ruas próximas e vigiam esses bares de perto.

Naquele momento são relatadas as últimas façanhas, conta-se como foi a última viagem, algum confronto ou perigo por que tenham passado, onde

são exaltados aqueles que tiveram *disposição* para os embates. Para os líderes, estes momentos são utilizados para discutir os trâmites burocráticos com a direção, medidas a ser tomadas, cuidar de trapos, instrumentos, sinalizadores, organizar finanças e viagens que estão por vir. Se a torcida até então não tinha uma sede oficial, poderíamos afirmar que os bares da redondeza do Estádio Olímpico se transformaram em sedes não oficiais, pontos de encontro para torcer e fazer reuniões, sempre com muita cerveja e vez por outra um churrasco.

Os bares são os lugares de socialização preferidos e reforçam os laços que os fazem pertencer ao grupo, àqueles que são os borrachos, os “de fé” (que estão sempre lá), dividindo, pagando ou ganhando uma cerveja. Mais do que uma relação de amizade, é um reforço na relação de pertencimento, pois se compartilha não só o líquido, mas os efeitos do álcool. Com o passar do tempo, sobe o tom das vozes, os cânticos começam a ser entoados e os abraços, mais constantes. De certo, algumas rixas particulares também são expostas e ali mesmo resolvidas.



Figura 6: Bar Preliminar.
Fonte: fotografado pelo autor.

Mas é a partir daqueles bares que o torcedor que por muitas vezes, chegando sozinho ou em pequenos grupos, deixa de ser um indivíduo e passa

a pertencer ao mesmo corpo único da Geral do Grêmio; ali, coletivamente ele passa a ser mais forte, mais destemido, mais visível, pois no mesmo corpo ébrio de torcedores ele fica entre o anonimato das camisetas tricolores e o temor que provoca no *outro*. Seja um “outro legal”, só pelo fato da sua presença exigir reforço policial, ou no “outro adversário”, que não se arrisca a passar na porta de um bar lotado de tricolores, porque aquele espaço já tem “dono”.

2.5 Cantamos todos com a Geral

Torcer para o Grêmio na Geral é acima de tudo cantar. Não basta ficar naquela curva do Estádio, mesmo que envolvido com a partida, berrando, xingando ou pulando, sem cantar. O grande alento enviado das arquibancadas vem, sobretudo, através dos cânticos, das vozes embaladas por melodias cadenciadas, que visam a mudança do ânimo dos jogadores durante os noventa minutos. Não se canta somente para fazer festa, mesmo que seja reconhecidamente um grande momento de lazer e satisfação para alguns participarem daquele evento, mas se canta para ver o Grêmio ganhar. E se isso não ocorrer, que a derrota seja vendida o mais caro possível.

É comum ver um torcedor cobrando dos outros, quando estes parecem desanimar, sob os gritos de "cantem, cantem, vamos cantar putada!!" e a todo momento há alguém gritando no meio da torcida para que todos cantem. Um cobra do outro a postura de quem ocupa aquele espaço, cantar, sem que necessariamente seja alguém da liderança da torcida, pois este é um hábito de quem está ali, demonstração de que cada um incorporou o modo de torcer da Geral. Cantar significa Alentar o time, incentivar, encorajar os jogadores para a vitória e os torcedores para continuar incentivando.

Antes de entrarmos na análise das canções em si, é necessário dizer em quais momentos, onde e como elas são cantadas. E além do mais, quem as compõe. As lideranças da torcida, além de cuidarem dos materiais, também cuidam da produção das canções ou no mínimo da aprovação das que serão

cantadas dentro do estádio. Cabe enfatizar que é no interior do estádio, pois do lado de fora, cada grupo que se aproxima pelas ruas próximas vem cantando as músicas que mais os empolgam no momento. Além de estarem sempre próximos aos instrumentos da banda, os líderes, como mestres de cerimônia incentivam a substituição de uma música que já esteja sendo cantada há alguns minutos, por outra.

Há canções que exigem a vitória, outras que exigem o canto dos torcedores como um alento para a própria torcida e algumas que celebram um resultado de vitória já garantido. Mas é bem notório que em confrontos contra o rival Internacional a maioria faz referência a este.

Quando algum dos integrantes da banda chega com um rascunho de uma nova letra, esta é ensaiada no cantinho do Bar, nos intervalos das partidas, mas principalmente nas viagens. As caravanas que levam torcedores de ônibus a diversos estados do Brasil e por vezes a países da América do Sul demoram horas. O suficiente para cantar antigas canções e fazer com que um novo refrão caia no gosto dos torcedores. Aliás, além de longos percursos, as viagens por si só levam mais tempo que o normal, devido às paradas para compra de cerveja e revistas policiais. Uma delas para Caxias do Sul, que normalmente leva duas horas e meia, levou cinco horas, fora a dificuldade para entrar no Estádio Alfredo Jaconi, do Juventude.

Foi nesta viagem em 2007 que ouvi o primeiro hino oficial do Grêmio, além de duas canções apresentadas: uma inspirada em um sucesso de Raul Seixas (que naquele momento, não empolgou) e outra no ritmo de “*Wisky a go go*” do Roupas Nova, que até hoje é cantada nos jogos.

*“E dale dale dale Tricolor
E dale dale dale Tricolor
Tu vais vencer
É o campeão Mundial”*

Podemos dizer que, apesar da negação de uma hierarquia formal e da inexistência de diretores na torcida, como um diretor cultural responsável pelas músicas, estas são meticulosamente criadas, discutidas e ensaiadas, ao

contrário da aparente espontaneidade que o movimento sugere. Mas é justo reconhecer que no final das contas, quem aprova mesmo é a arquibancada, como afirmou um dos líderes da torcida: "Pra pegar mesmo tem que passar pela prova da arquibancada. Na cancha é que a gente vê se é boa ou não!" E uma vez que a banda começa a tocar a música, gostando ou não, a exigência é a mesma: todos tem obrigação de cantar.

E nas próprias canções são enaltecidas esta disposição para o alento constante, com versos que exaltam a "torcida que não para de apoiar"

"Vamos Grêmio, Vamos! Cantamos todos com a Geral. Vamos seguir a canção, sempre em busca do Mundial. Eu sou do Grêmio, Senhor. Cantamos todos com alegria. Mesmo não sendo campeão, o sentimento não se termina: É Tricolor e dale Tricolor. É Tricolor e dale Tricolor. É Tricolooooor e dale Tricolooooor"

A letra desta canção é clara nos objetivos não apenas momentâneos da partida, mas da grandiosidade de títulos que universalizam o clube e a torcida, pois se o time alcança o topo do mundo, a torcida também está junto. Metas audaciosas para aqueles que cantam e vislumbram sempre no ato de cantar, de estar empurrando o time para as glórias.

"Vamos, Vamos Grêmio copeiro, eu canto pela Glória, a alegria te peço".

Além das glórias futebolísticas, há o fato desta última canção, cantada arrastadamente, no ritmo do Bolero de Ravel, exigir aquela alegria depois de cada vitória. Aquela que fará cada um voltar mais contente para casa, e principalmente, em um esporte que é cada vez mais mercantilizado, lembrar que ele também desperta sentimentos de paixão, que podem ser eufóricos na alegria das vitórias ou mais tristes nas derrotas. Quanto ao termo "copeiro", existe outra canção que se refere ao Grêmio como um time copeiro:

"Grêmio copeiro, e dale Grêmio copeiro e dale Grêmio copeeeeeiro"

A princípio, este foi um outro jargão da imprensa esportiva imputado ao Grêmio, clube que se adaptou bem ao sistema de disputa de torneios chamados de "mata-mata"¹⁵, como é o caso da segunda fase da Copa Libertadores e da Copa do Brasil, que o Grêmio já conquistou duas e quatro respectivamente. Mas os torcedores o utilizam na ambiguidade do termo "copeiro".

No Rio Grande do Sul existe o costume de chamar os bares que ficam nos estádios de futebol de Copa. Só nas proximidades do Portão 10 do Estádio Olímpico, portão de acesso ao setor de arquibancadas onde fica a Geral do Grêmio, existem duas copas. O termo se ajusta também ao torcedor que está sempre consumindo cerveja nas Copas, um "cara copeiro". Esta última canção, por vezes é entoada nos intervalos das partidas, quando, aí sim, a maioria dos torcedores se dirigem quase em procissão às copas e se acotovelam por um espaço no balcão para comprar a sua cerveja, cantando: "E dale Grêmio copeeeeeiro".

Há canções inspiradas nos alentos da torcida do Boca Juniors (Argentina), uma torcida de referência para o gremistas quando o assunto é cantar o jogo todo. Cânticos que tornaram míticos os enfrentamentos contra times brasileiros no Estádio La Bombonera. Segundo relato de um torcedor, nos primeiros anos da Geral do Grêmio, quando a própria torcida se entusiasmava com o resultado do seu alento e percebia que todos estavam cantando sem parar, puxavam um cântico curto, repetido com mais entusiasmo ainda: "E vai virar La Bombonera, e vai virar La Bomboneeeera". Há cânticos, como:

"Alegria alegria, ole ole ole, Vamos Grêmio toda vida, que estás para vencer. Eu tô pela cabeça, eu tô descontrolado..."

¹⁵ Torneios decididos em jogos eliminatórios com duas partidas em cada fase. Partidas disputadas nos Estádios de cada um dos times envolvidos na disputa. Também chamado de jogos de ida e volta.

Estar "pela cabeça", neste cântico inspirado na torcida do Boca Juniors, é estar alcoolizado, "doidão". Apesar da canção ser uma versão de música argentina, o termo aparentemente importado, não é um estrangeirismo, pois os gaúchos também o utilizam cotidianamente, quando querem se referir a alguém que já bebeu demais: "Ah, aquele guri já está pela cabeça."

Mas muitos cânticos têm como inspiração músicas do rock gaúcho, do rock internacional ou músicas tradicionalistas. Uma música que é entoada nos confrontos contra o Internacional é inspirada em "Eu não consigo ser alegre o tempo inteiro", de Wander Wildner, com a letra alterada para "Eu vou matar o macaco no chiqueiro", se referindo aos torcedores do Internacional (macacos) e ao estádio Beira-Rio (chiqueiro). Outro rock nacional que teve uma adaptação e acabou se tornando uma das canções mais cantada pela torcida foi "Bebendo Vinho", também de Wander Wildner, que na letra Tricolor ficou assim:

"Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho e o mundial é o meu caminho. No rádio toca um velho rock n' roll, lembro o Renato, o homem gol. Nada mais apaga essa história: Grêmio Imortal, macaco chora. Eu sigo bebendo sempre emborracho, e o teleentulho já foi chamado. O descontrole já está formado. Grêmio eu te dou a vida por este campeonato".

Esta canção é uma das que sintetizam o Gremista Torcedor da Geral do Grêmio. Em primeiro lugar, "torcer pro Grêmio", seu time de coração e a identidade de quem escolheu entre o time azul do Rio Grande do Sul para torcer. De preferência junto com um "trago", bebendo vinho. E não é uma metáfora de um momento de lazer, ou de degustação dos bons vinhos gaúchos, pois realmente se bebe muito vinho antes e depois das partidas, e dos mais baratos, o que tiver a melhor relação quantidade de álcool / preço.

O verso seguinte, apesar de não ter sido alterado da canção original, não é menos representativo para os tricolores. Porto Alegre é uma cidade onde o ritmo Rock é bastante difundido entre os jovens, onde é notável o grande número de fãs deste estilo musical. A cidade é escolhida invariavelmente por

bandas internacionais para suas apresentações no país, sendo que em muitas ocasiões estas bandas sequer passam por Rio de Janeiro e São Paulo, preferindo fazer shows na capital gaúcha e seguir para Buenos Aires. O visual cabelo cumprido, brincos, tatuagens e camisas pretas é comum entre os torcedores, que unificam com ato de torcer, ser Da Geral, a transgressão que está por trás do visual, do gosto musical e do desafio às normas, bebendo e torcendo, sendo forte e destemido no meio daquele grupo, onde é aceito e é reconhecido.

Não só pela rima, mas Renato (Portaluppi para os gremistas e Gaúcho para os demais) é não só o “Homem Gol”, mas é o símbolo da conquista maior do clube em sua história. O Título Mundial conquistado em 1983, quando o atacante marcou dois gols na final contra o Hamburgo – ALE. Esta é outra característica marcante que a torcida criou, que é lembrar os ídolos do passado, reforçando não só títulos, mas ídolos que carregam em si, aquilo que também é marca dos torcedores, a garra, a valentia, o destemor enfim, aqueles que têm que se adaptaram e ao mesmo tempo inventaram o que é chamado de “estilo do Grêmio de jogar”, e Renato tem a honra de ser homenageado nesta canção.

E se o Grêmio, como citado na canção, é por sua História um clube imortal, a rivalidade com os colorados também parece ser assim. Dicotomicamente com os tricolores destinados às glórias da imortalidade enquanto aos torcedores do Internacional, cabe a irracionalidade dos animais (macaco), as lágrimas dos perdedores para o resto da história, independente dos resultados nas competições. Sua inferioridade já está atestada na designação carregada de preconceito racial: ‘macaco’, cuja origem histórica fora descrita no primeiro capítulo, mas cujos traços distintivos foram exacerbados pela Geral como neste exemplo.

Na segunda parte da música, segue a exaltação do consumo de álcool, até “se emborrachar” a ponto de já deixar prevenido o serviço de “tele-entulho”, numa alusão ao aviso prévio. Por vezes cantado nos carnavais e nos estádios, em momentos de maior alegria de foliões e torcedores como o samba “hoje eu vou tomar um porre, não me socorre que eu tô feliz”. Ou seja, “deixa eu beber, porque eu sou assim mesmo, é o meu lazer”, até que se alcance o

“descontrole”, até que o “borracho” não tenha realmente que se adequar a nenhuma regra, nenhum mecanismo de controle, o que pode significar atos mais violentos para alguns, que se envolvem em brigas dentro ou fora do estádio.

Pode ser um porre homérico, onde se gasta mais do que pode, estica-se a bebedeira de bar em bar até muitas horas depois da partida, perde-se o caminho de casa e só se tem a certeza de que a ressaca vai ser forte no dia seguinte, pois a mistura de vinho e cerveja não é nada agradável para alguns. Só mesmo o “tele-entulho” para recolher os destroços do corpo do torcedor no dia seguinte.

Se isso não significa dar a vida pelo clube, o torcedor chega próximo, pois é mais valente quem se arrisca, quem coloca sua vida à disposição do time, mesmo que não saiba como vai chegar em casa. E metaforicamente oferecendo este sacrifício pelo campeonato: “Grêmio eu te dou a vida por este campeonato”. Como foi dito por um torcedor entrevistado, “se não for de verdade, pode ter certeza que tem louco que chega bem próximo disso”.

Se formos avaliar pela condição econômica, muitos daqueles torcedores, operários mal remunerados, outros vivendo de empregos temporários (bicos), estudantes filhos de operários e muitos deles desempregados, deixaram um pouco a sua vida de lado pelo time. Deixaram a esposa contrariada em casa, ou a chance de fazer uma compra melhor no supermercado para ir ver o time jogar; outros deixam as mães em casa, indignadas porque “o guri pensa mais no Grêmio do que na escola”. Outros deixam seus empregos, por mais precários que sejam, em nome do time e da torcida.

Esta entrega configura um meio de atingir um espaço de reconhecimento na sociedade, para estes que pouco tem a receber dela. Se não “dão a vida”, pelo menos com o Grêmio e a torcida eles “deixam a vida” marginal, para se tornarem protagonistas de um espetáculo feito por suas vozes, calcanhares e coletivamente com outras pessoas, que se não são iguais a ele, naquele lugar se tornam agentes de uma mesma história.

Para continuar analisando a linha de exaltação do álcool pela Geral, um cântico muito repetido nas arquibancadas é o chamado de “Único amor”.

Tornou-se uma espécie de hino, porque não é comum que a torcida cante sempre as mesmas músicas. Se compararmos com as torcidas organizadas, mais precisamente as torcidas do sudeste, a Geral é um campo fértil de compositores, pois a cada mês surgem duas ou três músicas novas, daquelas que “pegam” no estádio, porque se levarmos em conta aquelas que são apresentadas nos fóruns de discussão da Internet e que ficam por ali mesmo chegamos a quase dez.

É difícil dizer precisamente quantas canções já foram criadas pela Geral, mas, com certeza, a quantidade de canções que ouvi durante o trabalho de campo supera o número de quarenta. Em uma partida, nem dez delas são cantadas. Por vezes em um único tempo do jogo são cantadas apenas duas músicas, ou seja, durante quarenta e cinco minutos a mesma música é cantada por pelo menos vinte minutos seguidos, sem desanimar. “Único amor” marcou, não só a entrada do time em campo, mas também o final de partidas com vitórias consagradas, como a eliminação do São Paulo na copa Libertadores da América de 2007, no Estádio Olímpico (temperatura de 7°C ao final da partida) quando todos cantaram:

“Eu sou borracho sim senhor, e bebo todas que vier, canto pro meu tricolor, meu único amor. E dale dale tricolor e dale dale tricolooooor. Eu sou borracho sim senhor”

Como no caso de dar a vida pelo time, ter no Grêmio o único amor, além de uma declaração da sua paixão, é a forma do torcedor afirmar a sua fidelidade ao time, pois aqueles que torcem jamais o trairão. É a afirmação de um valor de honradez para os torcedores, pois a traição é vista como um sentimento vil, de pessoas fracas. A fortaleza do torcedor está manifesta na sua fidelidade e amor ao time. Para muitos, amor maior que o de um relacionamento, seja ele de um casal ou familiar, pois muitos deles já passaram por amarguras, como brigas e abandonos do lar por parte dos pais, ou deles próprios que, pela condição econômica, abandonaram a família, como foi relatado em entrevistas ou durante a observação.

Laços de afetividade que encontram na torcida amizades que duram

mais do que as mudanças entre as Organizadas e a Geral do Grêmio. Fato recorrente entre membros de Torcidas Organizadas da cidade do Rio de Janeiro, observados por Teixeira (2004): “A valorização da torcida se dá pelo fato de propiciar a criação de laços de amizade, de afeto e solidariedade, a tal ponto que, para estes torcedores a torcida é simbolizada como uma família.”

Não há que se desprezar mais esta demonstração da importância que o pertencimento clubístico tem na vida daqueles jovens, pois se para alguns, amar um clube é algo a mais na vida, para outros esta é uma das poucas, senão a única certeza que eles possuem.

2.6 - A Banda

As canções entoadas pelos torcedores da Geral do Grêmio são acompanhadas pela “Banda”. A Banda, assim, escrita com letra maiúscula mesmo, porque antes de ser uma reunião de instrumentistas e pessoas ao seu redor, “Banda” é um dos outros nomes pelo qual a Geral é conhecida. E não é somente Banda, é “A Banda”. Maneira pela qual também é conhecida a parte do campo, que em espanhol se refere à plateia, mais precisamente ao público que fica ao redor de um campo esportivo, nas margens do espetáculo, na banda, de lado. A banda da Geral é composta por bumbos, caixas (tarol) e pratos. Em uma das canções fica explícita a importância dos instrumentos para a torcida: *“Com nossos trapos, nossas bandeiras e os bumbos da Banda Tricolor. Só na Geral ninguém tá triste, vamos Grêmio, te sigo aonde for”*.



Figura 7: os bumbos da Banda tricolor.

Fonte: fotografado pelo autor.

Se nos anos iniciais da torcida os cânticos eram entoados sem acompanhamento, a possibilidade de entrar com bumbos nas arquibancadas acrescentou uma percussão vigorosa, melhorou a marcação dos cânticos e centralizou as vozes, unificando toda arquibancada na mesma música e no mesmo ritmo.

A marcação é completamente diferente das antigas baterias de torcidas organizadas, que possuíam referências carnavalescas nas músicas e ritmos. Os instrumentos também eram diferentes, com caixas altas (repiniques) e surdos. As batidas sempre eram acompanhadas de viradas e paradinhas além de um constante acompanhamento das palmas dos torcedores.

A bateria é fundamental numa torcida e sua marcação dá o tom para as coreografias encenadas juntamente com os cânticos e gritos de guerra. Trata-se de uma ação contínua que inclui a agitação frenética das bandeiras, além dos braços e mãos numa certa cadência. Quanto mais próximo da bateria, maior prestígio possuem os sócios. Geralmente a sua volta ficam os torcedores da antiga, o pessoal de frente. (TEIXEIRA, 2004: 94)

A marcação da Banda da Geral é diferente. É seca como uma toada de banda marcial, como um ritmo de guerra. Como se estivesse guiando time e

torcedores em uma marcha: BUM PARABUM PARABUM BUM PARABUM PARABUM. O próprio modelo dos instrumentos é bem marcial, com bumbos grandes conhecidos como “modelo fuzileiro”, e caixas rápidas, todos bem afinados, acompanhados de pratos que dão um acompanhamento mais agudo e festivo para as canções. Alguns desses instrumentos são enfeitados com as cores do Grêmio, como os bumbos que têm listras em azul, preto e branco nas laterais e as baquetas que também têm seus cabos pintados de tricolor.

A batida marcial em oposição à batida carnavalizada das antigas Torcidas Organizadas também representa uma forma da Geral do Grêmio se distinguir daquelas. Para cantar durante o jogo inteiro são exigidas uma dedicação e disciplina quase que militares. A marcação para os cânticos são como incentivo para os próprios torcedores. Cantam para “alentar” o time em campo e a si mesmos na “missão” de incentivar o time, carregada de uma noção de sacrifício daqueles que vão para uma guerra.

No lugar das palmas, o ritmo é acompanhado por um leve jogar de mãos para a frente, quando os torcedores, com o braço semi-estendido para o alto, “alentam” com as mãos, jogando-as em direção ao campo. Bater palmas hoje em dia é muito raro, a não ser na canção “Pingos de amor”. A Banda dita o ritmo daqueles que na sua marcha torcedora, pulam no mesmo lugar, cantam, vibram e atiram as mãos em direção ao campo, como se estivessem a empurrar o time, a indicar sempre o caminho do ataque. Por muitas vezes, esse jogar de mãos é discreto, com ela colada junto ao peito, abrindo e fechando-a no ritmo da música.

Assistir a uma partida sem a banda é completamente diferente do que assistir ao jogo com a marcação dos bumbos. As vozes ficam dissonantes, e uma parte das arquibancadas canta uma música, enquanto outra parte canta uma canção diferente, o que tira o vigor e a união das vozes no alento.

Além disso, o ritmo não muda, pois não há diferentes versões para uma mesma música, a batida é sempre a mesma, no máximo acontece da Banda dar uma pausa, como se estivesse testando a torcida para ver se todos realmente estão cantando. É justamente nestas pausas que as vozes se sobressaem e todos cantam mais forte, como se estivessem mostrando que cantam mesmo sem banda, o que realmente acontece, pois por muitas vezes a

entrada da banda é atrasada devido às revistas minuciosas da Brigada Militar e acaba por entrar na arquibancada somente alguns minutos antes do início da partida, quando todos já ocupam seus lugares na arquibancada e estão cantando há muito tempo.

A entrada da banda é sempre um ritual. Ela já entra batendo pelos corredores de acesso às arquibancadas, cercada pelos torcedores encarregados de distribuir as bandeirolas, com muitas delas já desenroladas. Os torcedores que tocam os bumbos, caixas e pratos já vêm batendo seus instrumentos e muitos torcedores passam pelas roletas, mas ficam à espera da Banda para entrar com ela.

Em algumas vezes, a banda já vinha tocando desde o Bar Preliminar, que fica nas cercanias do Olímpico. Entrava no pátio do estádio, passava pelo pórtico, acompanhada por até cinco mil torcedores que faziam uma verdadeira marcha para a entrada no estádio, em um ritual, que anunciava com cânticos e rojões a chegada da 'Banda Louca da Geral'.

Na Banda ficam os chamados torcedores "de fé", os "capos", aqueles que são mesmo a liderança da torcida. Não que eles estejam tocando algum instrumento, mas pegar um bumbo, uma caixa para bater, requer confiança e responsabilidade. E ao redor da Banda estão todos que tomam a frente para realização não só da tarefa de tocar, mas de controlar as bandeiras; de puxar as músicas; aqueles que já estiveram mais cedo no estádio para estender as faixas e trapos; que durante a semana consertaram ou compraram novos instrumentos, e fizeram a arrecadação prévia do dinheiro necessário para isso.

A Banda é certamente o núcleo da torcida e sua localização na arquibancada demonstra bem isso, pois ela fica exatamente no meio da arquibancada (verticalmente) e bem na direção do gol, ou seja, também centralizada horizontalmente na curva a direita das cabines de Rádio e TV do estádio. Ao redor dela estão os líderes, os fundadores, os mais antigos e aqueles que, mesmo recém-chegados na torcida, estão dispostos a ajudar, pois eles não são regidos por uma hierarquia formal, mas por antiguidade, disposição, alento, responsabilidade com materiais e com a postura de um torcedor da Geral.

Se para pertencer a Geral não é necessário inscrição, para estar ali na

Banda, basta querer ajudar e contribuir com boa vontade para a realização daquela festa, nem que seja carregando umas bandeiras ou um simples par de pratos no final da partida. Nas palavras de um dos fundadores da torcida:

Se o cara chegou, tocou bem, segurou a onda o jogo todo, no próximo a gente chega e fala 'quer tocar de novo? Pega aí!'. Como pode acontecer de uma cara que toca há muito tempo não estar afim de tocar naquele dia, tá de ressaca, sei lá. Vem outro e toca no seu lugar.
(Roger, torcedor da Geral do Grêmio, out. 2007)

O que é realmente perceptível, mesmo que exista individualmente algum tipo de vaidade, a maioria dos torcedores enaltece A Banda como um todo. A torcida e não as pessoas que tocam na banda, pois estas encaram aquilo como uma tarefa importante para o time vencer, cansam e suam a camisa da mesma forma que esperam que os jogadores corram e suem a camisa em campo. Poderíamos até dizer que tocam com afinco profissional, se não fosse a paixão e o amor pelo clube que marcam as batidas vigorosas dos bumbos da Banda Tricolor.

Estes torcedores formam o que é chamado de primeira linha, a liderança ou os de frente da torcida. Por trás deste grupo, torcedores que ficam nos degraus da arquibancada acima da banda, ficam uma espécie de segunda linha. Aqueles que apoiam cantando e vigiando quem não está cantando, mas que se permitem uma pausa para o consumo de álcool ou drogas. O primeiro, mesmo com a proibição de venda dentro do estádio, entra clandestinamente em garrafas de plástico contendo, vinho, vodka ou cachaça. O segundo sempre foi proibido, mas nem por isso menos consumido como pode ser percebido pela grande quantidade de cigarros de maconha acesos nesta parte mais discreta da arquibancada, já debaixo da marquise superior. Já o consumo de cocaína é mais frequente no último degrau da arquibancada, junto às paredes que delimitam os banheiros e os bares. Estes torcedores são os que menos prestam atenção no jogo, pois estão sempre perambulando e tem a sua visão prejudicada pela localização que ocupam.

Formam também uma espécie de segurança da banda e dos frequentadores daquele espaço, sempre vigilantes aos membros que não são bem-vindos, torcedores das outras organizadas ou pessoas propensas a cometer pequenos furtos. Da parte superior das arquibancadas, a visão do campo é prejudicada, porém a posição proporciona uma visão panorâmica sobre grande parte da Geral.

Em baixo da banda, já nos degraus inferiores em direção ao fosso, ficam os torcedores mais jovens, que tem boa vontade e disciplina para balançar as bandeiras durante mais de 90 minutos. E se desdobram no alento cantando e pulando. São também os que iniciam a avalanche e por isso mesmo são aqueles que chegam primeiro a mureta e terão que suportar a chegada da massa que vem descendo descontrolada dos degraus superiores. A faixa etária é perceptivelmente menor em relação aos líderes e àqueles da segunda linha. Estão aparentemente sendo testados em tarefas mais simples e ao mesmo tempo de grande responsabilidade para compor o visual da torcida com as bandeiras e de iniciar a avalanche.

E conforme vai se afastando do centro da banda, vão se encontrando os frequentadores que estão ali pelo alento e pela identificação com a torcida, sem assumir compromissos mais formais com a manutenção da festa. São frequentadores habituais, também considerados de fé, mas que viajam com menos frequência e se relacionam com os líderes ou torcedores da banda apenas nos dias dos jogos e no máximo nos bares, antes ou após as partidas.

É a partir destes locais mais periféricos da Banda que pude notar a presença de um número maior de mulheres. Elas podem ser comparadas aos simpatizantes na relação com a torcida, mas dificilmente entram no centro da banda ou em algum dos bares dominados pela torcida.

No centro da torcida é possível ver algumas poucas mulheres, porém, a sua presença frequentemente está associada a alguma relação afetiva ou de parentesco com um dos líderes, que as conduz até lá. Destas poucas, pude notar que eram namoradas, irmãs, primas ou amigas de uma destas e estavam lá protegidas e com a anuência da liderança

Paulão, afirma que a Geral é livre e todos podem estar ali naquele espaço, porém em relação as mulheres, sua fala remete ao tom de proteção:

“É porque ali no meio, no calor, na banda mesmo, não dá pra ter muito controle... tem a avalanche, tem um ou outro desentendimento... tem um certo descontrole, então a gente orienta as gurias a ficar mais pros lados. Já as companheiras a gente cuida como o gaúcho cuida das prendas”

Prenda é o par do gênero feminino do Gaúcho tradicional. Uma contração do que comumente se diz sobre mulheres prendadas. Igualmente vestida de acordo com as tradições do campo, com vestidos compridos, rodados e com mangas compridas, constitui uma reprodução da vida das estâncias, que se tornou folclore e recorrentemente apresentada em festas que celebram o folclore gaúcho. O tom de Paulão ao fazer esta descrição, reflete a distinção entre a vida com o campo e a vida em contato com a natureza como tarefas do Gaúcho, em oposição a vida reclusa e doméstica destinada às mulheres representadas pelas Prendas.

As mulheres são mais vistas nas laterais onde se encontram torcedores que ocasionalmente ficam perto da Geral. Estes torcedores, que vão poucas vezes e aqueles que estão ali pela primeira vez, são chamados de *Turistas*. A presença deste outro tipo de torcedor é vista com entusiasmo por alguns e com aversão por outros. Para parte da torcida, o turista não serve para estar ali, pois não canta e está ali apenas para dizer que esteve na Geral. Para Cachopa, um torcedor entrevistado, “O turista só atrapalha, fica lá caladão, se pega uma bandeira dá cinco minutos e já tá arriada... ele só quer ir ali, tirar uma foto e depois mostrar pros amigos no Orkut dizendo: - Olha como eu sou fodão, fui lá na Geral”.

Neste contexto apesar de não estar expresso em suas palavras, estão incluídas as turistas também, pois a maioria das mulheres ocupam estes mesmos espaços periféricos onde ficam os turistas. Mas outra parte da torcida recebe com boas vindas cada novo torcedor. Jesus, outro entrevistado, discorda desta divisão expressa acima para saber quem é o melhor gremista. “Claro que não tem problema, porque o turista de hoje, pode ser um de fé de amanhã, tem que deixar os caras virem”. Jesus demonstra simpatia, mas revela que existe então um modelo de gremista, um modelo de torcedor para estar na Geral. Afinal, mesmo recebendo bem o turista, ele o faz em comparação com um futuro desejado para aquele que vai pela primeira vez, no

caso, se tornar um de fé.

2.7. Trapos

Se além da meia dúzia de torcedores determinados a apoiar o time no início dos anos 2000, indo para trás do gol cantar o jogo todo, houvesse um outro símbolo a ser destacado, este com certeza seria o Trapo. Pedaco de pano velho, bandeira antiga, lençol grafitado, o que fosse possível para carregar as frases e figuras representativas do espírito e modo de torcer daqueles primeiros torcedores que foram para a Geral, ainda um espaço vazio e acanhado do Estádio Olímpico.

OS BORRACHOS DA GERAL, agora tido como o primeiro trapo, que surgiu logo depois do trapo IMORTAL TRICOLOR / LARA VIVE, demonstram no seu modo artesanal de confecção, antes mesmo do que dizem os seus escritos, o que movia aqueles torcedores: dar o que tiver e fazer o que puder pelo Grêmio. Determinados a não depender mais de subsídios da direção do clube, por entender que são o Grêmio e sua torcida maiores que tais administrações, os torcedores passaram a confeccionar essas pequenas faixas, carregadas de simbolismo, tanto para torcedores, como para os jogadores em campo. Além disso, serviam para demarcar o território que agora era ocupado por torcedores dispostos a erguer estandartes de incentivo às vitórias, enaltecer ídolos e heróis do passado e colocar nas frases, o perfil da torcida da amizade, do alento e do trago.

Houve resistência por parte da direção, que assistia a grande quantidades de panos se multiplicando e cobrindo cada vez mais as marquises, muretas e grades da geral, inclusive as placas de publicidade do estádio. Defender a colocação dos trapos na geral era como defender a bandeira do país ou do estado. Aliás, duas bandeiras que também sempre estiveram presentes na torcida do Grêmio, antes mesmo de serem vistas entre os

membros da Geral do Grêmio. Mais especificamente dois bandeirões: um do Brasil e outra do Estado do Rio Grande do Sul que eram tremuladas na Torcida Jovem do Grêmio. A mesma de onde saíram os fundadores da Geral do Grêmio.

Cada torcedor, se quiser, faz o seu trapo, ou junta um grupo de amigos, arrecada dinheiro entre eles e confeccionam um trapo coletivo, leva para o estádio e pendura, mandando para o campo, ou para outros torcedores o seu recado, ou exaltando um símbolo do passado tricolor.



Figura 8: Trapo feito por dois integrantes estudantes de Geologia.
Fonte: fotografado pelo autor.

Mas uma ressalva sempre é feita: “quer fazer o seu trapo? Pode fazer, mas o sujeito tem que se garantir para não perder nunca uma peça destas para um colorado. Eles são uma espécie de troféu”, assim contou um torcedor, sobre a disputa simbólica pela posse de um trapo, bandeira, faixa ou camisa do time adversário. O “material” roubado vira um troféu, exibido em fotos na Internet, queimado na arquibancada e motivo de ridicularização daqueles que o perderam.

Camisas, bandeiras e bonés servem de troféus a serem disputados pelos torcedores. Um motivo de humilhação para qualquer Torcida Organizada é ver suas bandeiras, ou

qualquer outro adereço coletivo que a represente em poder de terceiros (TOLEDO, 1996: 58).

Esta prática não é uma invenção da Geral. Já faz parte da cultura das Torcidas Organizadas e faz com que os torcedores adotem estratégias de defesa dos seus símbolos e determinam inclusive como se deslocam pela cidade em dias de jogos.

(...) é preciso ter cautela ao circular por certos lugares da cidade com a camisa da torcida. Especialmente em dias de jogos, o torcedor é orientado para que não se desloque sozinho, sendo comum que marquem pontos de encontro e saída para o estádio, como a própria sede da torcida. Isso se explica pela prática usual entre torcedores rivais, do roubo de camisas, muitas vezes exibidas no estádio como um troféu e queimadas como demonstração de que o adversário foi dominado, em algum momento. Tal atitude é encarada como afrontosa pela torcida. (TEIXEIRA, 2004: 86)

Para tratar da primeira categoria de trapos, poderíamos dizer que são as maiores faixas e mais bem pintadas, mas nem por isso, menos “amadoras.” Nos seus dizeres, remetem às façanhas e origem genuinamente gaúcha da torcida. SIRVAM NOSSAS FAÇANHAS DE MODELO A TODA TERRA, verso do Hino do Rio Grande do Sul, emoldura, na maioria das vezes, a marquise superior sobre a curva do estádio onde ficam os torcedores da Geral. Além da exaltação do amor pela terra natal e sua cultura, a frase é referência às façanhas esportivas do Grêmio, claro que indissociável da sua condição de clube gaúcho, mas ao mesmo tempo, campeão do mundo.

Uma outra faixa, que ocupa a mureta da lateral do campo, no lado oposto às cabines de rádio e TV, relembra um feito histórico na história recente do clube, com uma frase emblemática para os torcedores que acreditam na imortalidade do Grêmio: JAMAIS NOS MATARÃO – 26/11/2005. A data é referente à partida mítica, que decidia o quadrangular final da Série B do Campeonato Brasileiro de 2005, que já foi tema de dois longa-metragens¹⁶, um livro¹⁷ e principalmente, responsável pelo aumento da mística da imortalidade do time, daquele que luta bravamente até o final de cada partida.

¹⁶ Inacreditável: A batalha dos aflitos (2006) e A batalha dos Aflitos (2007)

¹⁷ 71 segundos: O jogo de uma vida. Luiz Zine Pires

O Grêmio jogava pelo empate com o Náutico, em Recife no Estádio dos Afritos. Aos 34 minutos do segundo tempo, já com um jogador a menos, o Grêmio tem um segundo pênalti marcado contra a equipe. No primeiro tempo o Náutico desperdiçara uma chance, com Bruno Carvalho chutando na trave. Além de não ter sido uma falta clara, o time, durante as reclamações contra o árbitro, ainda teve mais três jogadores expulsos, ficando com somente sete jogadores em campo (um no gol e seis na linha). Depois de muita confusão e até ameaças do time abandonar a partida, o juiz autorizou com muita dificuldade, a cobrança da penalidade, que para incredulidade dos torcedores do Náutico e festa dos gremistas, foi defendida, com os pés, pelo goleiro Galatto. Mesmo assim ainda faltavam, pelo menos dez minutos, e o que ocorre em seguida, para os amantes do futebol, é algo que se não fosse filmado, se diria inacreditável. O Grêmio faz 1x0 com quatro jogadores a menos em campo. Gol de Anderson, de apenas 17 anos. O Grêmio garantia, não só o acesso a Série A do Campeonato Brasileiro, como o título da competição.

JAMAIS NOS MATARÃO, reforça as características que são atribuídas aos gaúchos e por conseguinte, aos torcedores do Grêmio, que são guerreiros, povo de luta, que não se entrega, não foge à peleia e por isso se tornam honrados, pela sua bravura, destemor e fidelidade aos seus princípios. Lembra outra frase comumente dita e até virou letra de música, NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA, quer dizer, brigar até o fim, e só se entregar quando a morte chegar.



Figura 9: Trapos “time de 1983”, “jamais nos matarão” e “vivemos de loucura”.

Fonte: fotografado pelo autor.

Além disso, o final da Série B marcou o ano de afirmação da Geral como o preponderante na reunião de torcedores dentro do Estádio Olímpico. Houve melhora da sua relação com a diretoria do clube e todos passaram a acreditar que aquela seria a forma de torcer necessária para tirar o clube de uma das piores fases da sua história, esportiva e economicamente. Dar tudo pelo Grêmio, como foi no caso do plano de associação e apoiá-lo incondicionalmente das arquibancadas. Em uma simples explicação de um torcedor, *“pra que nós iríamos vaiar um time que já estava na segunda divisão?”*

Podemos perceber como algumas circunstâncias serviram para provar se aqueles torcedores realmente estariam com o Grêmio onde ele estivesse. Se o Grêmio aguerrido e bravo tinha ao seu lado uma torcida de fé, de alento como a Geral havia se proposto a ser desde 2001. Acima de tudo, sucediam-se fatos, hoje parte da memória da torcida e do clube como o rebaixamento, perdas sucessivas de mando de campo, vitórias heróicas como a Batalha dos Aflitos, afora os conflitos constantes com a direção e a Brigada militar até 2004.

A torcida começava a escrever a sua história, como participante ativa destes acontecimentos, autora, junto com o clube, de façanhas históricas, que

virariam estandartes expostos nas faixas e trapos, ao mesmo tempo em que outros acontecimentos da história do clube eram apropriados nos trapos, na tarefa de contar, naquele momento, “a história” do Grêmio e da torcida do Grêmio.

A torcida passa a ter história, ao mesmo tempo em que os feitos do clube são ressaltados nesse contar da história pendurado nos panos pelas marquises e muros do Estádio Olímpico, para mostrar qual é a tradição daquele clube e dos seus torcedores. Outra grande faixa anuncia, IMORTAL TRICOLOR, quer dizer, um clube que além de ter história, é uma história eterna, imortalizada por aqueles que a contam. E se multiplicam desde uma simples trapo com a pintura 1983, ano da conquista do título mundial de clubes, no Japão, até a adaptação do Brasão do Estado do Rio Grande do Sul, com dizeres, AMIZADE – ALENTO – TRAGO.



Figura 10: Trapo “Trago alento e amizade”.

Fonte: fotografado pelo autor.

Um segundo grupo de trapos, procura contar a história do clube, recuperando e destacando ídolos e momentos marcantes da história do clube. A foto do time de 1983 postado em pose de campeão, antes da partida contra o Hamburgo, virou um trapo com essa imagem pintada em degradê; o time de

1995, também campeão da Libertadores, ganhou um trapo idêntico; a foto clássica do capitão do time campeão da Libertadores de 1983, o uruguaio Hugo de Leon, erguendo a taça com o rosto ensanguentado virou uma pintura em um trapo que é considerado dos mais bonitos e lembrados pelos torcedores e possui ao lado da imagem a frase JAMAIS NOS MATARÃO.

O goleiro Lara ganhou outro trapo com sua foto de braços abertos com o texto SE SOMOS ASSIM NÃO É POR ACASO, bem como Baltazar, autor do gol do título nacional de 1981, que tem um trapo com a inscrição BALTAZAR RECORDAR É VIVER. Renato Portaluppi tem pelo menos dois trapos sendo que em um deles ainda pode se ler VIVEMOS DE LOUCURA.

Da história recente do clube, Felipão tem trapo com o seu rosto, bem como o atual Técnico da Seleção brasileira, Mano Menezes, que era treinador à época do título da segunda divisão. Sandro Goiano, capitão daquele mesmo time também ganhou um trapo. O atacante Jardel, artilheiro da Copa Libertadores de 1995; Dinho, um meio de campo reconhecido pela sua raça, e que segundo seus adversários, beirava a deslealdade, mas que para os tricolores era a característica necessária a um autêntico cabeça-de-área, O CANGACEIRO TRICOLOR, lembrando as características dos homens que guerreavam pelo cangaço, pelo sertão, referentes também a origem nordestina do jogador. Uma frase abaixo da pintura do seu rosto: GRÊMIO MINHA SEGUNDA PELE.



Figura 11: Trapo em homenagem ao ex-jogador Baltazar.
Fonte: fotografado pelo autor.



Figura 12: trapo em homenagem ao Renato Portalluppi.
Fonte: fotografado pelo autor.

A Geral, ao mesmo tempo em que constrói sua história, ajuda a redefinir os valores sob aspectos positivos de garra, luta, honra, que são expressos em seus símbolos, como os trapos. Os jogadores e palavras ali expostos demonstram as características que um gremista deve ter, expressões que remetem mais a noções de memória, ou seja, a percepções da realidade, do

que à facticidade positivista e subjacente a tais percepções”. (POLLAK, 1992: 201).

Há ainda nessa categoria de trapos, aqueles proféticos e que procuram colocar o Grêmio de volta no seu lugar na história, um clube de grandes conquistas internacionais. Marcando a volta do time à Libertadores em 2007, apenas um ano após o retorno à primeira divisão e no ano seguinte à conquista da mesma competição pelo seu maior rival, o S.C. Internacional, um trapo anunciava: 2007 – O ANO DA RECONQUISTA, como se coubesse aos heróis gremistas libertar a América do predomínio colorado.

A rivalidade com o Internacional não é muito explicitada nesses símbolos, uma vez que eles dizem mais sobre os próprios gremistas do que os seus rivais. Porém cabe ressaltar que a torcida de alento do Internacional, a Guarda Popular, também tem como elementos da sua nova tradição, os trapos. Porém, como elemento de diferenciação dos gremistas e menos adeptos das influências argentinas ou estrangeirismos, os colorados chamam as suas faixas de apoio de *Panos*. Os colorados colocam em rivalidade até mesmo uma expressão que os identifica mais com a brasilidade e caráter popular da sua torcida, mesmo que ambos os termos tratem de elementos rústicos, artesanais e de desprendimento material.

Há dentre os trapos, digamos, bem produzidos, um que reproduz as antigas flâmulas trocadas pelos capitães dos times, em gesto de gentileza antes do início das partidas. Este gesto ainda é comum, mas a flâmula reproduzida é da década de 1930, inclusive com o distintivo do Grêmio daquela época, mas com um recado importante: CAMPEÃO FARROUPILHA – 1935, com referência a conquista do campeonato metropolitano, no ano do centenário da Revolução Farroupilha, naquele Gre-Nal mítico, que foi a última partida disputada pelo goleiro Lara. Não por acaso a parte mais aguda da flâmula tem a inscrição, em letras verticais: LARA.

Por fim, há uma terceira categoria dos trapos, que na sua maneira rústica e artesanal de confecção, e feitos individualmente ou por pequenos grupos, procuram passar recados de alento ao time. Em frases de apoio demonstram principalmente a identidade dos torcedores do Grêmio e da Geral em particular, onde muitas vezes são citados seus nomes, bairros ou cidades

de origem. Mais do que dizer a sua origem, a diversidade de trapos constrói uma nova identidade para os torcedores gremistas.

Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência. (POLLAK, 1992: 207).

Normalmente os trapos associam palavras de incentivo ou comportamento com o nome do bairro. O DESCONTROLE ESTÁ FORMADO, é um deles, palavra já citada em canções e prenúncio de um momento, onde os torcedores querem o lazer, mas acima de tudo, sem que tenham que respeitar normas ou regulamentos, mecanismos de controle para suas vidas. NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA, já citado, também é uma frase que, pendurada nas muretas do estádio, enaltece a fibra, a raça, como características da identidade daqueles torcedores, além de exigirem a garra dos jogadores até o último minuto da partida, que pode ser complementado por outro que diz NÃO GANHARÁS O JOGO EM VÃO!, sendo este com a identificação das cidades de origem de quem o fez CANOAS / CACHOEIRINHA.

GRÊMIO MANDA, simples, mas direto no objetivo de mostrar que pertencer à torcida e dar visibilidade à sua identidade em um trapo dá mais poder ao torcedor e uma visibilidade e respeito que ele não tem cotidianamente. Canoas, cidade da grande Porto Alegre é um dos lugares que mais aparecem nos trapos, e através do trapo da Vila Ideal (bairro de Canoas), é expressa mais uma vez a lealdade incondicional ao clube: VILA IDEAL – PELEANDO ATÉ A MORTE – CANOAS PRESENTE.

Dudu, Caludinho e Paulo assinam um trapo com a figura do Laçador, que além de ser um monumento situado na entrada da cidade pelo aeroporto de Salgado Filho, é o símbolo do típico gaúcho, de chapéu, bombachas, lenço e guaiaca (espécie de cinto), além é claro, de segurar um laço. Neste trapo, o laçador está ladeado pelas taça da Copa Libertadores e do Mundial de Clubes, e abaixo de sua imagem está escrito A RAÇA DOS PAMPAS.

Também tem a GERAL MORRO SANTANA, o torcedores da ZONA NORTE, o CENTRO – SEMPRE CONTIGO. Mas é a faixa TREINO É JOGO. JOGO É GUERRA – CANOAS / CACHOEIRINHA UNIÃO PELO GRÊMIO, que gerou mais polêmica nos meios de comunicação do RS. Parafraseando o craque Didi, que disse uma vez “Treino é treino, jogo é jogo”, esta frase acabou por incitar os defensores da “paz nos estádios”, que em sua apropriação literal da frase, acusou a torcida do Grêmio de incentivar a violência, e toda sorte de críticas extensivas ao comportamento dos torcedores.

O que aconteceu depois da primeira aparição da faixa, é que ela passou a ocupar sempre um dos lugares mais visíveis das arquibancadas. O jogo de futebol e a sua disputa, marcam uma espécie de simulação dos conflitos bélicos da vida real, sendo comum, na mídia esportiva do futebol profissional, o uso de expressões de guerra ou militares, senão, qual a razão de chamar um jogador que marca muitos gols de “artilheiro” ou de “matador”? Chamar um chute forte de “bomba”, dizendo que daqueles pés saiu um “tiro”, é tão comum como dizer que “este gol foi um tiro de misericórdia, pois o time tal já estava entregue, rendido ao adversário”.



Figura 13: Treino é jogo, jogo é guerra / Canoas - Cachoeirinha – união pelo grêmio.

Fonte: fotografado pelo autor.



Figura 14: Outro trapo da região de canoas e cachoeirinha.
Fonte: fotografado pelo autor.



Figura 15: Vila Ideal, bairro de Canoas onde moram os fundadores da torcida.
Fonte: fotografado pelo autor.

Importante notar que os trapos de maior visibilidade ostentam ao mesmo tempo o nome de bairros e cidades da periferia. Cidades da grande Porto Alegre como Canoas, Cachoeirinha, Esteio e bairros da periferia dessas

idades, como a Vila Ideal e Morro Santana.

A partir de 2007 já era possível perceber trapos com referências a torcedores de outras cidades do interior do Rio Grande do Sul. Assinam trapos com os nomes de suas cidades ou região de origem; vêm torcedores da região das Missões, da serra, com trapos assinados por Caxias do Sul, Gramado e Canela; BORRACHOS DE PASSO FUNDO, Santo Ângelo deixa o seu recado com o símbolo do Grêmio e a palavra IMORTAL; Ijuí também aparece em uma faixa, assim como Gravataí. A torcida já não estava restrita aos limites da grande Porto Alegre. E a sua participação no cotidiano do clube não se limitará ao incentivo. O seu crescimento traria consequências para sua organização e participação na vida política do clube, que serão descritas no capítulo seguinte.

3.SAINDO DA PERIFERIA PARA OCUPAR O CENTRO: O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA TORCIDA GERAL DO GRÊMIO

3.1. Modernidade e exclusão - O avanço do processo de elitização nos estádios brasileiros.

Os amantes do futebol brasileiro têm experimentado recentemente mudanças significativas na forma como lhes tem sido permitido o exercício da sua paixão. Os espaços que outrora reuniam uma quantidade de pessoas que justificava a classificação do futebol como esporte de massas, agora estão “encolhendo”. O público que frequentava os estádios brasileiros com toda sua diversidade, criatividade e festejos era um dos responsáveis por fazer o Brasil conhecido como país do futebol.

Neste capítulo serão analisadas como as recentes transformações no campo futebolístico têm alterado a relação entre os agentes envolvidos na construção do futebol. Que passou de um esporte popular para um negócio lucrativo e ao mesmo tempo elitista e excludente. Mudanças que deixam de fora os agentes responsáveis pela sua popularidade: os torcedores.

Outros agentes fazem parte do futebol profissional além dos torcedores. A mídia especializada, os jogadores e técnicos, descritos por Toledo (2000) como responsáveis em suas relações pela atividade que além de dinâmica própria, se relaciona com as mudanças históricas da sociedade brasileira. Sendo imprescindível para entender a lógica deste espaço dos esportes relacioná-lo com o espaço social que se manifesta nele (BORDIEU, 2004).

(...) um campo de profissionais da produção de bens e serviços esportivos está se constituindo progressivamente (entre os quais, por exemplo, os espetáculos esportivos), no interior do qual se desenvolvem interesses específicos, ligados à concorrência, relações de força específica, etc. (...) consequência da constituição deste campo autônomo, a saber, o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores, que vai pari passu com o desenvolvimento do esporte espetáculo totalmente separado do esporte comum. (BOURDIEU, 2004: 217)

Incluiria entre os agentes do campo esportivo brasileiro o Estado, que junto com as federações, tem, ao longo da história do futebol brasileiro, financiado e regulamentado a atividade. O Estado brasileiro em sua relação com o futebol responde a demandas internas e externas da atividade. Nos últimos vinte anos, tem criado leis e financiado a atividade em benefício de uma gestão capitalista do esporte, alegando sempre a necessidade de modernização.

Desta forma, em nome da adequação a uma sociedade moderna, são reformados ou construídos estádios, que antes de serem modernos, são modernizantes. Espaços que criam um outro tipo de torcedor, o torcedor moderno. Atualmente, ser torcedor moderno significa ser pacífico e consumidor. Não à toa, o Estádio do Maracanã passa pela sua quinta reforma desde que foi inaugurado. Esta última é a mais drástica, depois das obras que extinguiram o setor mais popular do estádio, a geral (no ano de 2005).

O novo tipo de torcedor que deve ser adequado a estas novas construções é definido por Giulianotti (2002) como *pós-torcedor*. Um espectador pós-moderno, com mais dinheiro e menos identificação e paixão pelo clube. E para ele foram criadas leis condizentes com a sua condição de consumidor. Parte deste processo se deu no Brasil com a criação do Estatuto do Torcedor em 2003. Uma espécie de código de defesa do consumidor de futebol.

Para a segurança deste novo tipo de frequentador de estádios foram criados Juizados Especiais instalados dentro dos estádios em dias de jogos. Em caso de cometer algum excesso, o torcedor já sai dali condenado. No Rio de Janeiro foi criado o JECRIM – Juizado Especial Criminal. Para uma instituição jurídica especial, também há uma polícia especial, o GEPE – Grupamento Especial de Policiamento em Estádios. A parte mais perversa além do controle e vigilância sobre os torcedores é a presunção criminal que recai sobre eles.

O torcedor é tratado como um criminoso em potencial e não há como negar que este preconceito está relacionado com a origem pobre da maioria dos que frequentavam Estádios de futebol à época da implementação destas medidas. Ou por que também não existem Juizados Especiais em outros

eventos esportivos, shows de rock ou em *shoppings centers*?

Manter a vigilância sobre os torcedores significou também a instalação de câmeras nos estádios brasileiros; todas as chamadas arenas modernas possuem dezenas delas espalhadas em pontos estratégicos e uma central de monitoramento. Foi assim no Maracanã, no Estádio Olímpico (Porto Alegre) e no Estádio Raulino de Oliveira (Volta Redonda - RJ).

Caso emblemático este último, quando após uma reforma em 2004, passou a se chamar Estádio da Cidadania. Hoje em dia, com assentos numerados e cobertos se tornou um modelo de estádio exaltado pela imprensa e administradores do futebol, capaz até de receber clássicos entre os grandes clubes do Rio de Janeiro. Nele estão instaladas 40 câmeras para vigilância de até 20 mil torcedores, capacidade máxima do estádio. O que nos dá uma média espantosa de uma câmera por grupo de 500 torcedores.

Voltando a falar do Maracanã, que passa por reformas para sediar a final da Copa do Mundo de 2014 e terá a sua capacidade reduzida para 78 mil espectadores. Um espaço que já foi capaz de receber 200 mil pessoas, “encolheu” ao longo dos seus 60 anos de história e pôs fim aos setores populares, sendo mais significativo o fim da geral.

O que podemos afirmar que mudou mesmo neste período foi a transformação do futebol em um esporte de espetáculo. Explico: no final dos anos 40 o futebol já era um esporte de massas, certamente. Não foi à toa que foi construído um estádio com capacidade para duzentas mil pessoas para a disputa do mundial de 1950. Mas o público de futebol, amantes do esporte ou torcedores, mesmo que fundamentais naquele período para a economia dos clubes na arrecadação das bilheterias, fazia parte, junto com outros atores sociais de uma atividade popular de lazer. Os torcedores hoje em dia são vistos como consumidores e clientes do dito espetáculo que se vende.

Após uma trajetória de constante expansão, em números e porte físico, os estádios em escala mundial vêm apresentando, nos últimos vinte anos, significativa redução de capacidade. A introdução de grandes patrocinadores e o advento da receita proveniente das transmissões dos jogos (outrora gratuitas) modificou radicalmente a economia do futebol, na qual os ingressos deixaram de ser a principal fonte de rendimentos dos clubes e federações. (GAFFNEY-MASCARENHAS, 2004: 07)

Mas se há um conceito que resiste e foi sempre evocado ao longo da história do futebol no Brasil é o de modernidade.

Associado ao esporte desde os tempos em que jovens ingleses, descendentes destes ou filhos da elite brasileira começaram a praticar aquele jogo vindo da Europa, cuja grande marca no início do Século XX era o da distinção. Mesmo na Inglaterra, lugar de invenção do futebol moderno, a sua disputa em caráter amador servia como manutenção do seu elitismo. O que dizer então de uma elite como a brasileira que há pouco se acostumara com a igualdade jurídica instaurada pela república e tinha em sua cultura e hábitos, mecanismos de diferenciação dos recém promovidos a cidadãos? Sobre esta nova prática que surgia no Brasil no início do século XX, Proni (2000) afirma:

A prática esportiva carregava consigo o signo da mudança, das ideias progressistas aplicadas a um lazer civilizado. Essa incorporação de um novo estilo de vida era uma forma de fazer parte da modernidade, do mundo culturalmente avançado, mesmo vivendo numa sociedade atrasada, distante da matriz da civilização. (PRONI 2000: 99)

Esta nova prática além de conferir a seus praticantes “ares de civilização”, encontrou uma sociedade que estava em processo de industrialização e urbanização em curso. Uma atividade de lazer condizente com os valores de uma sociedade industrial mais avançada como a inglesa, regida pelo tempo, pela métrica e resultados que premiavam os melhores e estimulavam a competitividade, prenúncio dos valores que a sociedade brasileira experimentaria. Uma modernidade que dizia respeito “principalmente, à transformação que se opera no plano dos costumes, à profunda alteração dos quadros da existência no âmbito da vida social urbana, que cria todo um ambiente propenso a novas experimentações, em particular aos novos exercícios corporais e aos novos hábitos de lazer ao ar livre” (PRONI, 2000) .

Voltar aos períodos históricos onde o conceito de modernização foi evocado, pode nos ajudar a compreender como este tem sido apropriado hoje em dia para justificar mudanças nos estádios de futebol no Brasil. E no

comportamento que é esperado dos torcedores que os frequentam, nestes tempos em que o futebol é mais do que um jogo, é um negócio, um espetáculo.

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como uma ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU, 1983: 144)

A entrada de grandes empresas e investidores no financiamento do esporte e os lucros auferidos com esta atividade mudam a dinâmica interna do campo esportivo. Ao mesmo tempo cria através da mídia uma “necessidade de modernização” das estruturas nas quais o futebol se sustenta. Estes novos agentes trazem para dentro do esporte a linguagem e a cultura da competição por lucros, ao invés da competição esportiva.

Quando os investidores, grandes corporações, multinacionais perceberam que o retorno que o futebol trazia a seus negócios não estava apenas na visibilidade que o esporte trazia para as suas marcas, era a hora de entrar de vez em campo. Não era mais suficiente para seus ganhos, lucrar *através* do futebol, mais sim auferir lucros *com* o futebol. Nos anos noventa, a entrada de bancos, empresas de marketing esportivo e multinacionais no cenário esportivo brasileiro se deu através de parcerias com os clubes, que não se limitavam à estampa de suas marcas em camisas ou publicidade estática nos estádios ou propagandas na TV.

Passaram a influir na contratação de jogadores e no pagamento dos seus salários. O caso mais marcante foi a parceria Palmeiras-Parmalat, a partir de 1991, que realizou as maiores transações do futebol brasileiro na época, montando um time de estrelas, que contribuiu para o título do Campeonato Paulista de 1992, tirando o time de uma espera de 17 anos sem uma conquista. Ao fim daquela década houve um predomínio da entrada de parceiros do mercado financeiro. O Vasco fechou investimentos com o Bank of Boston; o Corinthians e o Vitória da Bahia acertaram com o Banco Excel. Estes tinham em contratos com o clube o direito ao licenciamento das marcas dos clubes e utilização dos Estádios, para aqueles que tinham estádio próprio.

Já os casos do Flamengo e do Grêmio chamam mais atenção, porque assinaram contratos com a ISL, uma empresa de marketing esportivo. A ISL (International Sports Leisure) era uma empresa suíça que já cuidava naquela época dos contratos de marketing da própria FIFA.

No caso do Grêmio, após assinatura do contrato em 2000, a empresa se comprometia a investir na contratação de jogadores e recebia em troca o direito negociar contratos utilizando a marca do Grêmio, o que incluía a utilização do Estádio, seja na arrecadação da bilheteria como no aluguel para outros eventos que não o futebol.

A intenção da reforma do Estádio Olímpico com investimentos da empresa ficou na promessa. Bem como a contratação de grandes jogadores. Enquanto durou a parceria, até 2003, o Grêmio ganhou um campeonato Gaúcho e uma Copa do Brasil. Em compensação, adquiriu uma dívida ainda maior após a quebra da parceria. Porém, a maior influência da entrada deste investidor na administração do clube se deu na relação entre os dirigentes e torcedores, principalmente os membros das torcidas organizadas. A interferência na gestão do clube atendia aos interesses comerciais da ISL, ao mesmo tempo em que o Grêmio buscava se adequar às recentes legislações aprovadas para regulamentar o Futebol Brasileiro. A Lei Pelé, de 1994, exigia que os clubes se transformassem em empresas e prestassem contas como é dever de qualquer instituição jurídica.

No tocante a relação com os torcedores há dois caminhos que podem justificar a crise. Uma de ordem interna e econômica. O aumento do preço dos ingressos que na virada do século chegou a 50%, passando de R\$ 10,0 para R\$15,00 o valor de uma arquibancada. Isto não foi privilégio do Grêmio, na verdade todos os clubes e federações aumentaram os valores, alguns justificados pelas reformas nos estádios, outros pela desvalorização do real, mas o principal motivo foi o crescente aumento dos custos do Futebol. Impulsionados pelo aumento do investimento no esporte, principalmente na Europa, a concorrência fez aumentar o salário dos jogadores. E a administração empresarial, com responsabilidade legal, passou a exigir dos dirigentes e empresários a obtenção de lucros. Sobrou para o bolso dos torcedores.

Para os torcedores membros das torcidas organizadas significou a diminuição, quando não o fim da distribuição de ingressos para as partidas disputadas em Porto Alegre. Segundo relato de um torcedor que fazia parte da Torcida Jovem em 1999, naquela época, chegavam a ser distribuídos até dois mil ingressos por jogo entre todas as organizadas do Grêmio. Juntos, ISL e Grêmio não poderiam mais abrir mão desta arrecadação. Mas podemos apontar com esta restrição, que o motivo mais importante era restringir, senão extinguir as Torcidas Organizadas que passaram a ser vistas como elementos indesejados na nova ordem do futebol.

Estes grupos de torcedores anteriormente associados à festa, incentivo e a própria imagem do Grêmio, passaram a ser encarados como um incômodo, um obstáculo na ida para o estádio dos ditos “torcedores de bem”, das famílias. Um torcedor de perfil mais exigente e enquadrado na categoria de consumidor.

Antes de nos aprofundarmos nesta questão, que foi uma das motivações que levaram alguns torcedores a simplesmente desistir de fazer parte das Organizadas e criarem um outro movimento, falemos da outra implicação da entrada de investidores no futebol brasileiro e que pode ser exemplificada pelo caso do Grêmio e da ISL,

No começo dos anos 2000, começa ficar evidente para os torcedores brasileiros o distanciamento afetivo dos jogadores e das camisas dos clubes que vestem. Uma mudança na legislação que extinguiu a lei do passe que mantinha o jogador vinculado ao clube que detinha o seu contrato de trabalho, mas naquele momento significou que o jogador trocou apenas de dono: dos clubes para a mão de empresários ou empresas, como a ISL. Sendo a sua lógica a do lucro, pouco importa para o “dono” do jogador o clube onde este joga. O importante é mantê-lo na vitrine e poder lucrar em uma transferência.

E o caso do Grêmio foi emblemático porque o período desta co-gestão surgia das categorias de base do clube o jogador Ronaldinho. Maior revelação do clube desde o ídolo Renato Portaluppi no início dos anos 80, Ronaldinho não chegou a disputar duas temporadas completas como jogador profissional. Conquistou apenas um campeonato gaúcho em 1999. Transferiu-se para o Paris Saint Germain da França no ano seguinte, beneficiado pela Lei Pelé, deixando o clube após o término do seu contrato e não fosse a intervenção da

FIFA que estipulou um valor irrisório para jogadores do seu nível, o Grêmio o teria perdido sem qualquer pagamento.

Para os torcedores “a frustração era clara, pois não poderiam seguir Ronaldinho, já que estavam presos ao Grêmio por uma relação construída desde muito cedo, e que resulta numa fidelidade exacerbada” (Damo, 2008: 146). A circulação de jogadores é incompatível com a paixão e a fidelidade dedicadas pelos torcedores a um clube e é por este mesmo motivo que é o futebol capaz de movimentar tantas pessoas e tanto dinheiro: o pertencimento clubístico.

Presenciando a despedida de um ídolo no qual se depositava muita esperança e ao mesmo tempo vendo o time, segundo os gremistas, “cheio de jogadores que não honravam a camisa”, os torcedores punham a prova a sua paixão pelo clube. E diante das ações cada vez mais hostis da diretoria em relação às torcidas organizadas, não era de se estranhar que muitos torcedores se desligassem delas. Já não tinham mais nada a perder.

Se antes as torcidas organizadas eram apresentadas como úteis ao controle, suas lideranças convidadas ao diálogo e por vezes tratadas como vítimas da falta de conforto nos estádios, policiamento repressivo e não preventivo, transportes deficientes e campeonatos mal formulados, em meados dos anos 90 elas passaram a ser tidas como parte central do problema, sinônimo de violência nos estádios.

Campanhas eram constantemente vinculadas na TV, jornais e revistas especializadas e a criminalização destes grupos chegou ao ponto do Ministério Público de São Paulo proibir a entrada das torcidas nos estádios. A percepção de que eram responsáveis pelo afastamento do público, referendada por pesquisas de opinião e palavras de criminalistas, as transformaram num entrave para adoção do futebol, mais uma vez, “moderno”.

Seus membros já passavam longe das decisões tomadas pelo Estado, Federações e Clubes. Os ventos da modernidade que sopravam do continente europeu e que transformariam o futebol em um espetáculo e negócio cada vez mais rentável, cedo ou tarde, seriam responsáveis pela tentativa de expulsão das organizadas dos nossos estádios.

E era do velho continente que mais uma vez vinha a inspiração para esta nova fase de modernização dos estádios e (re)organização do público.

Só quando se tornou um problema para comercialização do espetáculo, no final dos anos oitenta, a violência passou a ser combatida com certa eficácia pelos responsáveis pela administração do negócio. A prioridade desde então é preservar a ordem, garantir a segurança do público que paga para assistir ao espetáculo e construir a imagem de um entretenimento organizado e sadio junto à população, à mídia e aos patrocinadores. (PRONI, 2000: 62).

E para receber este novo tipo de público (consumidor) ou a sua adequação ao novo modelo, era necessária a transformação dos estádios. Mudar a sua arquitetura e também incrementar a sua finalidade. Montar um complexo que não gere lucros somente em dias de jogos. Mais do que simplesmente futebol, o estádio moderno deve ser capaz de oferecer variadas opções de entretenimento e, é claro, consumo. Fruto de uma adequação dos dirigentes dos clubes brasileiros (ainda amadores, não remunerados) a uma visão empresarial do futebol. Frente a concorrência com o mercado europeu, que inflacionou os custos do futebol, a busca por outras receitas poderia vir através da mesma solução adotada no velho continente.

A proposta consistia na transformação dos estádios em centros de entretenimento completo, que não atraíssem apenas os amantes do futebol. Seriam modelos de arenas modernas polivalentes, que facilitariam a entrada de divisas no clube, não só através da venda direta de ingressos em dias de jogos, mas também pela exploração diversificada do espaço para shows, feiras e convenções ou pela estrutura montada no seu entorno, que deve incluir estacionamento, lojas, restaurantes e até mesmo hotel.

O futebol agrega um valor ao empreendimento, mesmo não sendo esta a finalidade última da existência do novo modelo proposto de estádio; ser o cenário de partidas épicas, festas inesquecíveis dos seus torcedores e palco de emoções que transcendem as estruturas de concreto e aço não está mais na lista de prioridades de construções que justificavam seu gigantismo na quantidade de pessoas independente do quanto gastavam e no tamanho de sua paixão. Como explica Damo (2007):

A paixão pelos clubes, é, pois, a mola propulsora dos espetáculos, na medida em que o engajamento a uma das partes da disputa é condição para se vivenciar plenamente a excitação futebolística. Como escreveu Bromberger (1995), é a participação engajada que dá sentido, gosto e interesse aos confrontos. Quem não torce por nenhum clube dificilmente se interessa por jogos televisivos, não vai aos estádios e desdenha os periódicos especializados. As sensibilidades e os juízos estéticos engajados podem variar em intensidade e forma, mas não serão jamais neutros. Portanto, não se vai a um estádio para assistir a um jogo, antes para torcer por uma das partes engajadas na disputa (DAMO, 2008: 144)

Portanto fica cada vez mais evidente a contradição de se referir aos torcedores como consumidores ou mesmo de maneira mais cidadã, como clientes. Mesmo em tempos de estímulos cada vez mais emotivos para o consumo, quando as razões para consumir um produto vão além da sua utilidade e passam por valores estéticos e de status, não é adequado relacionar os fãs de futebol com clientes ou consumidores. A frieza deste tratamento pode matar a galinha dos ovos de ouro.

3.2. Aspectos da modernização do futebol no Grêmio FBPA

Não é de se estranhar, que dentro dessa nova lógica de mercado que rege o futebol atualmente, o aumento nos valores cobrados pelos ingressos tenha atingido níveis proibitivos. A exclusão do povo nos estádios é parte deste processo de elitização que tem como exemplo das transformações dentro do Grêmio FBPA. A administração “moderna” do Grêmio, não só o fez como foi restringindo a distribuição de ingressos para as torcidas organizadas, excluindo sua participação, num primeiro momento, afetando sobremaneira as suas finanças.

Estádios lotados tornaram-se portanto muito menos necessários, não apenas pelo advento das novas fontes de receita, mas sobretudo por colocar em risco a própria qualidade do produto que se quer vender: os conflitos entre torcedores e

a ameaça que estes podem representar à própria integridade física dos jogadores, tornados valiosos astros milionários na nova economia do futebol (GAFFNEY-MASCARENHAS, 2004: 07)

Medidas de controle também foram tomadas, como a numeração das camisas do membros das Torcidas Organizadas no final dos anos 90 e vigilância com a instalação de câmeras dentro e fora do estádio¹⁸, também faziam parte deste processo.

A diminuição da capacidade do Estádio Olímpico é um processo que vem em curso desde os anos 90. Estádio que já teve capacidade de receber 85 mil torcedores em 1981 após a inauguração do anel superior. Nos anos 90 foram instaladas cadeiras neste mesmo espaço, reduzindo a capacidade do estádio para 65 mil espectadores. O encolhimento do Olímpico culminou com a adequação às normas da FIFA no começo dos anos 2000, de que todos os torcedores deveriam assistir aos jogos sentados em assentos numerados. A direção do clube o fez precariamente, pintando “lugares numerados” no anel inferior e diminuindo a capacidade para os atuais 55 mil lugares. Número que dificilmente é atingido, posto que com o grande número de sócios (número que supera a capacidade do estádio – 63 mil), poucos ingressos são colocados a venda para os torcedores comuns, não-sócios. São colocados a venda apenas depois que se encerra a pré-venda para os sócios torcedores (os que tem direito a meia entrada e venda exclusiva) e hoje em dia a R\$ 40,00 o valor de entrada mais barato.

Com a criação desta categoria de torcedor, o Sócio-Torcedor, fica cada vez mais claro o desinteresse na presença de público, principalmente o público mais pobre. Tendo uma base de sócios que supera a sua capacidade de recebê-los para assistir às partidas, pouco importa se o estádio está lotado. Importa mesmo é que todos estejam com a mensalidade em dia.

Não há também a necessidade por parte da direção do Grêmio de fazer cadastro dos torcedores. Esta foi uma das medidas colocada em prática para o controle dos torcedores organizados em São Paulo e no Rio de Janeiro, que

¹⁸ Segundo relato de um torcedor morador de Canoas, os torcedores também são filmados durante o trajeto pela Brigada Militar, desde o acesso às estações de trem até a chegada no estádio, passando pelos ônibus especiais que os conduzem após a chegada no centro da cidade.

chegava a incluir até o registro de voz dos seus integrantes. O controle de acesso ao estádio Olímpico se dá através da utilização de catracas eletrônicas ligadas ao banco de dados dos sócios. Lá estão registrados todos os dados do Sócio-Torcedor, principalmente se está em dia com a mensalidade. Se a mesma está atrasada o torcedor é barrado. E como medida restritiva caso o sócio tenha causado algum transtorno para o clube, protestou ou brigou dentro do estádio, para penalizá-lo, basta bloquear o seu cartão de sócio.

Outro aspecto que mostra o quão excludente é este processo de fidelização através dos planos de sócio-torcedor é que há poucas chances para aquele torcedor que tem dinheiro para ir ao estádio apenas uma vez por mês e não tem condições de pagar mensalidades. Este deve ficar atento ao noticiário para saber quantos ingressos serão vendidos e quando começarão a ser vendidos. Os estudantes igualmente disputarão estes ingressos para valer o seu direito a pagar pela meia-entrada. Ambos os tipos de torcedores enfrentando filas quilométricas.

Os menores de 12 anos também mantêm o seu direito à gratuidade em dias de jogos, desde que acompanhados por um responsável. Lógico que o responsável deve ter um ingresso, ou então, ser sócio! Portanto, uma das molas propulsoras da paixão clubística, relação que passa muito por influência familiar, estaria desta forma condicionada ao pai ou a mãe se associarem para poder levar o seu filho ao estádio. Experiência classificada por muitos como a fundadora do ato de “escolher um time para torcer”, a ida ao estádio é restringida aos filhos de associados e estes que tratem de fazer a sua carteirinha assim que completarem 12 anos.

Os dirigentes gremistas e os seus parceiros (nome dado aos investidores, patrocinadores e empresários) de acordo com a lógica de administração eficiente, já planejavam a construção de um novo estádio desde 2006. Desde a primeira apresentação do Projeto Arena, afirmava-se que esta seria construída de acordo com as normas exigidas pela FIFA para receber partidas e torneios organizados pela entidade.

As obras foram iniciadas em janeiro de 2011 e o contrato para construção e exploração da futura Arena foi assinado com a empresa de Engenharia e Construção OAS. O clube e a construtora dividirão os lucros do

novo empreendimento durante 20 anos, onde o Grêmio fica com 60% e OAS com 40%. Somente depois desse período o estádio será inteiramente do Grêmio. E somente o estádio, pois todos os empreendimentos imobiliários que também serão construídos ao redor do mesmo pertencerão a OAS. Serão prédios comerciais, residenciais, um centro de convenções, um Hotel e um *shopping center*. Tudo isso no bairro do Humaitá, Zona Norte de Porto Alegre, próximo ao Aeroporto Salgado Filho, região para onde se expande a cidade.

Incentivados pela competição pelo estádio mais moderno da cidade, uma parte dos torcedores comemora a construção da chamada Arena Grêmio. O estádio do Internacional, o Beira-Rio, também passa por reformas para se adequar a exigências da FIFA já que será uma das sedes da Copa do Mundo de 2014. O discurso da modernidade, proferido diariamente na mídia esportiva, faz com que aqueles que se opõem a tais mudanças sejam vistos como retrógrados e nostálgicos.

Mas o clube ainda teve que ceder, em contrapartida a este contrato de parceria, o terreno onde hoje fica o Estádio Olímpico no bairro da Azenha. Nesta região com pouquíssimos terrenos disponíveis e próxima ao centro da capital gaúcha, a construtora erguerá dez edifícios comerciais e outro shopping center.

Uma parte dos torcedores da Geral do Grêmio, que a despeito das memórias deixadas pela implosão do Estádio Olímpico, da destruição do Estádio onde a torcida surgiu, já esteve visitando as obras da nova Arena e marcando o seu lugar nas arquibancadas que ainda se levantam.



Figura 16: Geral do Grêmio “alentando” as obras da Arena Grêmio em outubro de 2011.

Fonte: Twitter oficial da Geral do Grêmio. Disponível em: < www.twitter.com/geralp10oficial - OUT-2011 >. Acesso em: out. 2011.

A torcida Geral do Grêmio, que busca em valores da tradição gaúcha e platina as bases do seu modo de torcer, tratou de se adequar a arena moderna que se levanta como novo estádio do Grêmio. A torcida, através de sua influência na política do clube e protagonismo na organização dos torcedores, reivindicou que um setor do novo estádio não fosse ocupado com cadeiras.



Figura 17: Imagem ilustrativa do setor que a Geral do Grêmio ocupará na Arena Grêmio.

Fonte: Globo Esporte. Disponível em: < <http://www.globoesporte.com> >. Acesso em: fev. 2012.

E a construtora alterou o projeto do estádio incluindo um setor destinado à Geral do Grêmio, que não por acaso foi batizado de Geral. E a partir de agora, ao menos informalmente entre os sócios que se preparam para migrar ao novo estádio, é a torcida que dá nome ao setor. Um setor chamado de geral que designava uma parte popular do Estádio Olímpico foi apropriado por uma torcida que modificou o modo de torcer nas arquibancadas, e agora retorna novamente como setor onde os torcedores, mesmo em um estádio moderno, poderão assistir aos jogos em pé, sem lugares marcados. Ao menos para os torcedores da geral do Grêmio, mesmo em meio a modernidade do novo estádio, poderão manter as suas tradições.

Ao longo da história do futebol no Brasil, a incorporação de valores “modernos” quase sempre esteve comprometida com a preservação de práticas consideradas atrasadas; ou melhor, que o próprio entendimento do que se define como “moderno” veio se alterando ao longo do tempo. A construção do futebol brasileiro também se fez por meio de uma renovação das tradições futebolísticas. (PRONI, 2000: 97)

Assim, diante das mais diversas conjunturas políticas e econômicas o futebol desempenhou um papel exaltado como modernizante. Valores que, em determinadas épocas eram mais suscetíveis às pressões externas ao futebol e

outras em que o próprio esporte e os seus atores reivindicavam a manutenção das tradições, enfatizando a dialética do processo histórico.

As contradições que se apresentam ao longo do processo em curso, das transformações dos torcedores em consumidores não estão imunes à uma resistência daqueles que ocupam as arquibancadas. Porém não podem ser colocadas simplesmente em uma oposição modernização x tradição. A manutenção e o estímulo da paixão do torcedor é o próprio combustível que alimenta o consumo.

Característica intrínseca das massas torcedoras, a paixão pelo clube encontra limites nas suas rivalidades, uma vez que um gremista não passará a frequentar o Estádio Beira-Rio, porque suas instalações são mais confortáveis ou o preço do ingresso está mais barato. Gremistas irão onde o Grêmio estiver e colorados sempre que puderem, desviarão seu caminho do bairro da Azenha, mesmo em dias onde não há partidas do rival.

Não se pode desprezar também o poder de discernimento dos torcedores em relação às mudanças que gerem conforto, segurança e uma boa prestação de serviços nos Estádios. Refiro-me aqui ao caso específico em que os clubes possuem estádio próprios, cuja própria construção, tamanho, localização e conservação é vista como um patrimônio não somente para o clube, mas para seus próprios torcedores. Motivo de orgulho equivalente a conquista de um título. A exaltação do estádio do Grêmio por seus torcedores, o Estádio Olímpico Monumental, ou simplesmente o Monumental da Azenha demonstra o quanto é caro para os torcedores ter um estádio. Enquanto o estádio do rival, S.C. Internacional é chamado por eles de Beira-Lago, “aterro da Padre Cacique” (avenida que passa em frente ao estádio) ou Chiqueirão.

Não é a toa que em tempos de torcedores consumidores ou torcedores cidadãos, são feitas campanhas por frequentadores da Geral do Grêmio para que não depredem o estádio ou seus entornos, o que ocorre comumente em caso de vexames em partidas disputadas dentro de casa. O que ocorreu pela última vez na campanha do campeonato brasileiro de 2004, quando o time foi rebaixado para a segunda divisão, o que lhe custou a perda de 6 mandos de campo. Depois deste episódio, e não se pode negar o papel que a punição teve na reversão deste comportamento, somadas às campanhas e ao fato dos

torcedores se tornarem sócios, nunca mais houve notícias de depredação do Estádio.

Pelo contrário, são comuns reivindicações de melhorias no estádio, como o alargamento dos portões de acesso com a instalação de mais catracas eletrônicas. Fato que ocorreu principalmente após a proibição da venda de bebidas alcóolicas no interior do estádio em Abril de 2008. Se já era uma tradição dos torcedores ficar bebendo antes das partidas nos bares das cercanias do Olímpico, após a proibição estes permanecem o máximo de tempo possível do lado de fora. Isto acarretava a entrada simultânea de um grande número de torcedores, que enfrentavam filas e aperto na hora de entrar. A reivindicação foi atendida e hoje em dia os torcedores entram com mais rapidez mesmo minutos antes da partida.

Em partida decisiva pela Copa Libertadores de 2009 (semi-final contra o Cruzeiro), mesmo com um público de 48 mil torcedores, levei apenas 15 minutos do trajeto entre o Bar Preliminar (a cerca de 500 metros do portão 10) e o primeiro lance de arquibancadas.

No exemplo desta reivindicação pelo conforto de todos e que ao mesmo tempo ajuda a preservar uma tradição daqueles que se “embebedam” até minutos antes das partidas, podemos perceber o quanto é perigoso colocar em oposição modernidade e tradição no caso da torcida Geral do Grêmio. O que surge deste movimento é algo novo, mas que não é proveniente de um idealismo de uma vanguarda ou da imposição de um dirigente do clube, senão das adaptações e tensões que se estabelecem durante este processo em que os interesses e estratégias dos dois lados são colocados literalmente em campo.

A Torcida Geral do Grêmio que surgiu em parte, motivada pela contestação à modernização do estádio Olímpico, foi englobada por propagandas e campanhas que apelavam para a cidadania do torcedor. Por trás desta “reeducação” do torcedor, estava a defesa do patrimônio e a necessidade de mostrar para pessoas com maior poder de consumo, que elas poderiam passar a frequentar o estádio sem preocupações.

Contribuiu para isto, o fato da maioria dos torcedores serem praticamente obrigados a ser sócios do clube para continuar frequentando as

arquibancadas, processo que, como será descrito no próximo item, teve influência direta da torcida. Uma torcida que antes era boicotada, vigiada e constantemente vítima da violência policial, se tornou aliada, a ponto de sua imagem ilustrar a campanha pelo bom comportamento dos torcedores, distribuídas em panfletos no ano de 2007.



Figura 18: Panfleto de campanha educativa promovida pela direção do Grêmio em outubro de 2007.

Fonte: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

3.3. Sócios Torcedores – Quando a Geral e o Clube se associam

Diferentemente das torcidas organizadas tradicionais, a Geral do Grêmio não é uma instituição burocratizada, com sede, estatuto, presidente ou diretores. Seus valores, sua política e rituais são subjetivamente incorporados ao comportamento dos torcedores comuns. No caso da liderança, a ação, os debates e o comando são mediados pelo apoio constante ao time. É claro que em muitos momentos, o apoio extrapola para a cobrança direta junto aos

jogadores e diretores do clube. O resultado das partidas é importante, mas acima de tudo, se cobra entrega, raça e dedicação dentro de campo.

Para isso, as cobranças não apelam somente para a tradição do clube, o que comumente é dito como “honrar a camisa e a história do Grêmio”. Os jogadores, a partir do surgimento da Geral, passam a ter que honrar também “a torcida que têm”. Como diz um dos líderes da Torcida, “o que a gente quer é que, no mínimo, o cara corra durante os noventa minutos, porque mesmo que o time esteja mal, a gente deixa pra vaiar e protestar depois do jogo. O nosso apoio eles vão ter sempre!”.

Ligados ao clube e à torcida pelo alento constante, os tricolores que frequentam a Geral do Grêmio, não têm mais a necessidade de serem cadastrados. A torcida não tem fichas de inscrição, carteirinhas ou camisas que a identifiquem (veremos no tópico seguinte). Os torcedores são, na maioria, sócios do clube. A associação é o maior vínculo institucional dos torcedores com o clube, exaltada por eles como uma forma de ajudar as finanças do Grêmio e dos próprios gremistas. Os sócios garantem acesso a todos os jogos disputados no Olímpico, pagando R\$ 60,00 por mês, o que equivale ao preço de dois ingressos de arquibancada cobrado no campeonato brasileiro de 2011. Uma economia de dinheiro e a certeza de poder frequentar todas as partidas disputadas no Estádio do Grêmio, sem preocupações com aquisição antecipada de ingressos. Como foi criado esse plano de sócio torcedor e a importância da torcida para o sucesso dele é que veremos nos parágrafos seguintes.

No começo de 2005, ano que o Grêmio disputaria a Série B do Campeonato Brasileiro, o clube estava à beira da falência. Só possuía seis jogadores no elenco do time profissional e mais alguns das categorias de base para completar os onze necessários para disputar uma partida. As dívidas com o Governo (INSS, Justiça do Trabalho) e outros credores, chegaram a ameaçar o Estádio Olímpico de penhora. Além disso, o time ainda jogaria as duas primeiras rodadas da competição em estádios com portões fechados, em decorrência dos conflitos em um Gre-Nal disputado em outubro de 2004.

A torcida, que dera provas de apoio ao time até as últimas rodadas do campeonato de 2004, quando o time ainda sonhava em permanecer na

primeira divisão, continuou a apoiar o time na segunda divisão. Mas as idas e vindas do relacionamento com a diretoria do clube impediam a Geral de fazer toda sua festa nos primeiros meses de 2005. Ainda como represália aos atos de vandalismo da derrota para o Internacional em 2004, a diretoria impedia a entrada dos materiais da torcida (Bandeiras, trapos, instrumentos, etc.) e a vigilância do setor geral era enorme. Para a Diretoria do Grêmio o problema estava nos torcedores da Geral.

De problema, porém, a Geral passou a ser solução. Foi criado um plano para associação de torcedores na categoria chamada de “Sócio-Torcedor”. Estes, diferentemente dos sócios patrimoniais, pagavam na época (Julho de 2005) R\$ 35,00 por mês e poderiam assistir à todas as partidas que o Grêmio disputasse em casa. Mas os Sócios-Torcedores só poderiam assistir às partidas do setor do Olímpico conhecido como “sociais”, a lateral do campo no anel inferior, junto das cabines de Rádio e TV. Aquele setor tem os degraus da arquibancada mais elevados e além de mais confortável, concentra os torcedores mais conservadores, nas palavras de um frequentador da geral do Grêmio: “Ali na social ficam os Tiozinhos, comedores de amendoim, que adoram xaropear (chatear, cornetejar) o time”.

Foi então que os líderes da torcida, interessados nas vantagens financeiras do plano, propuseram algo que mudaria a divisão espacial do Estádio olímpico. Se era fato que os torcedores da Geral iam a todos os jogos, melhor seria a associação, frente aos gastos com ingressos, que àquela altura (2005) já chegavam a R\$ 15,00 por partida para assistir os jogos na arquibancada inferior.

Já que muitos haviam se associado e tinham o interesse em torcer para o Grêmio junto com a Geral, que fosse aberto o portão da Social para o restante da arquibancada, e assim, os novos sócios poderiam assistir o jogo de onde quisessem (no anel inferior). Também existem duas grades que separam a social do restante da arquibancada, porém em cada uma delas há um portão. A abertura do portão ainda incentivaria a associação de tantos outros torcedores que frequentavam todos os jogos do time, mas já não tinham subsídios das antigas Torcidas Organizadas.

Nas palavras de um dos líderes da Geral, “a gente só pediu para o

Presidente Odone duas coisas: que abrissem o portão da social e nos deixassem entrar com nosso material. Em troca a gente ia fazer uma campanha para associação em massa dos torcedores da Geral”. Segundo suas informações, a torcida contribuiu para a associação de pelo menos 15 mil gremistas. Em contrapartida, o Presidente do clube Paulo Odone, não só liberou a entrada dos materiais, como instalou roletas para sócios em todos os portões de acesso para as arquibancadas. E o mais significativo, naquele momento em que a torcida crescia e sua festa ganhava notoriedade nacional, foram retiradas as grades que delimitavam o “Setor Geral” do Estádio Olímpico.

O anel inferior de arquibancadas do Olímpico tinha, a partir desta medida, somente duas divisões. A social continuava com as duas grades que a separavam do restante da arquibancada, no início das curvas, à direita e à esquerda das cabines de Rádio. O restante do anel inferior passa a ser considerado todo de arquibancadas (para melhor entendimento, ver Figura 02).

Chegava ao fim o setor que dera nome ao movimento da torcida do Grêmio. A Geral do Grêmio carregava o nome de um setor que aqueles seis primeiros torcedores resolveram ocupar e tamanho foi o crescimento que a Geral se tornou um modo de torcer, mesmo sem as delimitações físicas de um lugar no estádio.

É verdade que a reunião dos torcedores em um espaço pequeno, onde cabiam no máximo 1500 pessoas, bem espremidas, reforçou os laços de amizade e pertencimento à Banda. Concentraram-se em um pequeno lance de arquibancada, porém grande responsável pela agregação e difusão de valores e hábitos daqueles que eram frequentadores da geral. A geral setor se tornou então, a Geral comportamento, a nova tradição da torcida do Grêmio.

Prova de que já era A Banda um movimento catalisador foi o aumento da quantidade de pessoas, que não conseguindo ingressos para o antigo setor, se concentravam nos arredores das grades que o delimitavam. Eram tricolores das antigas Torcidas Organizadas que perceberam que “ali estava a torcida do Grêmio”, e também os novos torcedores atraídos pelos cânticos, pela avalanche e pelo alento. E até torcedores que mesmo podendo ir nas sociais, preferiam ficar na geral ou próximos a ela.

A campanha de associação foi importante para reunir todas as partes

da arquibancada interessadas em ser da Geral em um único setor, as arquibancadas. Estar na Geral, portanto, a partir da campanha, passou a ser “estar do lado da Banda”, estar com os Borrachos da Geral. E não pode ser desprezado o papel que a torcida teve antes da campanha de associação. A campanha pode ser analisada como uma finalidade daqueles que passaram a acreditar que torcer para o Grêmio era maior do que ser de uma Torcida Organizada. Segundo um dos líderes, “antigamente a gente torcia e cantava para a própria torcida e não para o Grêmio”.

Porém, a abertura do anel inferior para entrada de todos que fossem sócios representou o fim de um espaço popular do estádio Olímpico. A retirada das grades que delimitavam o setor-geral acabou com o espaço que possuía o menor valor de ingresso e assim, o ingresso mais barato naquele ano passava a ser de R\$ 15,00 para os não-sócios, o que representava três vezes mais do que era cobrado para assistir ao jogo na geral.

As antigas Torcidas cobravam em média R\$ 20,00 de mensalidade, valor um pouco menor que o de uma mensalidade de sócio, sendo que muitas vezes os membros das organizadas questionavam o destino que os presidentes davam a ele. Acrescenta-se o fato de que “ser sócio” aumenta ainda mais o sentimento de pertencimento clubístico. Assim, muitos torcedores quando eram questionados sobre a inexistência de cadastro, ou carteirinhas da Geral do Grêmio, exibiam com orgulho o seu cartão magnético de Sócio-Torcedor. “Nós somos todos sócios, meu!” diziam, enquanto literalmente batiam no peito.

Quando há partidas de maior apelo de público e a disputa pelos poucos ingressos que são postos a venda para os torcedores não associados, é comum ouvir dos associados: “Nem ligo, eu sou sócio mesmo”. Por exemplo, para a final da Libertadores de 2007, só foram colocados 7 mil ingressos a venda, o que provocou a formação de filas com mais de 24 horas antes da abertura das bilheterias. Nesta ocasião, durante a madrugada, os torcedores deram 18 (dezoito!) voltas no Estádio Olímpico, entoando os cânticos da Geral, com uma empolgação que contrastava com o fato do time ter que reverter um resultado de 3x0 contra no jogo de ida, em Buenos Aires, contra o Boca Juniors.

A campanha de associação marcou uma nova fase da relação entre torcida e diretoria. O sucesso da campanha obrigou a Diretoria do clube a reconhecer o poder de mobilização da Geral e a vantagem de uma relação baseada no diálogo e porque não dizer, na cooptação. Afinal, diante do poder de mobilização dos líderes daquele movimento, melhor do que enfrenta-los, seria trazê-los de volta para dentro do clube. A Geral do Grêmio se mostrou para os dirigentes o modelo de torcida que todo gestor gostaria de ter: apoiava o time durante noventa minutos, contribuía com novos associados, que dificilmente deixam de pagar mensalidades em dia e compram produtos oficiais da marca Grêmio.

Por outro lado, eram vistos ainda como rebeldes, que sequer possuíam uma sede, estatuto ou hierarquia. Mesmo que reconhecidamente seus líderes fossem identificados, todo aquele movimento surgiu sem o controle ou influência de dirigentes do clube, ou algum chefe de torcida a eles aliado. O passo seguinte para este, digamos, bom relacionamento se deu com a cessão de uma sala dentro do estádio para a torcida guardar seus materiais e uma série de outros benefícios, como ingressos e pagamento de ônibus para excursões em jogos fora de casa. Benefícios estes que aumentavam em época de eleições para o conselho deliberativo e presidência do clube, pois além de sócios, estes torcedores passaram a ser também eleitores,

O clube passou a ter uma receita certa mensalmente, independente da quantidade de jogos que o clube faria por mês, ou do apelo de público que essas partidas tivessem.

Ao mesmo tempo a liberação da entrada de materiais proporcionou um aumento do espetáculo promovido pela torcida. Milhares de bobinas de papel eram atiradas na entrada do time em campo; uma chuva de papel picado recepcionava o time antes do início de cada jogo em casa e transformava em festa e alento, as dificuldades da Série B do campeonato Brasileiro. Além do título da competição, o Grêmio teria ao final daquele ano, a melhor média de público dos anos 2000, jogando em casa. Os trapos anteriormente confinados pelas grades da geral se espalharam pelas muretas junto com as bandeirolas que agora superavam duas centenas e eram constantemente agitadas, formando uma maré tricolor.

Essa festa começou a chamar a atenção da mídia, que esperava pela avalanche a cada gol do Grêmio e as câmeras que focalizavam a curva da arquibancada na parte de trás do gol a cada entrada do time em campo. Os microfones para captação do áudio da partida também ficam posicionados próximos àquele setor. O Grêmio tinha, enfim, ao término daquele ano de 2005, além do título de campeão da Série B e de um certo equilíbrio financeiro com o ingresso de milhares de novos sócios, um novo patrimônio, uma nova e consolidada torcida: A Geral do Grêmio.

E se há outro aspecto que há de ser ressaltado nesta mudança entre ser associado de uma torcida organizada e ser associado do clube, é a participação política dos associados. Além de uma receita mensal garantida para os cofres do clube, agora os associados tinham também direito a voto para presidente do Clube e também para eleição dos componentes do conselho do clube, cargo para o qual também podem ser votados.

Os torcedores agora se envolvem nas questões políticas do clube e os conselheiros eleitos funcionam como fiscais deste dinheiro a mais na receita do clube. Isto torna o Grêmio um clube no mínimo mais arejado politicamente, apesar das pessoas que se candidatam e são eleitas se revezarem há alguns anos, sendo sempre as mesmas. O atual presidente Paulo Odone, por exemplo, já está no seu terceiro mandato.

Para ter direito a voto, o torcedor deve ser sócio há mais de dois anos e deve estar com as mensalidades em dia. E este aumento da participação dos torcedores, agora elevados a categoria de sócio-torcedores acabou se refletindo no aumento de poder de influência da Torcida Geral do Grêmio e conseqüentemente dos seus líderes. Já em 2008, dois membros eleitos para o conselho deliberativo do Grêmio eram também membros da torcida Geral do Grêmio.

Após o incremento deste grande projeto de associação desenvolvido em conjunto com a torcida, as relações entre líderes e dirigentes do clube se estreitaram e as negociações para entrada de materiais, obtenção de ingressos em jogos fora de casa e financiamentos de viagens ficaram mais fáceis. Logicamente as tensões e disputas estão sempre presentes e bem ou mal faz com que os torcedores façam parte destas disputas na política interna do

clube.

Fato é que ao final do ano de 2007 a torcida passa a ter uma sala para guarda de seus materiais dentro do estádio Olímpico e abriu-se espaço para questionamento de uma parte dos torcedores que ajudaram na sua fundação sobre a independência da torcida em relação ao clube. Este é um marco na institucionalização da torcida e para o surgimento da primeira dissidência que viria ocorrer no ano de 2008.

Olhando pelo aspecto financeiro, o plano de sócios-torcedores é muito bem sucedido e demonstra ser uma ferramenta importante utilizada nas administrações propagadas como “modernas” do futebol de espetáculo. Se o torcedor através desta visão passa a ser tratado como um consumidor, o sócio torcedor é aquele que está fidelizado com o seu produto, no caso, o Grêmio. Não que um torcedor viesse a trocar de clube, mas ele agora passa a ser um cliente fiel, que paga as suas mensalidades em dia para em troca assistir aos espetáculos (em média quatro vezes por mês), frequentar as dependências do clube e obter vantagens na compra de materiais esportivos e produtos licenciados do Grêmio.

E em se tratando de sócios, além dos descontos na compra de produtos oficiais nas lojas do Grêmio, o maior compromisso dos torcedores com a instituição faz aumentar o valor agregado à marca, já que estes em sua grande maioria só comprarão produtos oficiais, o que aumenta sensivelmente os valores negociados com patrocínios das camisas e fornecedores de material esportivo.

O Grêmio arrecadou com a bilheteria do Estádio, somada às mensalidades dos planos de sócios o equivalente a R\$ 38,4 Milhões no ano de 2010, sendo deste total R\$ 28,1 Milhões provenientes das mensalidades. Isto equivale a 34% do total de receitas que o clube obteve no ano de 2010. Algo que é o sonho de qualquer administrador de empresas, uma vez que é uma receita certa que facilita o planejamento, apesar do aumento da inadimplência em momentos em que o time faz campanhas ruins dentro de campo. Mesmo com todos os apelos para manutenção das mensalidades em dia em nome do Grêmio, ou do Exército Gremista, como são chamados a participar das campanhas, a torcida responde majoritariamente de acordo com o rendimento

do time em campo.

Mesmo assim, o número de sócios e os valores arrecadados nos últimos anos só tem crescido, a ponto de hoje o Grêmio possuir cerca de 63 mil sócios, número maior do que a capacidade atual do estádio Olímpico que é de 50 mil espectadores. A tabela abaixo mostra a evolução dos valores obtidos somente com as mensalidades do plano de sócios-torcedores.

ANO	2006	2007	2008	2009	2010
RECEITA(R\$ Milhões)	8,4	18,5	23,6	26,2	28,1

Tabela 1: Arrecadação de mensalidades do plano de sócios-torcedores.

Fonte: elaborada pelo autor a partir dos dados disponíveis no site oficial do Grêmio FBPA.

Em valores absolutos já são de se chamar atenção, ainda mais levando-se em conta que antes de 2005 as receitas com o quadro social se limitavam à renda obtida com os sócios patrimoniais que àquela altura não superavam os cinco mil, sendo destes, apenas metade com as mensalidades em dia. Ou seja, o clube obteve com esta nova categoria de torcedor fiel uma fonte de renda que não existia.

E quando colocamos em comparação com outras fontes de renda, por exemplo, a obtida com o televisionamento das partidas, estes números ficam ainda mais relevantes. O clube arrecadou R\$ 27,4 Milhões com a TV em 2010, valores que praticamente se equivalem. Isto torna o clube menos dependente desta fonte de renda que é a principal financiadora da maioria dos clubes brasileiros. Somente como mais um dado comparativo, o total arrecadado no último ano com os Sócios do Grêmio é o equivalente ao valor que o Flamengo projetava arrecadar com o patrocínio master da sua camisa através do projeto de marketing que incluía a contratação de Ronaldinho em janeiro de 2011.

Percebemos também que os valores aumentaram em três vezes em cinco anos, sem que o clube tenha feito, que seja, um aumento na capacidade de público do seu estádio. Porém, com as contas em dia e um público fidelizado, o clube já se permitiu o início da construção de um novo estádio, uma Arena nos moldes dos estádios europeus, na zona norte de Porto Alegre,

onde será possível aumentar o número de sócios, porém com maior poder aquisitivo, já que ali serão cobrados valores de mensalidade que variam de R\$ 90,00 a R\$ 230,00. Estes valores aumentam a exclusão e elitização dos frequentadores do estádio, isso sem levar em consideração a existência de setores VIP e camarotes que serão leiloados entre empresas.

E aí nos é apresentada uma desvantagem do sócio torcedor. Ela inibe a presença de torcedores que frequentam esporadicamente os jogos. A nova Arena não vai ser a solução para isto, pois a capacidade está estimada em 65 mil lugares, apesar dos apelos da Geral do Grêmio para a criação de um espaço atrás dos gols onde se poderia assistir ao jogos em pé. Isto aumentou em 10 mil o número de lugares oferecidos. Mesmo assim, o gremista que mora no interior ou em outros estados ou que não frequenta mesmo todos os jogos é praticamente obrigado a se associar para ter direito de assistir aos jogos de maior apelo, quando não há possibilidade de comprar ingressos na bilheteria, já que todos os lugares estão reservados para os sócios.

O momento que todo gremista poderia ter para o exercício da sua paixão, e até de perpetuá-la, levando, por exemplo, o seu filho ao estádio, sentindo o calor e a alegria de ver uma partida ao vivo, fica restrito aqueles que pagam em dia a mensalidade. Como se não bastasse ser torcedor, esta forma fidelizada e privativa de utilizar o estádio, obriga-os a serem consumidores com o carnê em dia. O que virá a ocorrer nesta relação entre torcedores e o clube neste novo momento de modernização é incerto. Fica questionável se o laços entre eles manter-se-ão da mesma forma, agora que a maioria da torcida está praticamente impedida de ver o seu time de perto.

3.3 – A torcida veste a camisa do Grêmio

“Tu sabes o que eu acho mais legal dessa torcida? Sabes o que eu acho que a Geral fez de mais importante? Ela unificou toda a torcida do Grêmio. Qualquer um pode ir ali pra trás do gol e torcer: Os “tiozão” no meio da gurizada, as senhoras, as mocinhas, todo mundo junto. Acabou esse negócio de Primeiro

Batalhão, Segundo Arrastão... É só tu colocar uma camiseta do Grêmio e ir pra lá cantar pro time. Vê se eu vou andar com camiseta de torcida com o Taz Mania, Bart Simpson, com bichinho nas costas?!” – Paulão

Paulão, torcedor do Grêmio e mais do que isso, fundador e líder da torcida Geral do Grêmio, mereceria um capítulo inteiro para contar a sua trajetória. Em outubro de 2007, concedeu-me entrevista em um bar próximo da sua casa, no Bairro Rio Branco, subúrbio do Município de Canos, na Grande Porto Alegre. Há época, tinha 46 anos, dos quais passou, segundo ele, trinta frequentando o Estádio Olímpico. Seu envolvimento como torcedor mais engajado se deu apenas no final dos anos oitenta, quando entrou para a Torcida Jovem do Grêmio e desde então, pegou gosto e “nunca mais conseguiu se curar de tal enfermidade”. Nunca a presidiu, pois preferia manter-se afastado de tais obrigações, principalmente obrigações burocráticas, mas nunca deixou de contribuir com sua opinião e organizando os torcedores de Canoas e levando muita gente para a torcida, sendo líder do Segundo Arrastão, maneira pela qual se referiam às subdivisões da Torcida Jovem. Até que, beirando 40 anos de idade, segundo ele, “quase avô, não suportava mais andar com camiseta do Tazmania nas costas e cantar músicas para o trensurb”. E junto com mais “meia dúzia de amigos”, resolveu deixar a Torcida Jovem e fundar um outro movimento, a Torcida Geral do Grêmio.

O trecho de sua entrevista citado no início deste tópico demonstra que o surgimento da torcida unificou a maioria em nome do Grêmio. Se não acabou com os diferentes segmentos de torcedores nas arquibancadas, pelo menos os reduziu bastante. As Torcidas Organizadas hoje em dia são poucas e com poucos membros. Continuam uniformizadas e com símbolos de super-heróis, monstros e sub-divisões regionais, mesmo entre o número reduzido de torcedores. No anel inferior, hoje em dia, todos assistem aos jogos de pé e cantam as músicas puxadas pela Geral.

Na Geral, ao contrário, são vistas camisas do Grêmio de todos os tipos e temporadas. Antes mesmo de se tornar comum entre os fabricantes de material esportivo a moda de camisas retrô, os torcedores da Geral tinham o

hábito de usar os modelos mais antigos de camisas do clube. Como uma prova de autenticidade e berço gremista, quanto mais antigo o modelo melhor. Se estiver furada, rasgada ou desbotada, maior a autenticidade da antiga relação com o Grêmio. Vale também como marca de desprendimento, dos percalços pelos quais a camisa já passou e lógico, aquele que a veste.

Demonstram assim como os trapos, que o torcedor e o Clube têm uma história, um passado gremista e vitorioso. As camisas mais antigas ilustram a época do time que vestia o modelo e o passar dos anos contados nos furos, rasgos, fios poídos e manchas de vinho. Afora a superstição dos torcedores que usam sempre a mesma camisa para dar sorte, há o fato destas garantirem autenticidade aos relatos, em uma espécie de materialização da história. “Bah, com essa camisa já passei por umas ruínas”, relatou o torcedor Cachopa¹⁹.

Uma camisa com furos nos ombros, por exemplo, foi exibida como um registro de um acidente com as faíscas de um sinalizador, que caíram sobre o torcedor que a usava. E o desdém com que trata o fato não esconde a marca e orgulho de pertencer à torcida: “*Ah, isso acontece sempre ali no meio da Banda*”.

Vestir a camisa do Grêmio também tem sido lucrativo para o clube e a empresa Puma, fornecedora do material esportivo em 2007. Durante a Libertadores de 2007, a loja oficial do Grêmio, a GremioMania, registrava uma média de vendas de 200 camisas diariamente, chegando ao máximo de 280 em um único dia. Não foi feito um levantamento quantitativo, mas é muito raro ver um torcedor do Grêmio usando uma camisa falsificada do clube.

As camisas do Grêmio também não são homogêneas. Não estão todos com os últimos modelos e não é maioria que adere ao estilo retrô das réplicas que aludem às glórias do passado tricolor. É verdade que influenciados pelos fabricantes de material esportivo, os clubes lançam um uniforme diferente a cada ano, e as mudanças se estendem até o terceiro uniforme, além das camisas comemorativas. Daria para contar quase uma centena de modelos diferentes de camisas do Grêmio em um dia de jogo. É grande o número de

¹⁹ Torcedor da Geral do Grêmio, de 19 anos, distante da liderança, mas assíduo frequentador daquela torcida desde que tinha 14 anos, concedeu-me entrevista em Junho de 2007, no centro acadêmico de Geologia, na Faculdade Unissinos, onde cursava 3º. Período do curso.

torcedores com camisas da década de oitenta, e de meados da década de noventa, fases vitoriosas do clube, mas a falta de uma camisa padrão, como das torcidas organizadas, faz com que exista essa multiplicidade. Mesmo reconhecendo que as próprias torcidas organizadas também têm diversos modelos.

Além de camisas do Grêmio, camisas de outros clubes (de fora do Brasil) ou seleções que vestem azul também podem ser vistos na Geral: Universidad (CHI), Racing e Boca Juniors (ARG), Nacional (URU), Lazio (ITA), Porto (POR), Chelsea (ING) e das seleções do Uruguai, Argentina, Itália e até Escócia.

Mas dentre as camisas de times estrangeiros, a mais comum é a do Almagro da Argentina, que atualmente disputa a segunda divisão do campeonato nacional. O Almagro também é tricolor, com as cores azul, preta e branca em seu uniforme, que é idêntico ao do Grêmio. Mas não é uma mera questão de afinidade pela semelhança dos uniformes. Alguns torcedores viajam vez por outra para assistir às partidas do Almagro lá na Argentina e os integrantes da sua “Barra” também vêm ao Brasil de vez em quando para assistir a jogos no Olímpico. Segundo um torcedor, as torcidas realmente são amigas e o Almagro, Clube de Buenos Aires, tem entre seus torcedores muitos que vestem a camisa do Grêmio. Existe até um trapo exibido no estádio do Almagro que celebra esta amizade: GRÊMIO y ALMAGRO – UNA PASIÓN SIN FRONTERAS.

A liberdade na escolha do uniforme só tem um limite: nenhuma peça-de-roupa pode ser vermelha. A cor do maior rival do Grêmio não aparece em absolutamente nada, em nenhuma parte do Estádio Olímpico, seja na estrutura, seja entre as pessoas.

A clube tem como patrocinadores em publicidade estática as empresas Claro e Coca-Cola. Ambas tem como cor padrão para suas marcas o vermelho, mas no Olímpico elas são obrigadas a exibi-las em preto e branco. O patrocinador oficial da Copa Libertadores que inclusive dá nome ao torneio (Copa Toyota Libertadores) também foi obrigado a mudar as cores do seu logo para anunciar no Estádio. Um grande círculo plástico com a marca do fabricante de automóveis normalmente é colocado nos intervalos das partidas,

no meio de campo, nas cores vermelha e branca. No estádio do Grêmio essa marca também teve de ser mudada para preto e branco.

Quanto às pessoas, não é perdoado nem uma torcedora pintar as unhas de vermelho. Certa vez um torcedor, que não estava na Geral, vestia um casaco de moletom cor de vinho. Foi o suficiente para que outros implicassem com ele, e não parassem de fazer piadas sobre ser um suposto colorado, até que ele tirasse o casaco, evitando maiores confusões.

Podem ser vistas também muitas camisetas, casacos de moletom e bonés da marca BARRABRAVA®, espécie de grife das hinchadas argentinas. Uma marca de roupas e acessórios que é vendida também em outros países da América do Sul, como o Chile e o Uruguai, aproveitando o nicho dos torcedores conhecidos como Barrabravas. Um dos modelos de camisa vendida pela Barrabrava tinha nas costas a inscrição: CANTEM PUTOS. Na parte da frente da camiseta, escrito também em espanhol, pode se ler: QUE HAY DE MEJOR PARA HACIER EN UN DOMINGO? Prova da capitalização de um comportamento, que por muitas vezes é tido como violento e bárbaro, mas nem por isso imune à mercantilização e adequação a estereótipos vendidos em uma vitrine.

E a própria Geral do Grêmio não ficou imune aos apelos comerciais do seu crescimento. Os indícios da sua institucionalização, após a obtenção de uma sala embaixo das arquibancadas do Olímpico ficaram evidentes quando além de um movimento a Geral se transformou em uma marca.

Em janeiro de 2008 começou a fazer canecos de 500 ml de chopp para vender na nova sede. Além de um produto cujo valor de uso está diretamente ligado aos hábitos dos seus torcedores, o caneco é em si o próprio símbolo da Geral que vinha pintado no produto e era o desenho do primeiro trapo da torcida.

Dentre os símbolos da torcida, um dos primeiros a estampar os artigos comercializados foi o caneco de cerveja. Carregando em si os significados do comportamento dos “Borrachos da Geral” e estampado desde os primeiros trapos da torcida. E é marcante como este símbolo ao mesmo tempo que estampava produtos da torcida, já era visto tatuado no corpo de dois torcedores em 2007, apenas seis anos após o surgimento da torcida.



Figura 19: tatuagens.
Fonte: fotografadas pelo autor.

A torcida passa a comercializar o que um dia foram os símbolos da sua própria contestação. Os trapos que em sua rusticidade e amadorismo na confecção desafiaram a direção do clube, a Brigada Militar e as outras torcidas organizadas ao ser pendurados nas grades e muretas do estádio, foram transformados em adesivos estilizados vendidos por R\$ 5,00. E mais produtos foram criados para arrecadação de fundos para a torcida: camisetas, bonés, cachecóis, bottons e até CDs com as canções cantadas pelos torcedores.



Figura 20: produtos comercializados pela Geral do Grêmio.
Fonte: Loja do site oficial da Geral do Grêmio.

Isto não é nada se comparado a loja da torcida La 12 do Boca Juniors que funciona dentro do estádio Bomboneira em Buenos Aires e nem a quantidade enorme de produtos que as antiga Torcida Jovem do Grêmio vendia, que incluía, além dos produtos listados acima, casacos, calças, diversos modelos de camisetas, toucas e etc. Portanto não haveria de ser algo

condenado em um espaço tão mercantilizado quanto o futebol.

Mas para alguns daqueles que há menos de 10 anos lutaram para construir um movimento independente do clube e que exigia dos torcedores “tudo pelo Grêmio e nada do Grêmio” isto soava como um oportunismo e retrocesso. Não há como negar que organizada a Geral do Grêmio sempre foi. O que deixou uma parte dos torcedores descontentes foi a adoção de práticas idênticas ÀS das antigas torcidas organizadas. E somada a entrada de membros da torcida no quadro de conselheiros do clube, esta institucionalização provocou a dissidência de alguns torcedores, que fundariam no mesmo ano o Movimento Portão 18.

3.4- PORTÃO 18 – A Velha Escola e o retorno às origens

A torcida Geral do Grêmio, na figura de seus líderes e a partir de 2008, com a presença de dois integrantes entre os conselheiros do clube, estava definitivamente dentro do Grêmio. A influência sobre um grande número de torcedores, que a partir do advento do sócio-torcedor, também se tornaram eleitores, fez com que seus líderes fossem cortejados por candidatos a cada eleição para presidente ou conselho deliberativo do clube.

As negociações, que passaram a existir para permitir à torcida a realização da sua festa, serviram como moeda de troca em momentos de disputa eleitoral. Ocasionalmente eram proibidas a entrada de papel picado e sinalizadores; o menor incidente dentro do estádio era motivo para o impedimento da entrada de instrumentos e bandeiras ou a fixação de trapos e barras nas marquises. Disputa política que se desenvolvia na base do toma lá dá cá, com promessas do retorno dos materiais em troca do apoio político ao candidato da situação.

Da mesma forma, a distribuição de ingressos e patrocínio para as viagens eram restritas, até que fosse declarado publicamente o apoio da torcida ao candidato da situação. E esta feria àquela altura, uma das maiores fontes de renda da torcida, o dinheiro proveniente da venda destes ingressos e passagens em ônibus para as excursões.

A Geral do Grêmio e seu núcleo de liderança eram beneficiados em todos estes acordos, que culminaram com um “agrado”, que foi a cessão de uma sala para a guarda dos materiais dentro do estádio Olímpico. Este fato foi, para alguns torcedores, a prova de que a Geral voltava a ser uma torcida organizada como outra qualquer. Em outubro de 2007, Roger, torcedor frequentador da Geral, mas distante da liderança, apontava em seu relato: “Tu já deve ter percebido o que a Geral tá virando, né? Uma Organizada, com uns caras mafiosos no comando e uma gurizada que tá seguindo cegamente, sem nem saber a história da torcida, e tá transformando de novo em arrastão, funk, aliança dedos cruzados...”

A aliança a que se refere Roger é a união entre as torcidas Força Jovem do Vasco, Mancha Verde do Palmeiras e Galoucura do Atlético-MG e a própria Geral do Grêmio, que após um período de ajustes das relações internas entre os torcedores tricolores, voltou a contar e dar apoio às Torcidas organizadas citadas. O dedos cruzados são a marca dos gestos que as identificam feitos pelos torcedores, cruzando as mãos no alto da cabeça com os dedos médios em riste. Este símbolo começa a aparecer mais forte e rotineiramente não só no gestual dos torcedores, mas também em estampas de camiseta, adesivos e convites para as festas promovidas pela torcida.

Estas festas onde se vendiam ingressos, bebidas e churrasco, com intuito de arrecadar mais dinheiro para a torcida, passaram a ser também fonte da crítica de outros torcedores. Uma pela discordância como tipo de música que se tocava, que era funk e rap, mas principalmente porque se tratava de uma fonte de renda controlada por poucos e que usavam o nome da torcida para ganhar dinheiro em benefício próprio, já que a torcida não tinha um tesoureiro e sequer existia legalmente, com uma conta corrente e um CNPJ.

E um dos primeiros sintomas que identificam a crítica a um movimento que se institucionalizava, era sem dúvida a corrupção. Acusações de que “fulano trocou de carro e outro vive andando agora com cordão de ouro”, eram comuns de serem ouvidas à medida que a torcida ampliava as suas fontes de renda. Porém, punham em disputa aqueles que ficavam alijados das benesses e outros que mantinham o ideal da pureza que moveu os fundadores da torcida, de apoiar o Grêmio sem nada receber em troca.

Importante ressaltar que a categoria corrupção, mesmo que acionada como suspeita, sem provas, já é o suficiente para diminuir a credibilidade da liderança da torcida. Este predomínio sobre os outros torcedores foi obtido graças a outros valores, como o alento e neste caso, a lealdade, pois como já foi dito, a força da torcida era justamente a sua ruptura com as organizações burocratizadas e hierarquizadas formalmente.

Outra fonte de descontentamento de alguns torcedores naquele ano de 2008, foi o aumento da vigilância sobre a torcida e novas ações da Brigada Militar e do Ministério Público sobre a Geral do Grêmio. A vida da torcida, sob este ponto de vista nunca foi fácil mesmo, mas após incidentes no Estádio Beira-Rio em agosto de 2006, alguns membros da torcida, incluindo um de seus líderes, foram excluídos dos estádios de Porto Alegre.

No grenal que ficou conhecido entre os torcedores como o “grenal dos banheiros químicos”, durante o segundo tempo, os torcedores da Geral entraram em confronto com torcedores do Internacional e a Brigada Militar. Em um tumulto generalizado, onde eram feitas seguidas avalanches em direção a policiais, torcedores atearam fogo em dois banheiros químicos que foram atirados no fosso que separa a arquibancada inferior do gramado.

Motivo de orgulho para torcedores, que exclamaram durante as entrevistas o “maior descontrole dessa torcida” durante um jogo. Este feito era para Cachopa, “o maior sinalizador que já foi aceso dentro de um estádio”, já que a fumaça podia ser vista de fora do Beira-Rio e foi necessária a interrupção do jogo e ação do corpo de bombeiros.

Mas as consequências foram a identificação e o impedimento de alguns torcedores da Geral de frequentar estádios em Porto Alegre durante um ano, sendo necessário se apresentar à delegacia uma hora antes de cada partida e liberados somente uma hora depois do fim do jogo, fosse ele do Grêmio ou do Inter. Um dos líderes da torcida, condenado, ficava nas imediações do Olímpico até poucos minutos antes dos jogos e retornava para lá assim que o jogo terminava, depois de acompanhar o jogo pelo rádio, entre os policiais.

A relação que se dava nestes momentos, não foi suficiente para o desejado afastamento da torcida e tão pouco uma reeducação proposta junto com a pena do Ministério Público. Na verdade, o líder se tornou um aliado que

ajudava no planejamento das viagens para o interior do Estado e nas escoltas montadas para os jogos realizados no Estádio Beira-Rio. E mais suspeitas recaíram sobre ele, agora em relação à corrupção policial

A torcida ficou ainda mais em evidência e vigiada a cada partida ou em cada viagem. Em muitas viagens, torcedores voltavam para Porto Alegre, sem sequer ter entrado no estádio. As polícias de outros Estados do Brasil redobravam a atenção quando os ônibus da Geral chegavam aos Estádios. E também aumentavam o preço da propina cobrada “pela segurança” destes torcedores.

Para a partida entre Flamengo x Grêmio no Maracanã, em outubro de 2008, policiais militares do Rio exigiram R\$ 10,00 por cada torcedor que estava na excursão. Estando em três ônibus, com cinquenta torcedores cada um, o valor pela escolta feita do bairro de São Cristóvão até o Maracanã custaria R\$ 1500,00. Este é um exemplo de como passou a ser dispendioso manter a torcida, mesmo que nesta ilegalidade. O crescimento da torcida e o aumento da sua visibilidade caminhavam por dois lados que aumentava cada vez mais o número de frequentadores, simpatizantes, mas também a vigilância e o controle, que mesmo na informalidade, passava pelas relações de seus líderes com dirigentes e autoridades policiais.

E quando estes assuntos vêm à tona, a respeito de subsídios e arrecadação da torcida, a Geral deixa de ser unanimidade entre os gremistas e entre os próprios geraldinos. Porque a grande maioria dos torcedores foi praticamente obrigada a se associar e manter as mensalidades em dia para frequentar os jogos e outros, não associados, obrigados a enfrentar filas enormes para comprar ingressos, correndo o risco de não obtê-los em jogos de grande apelo.

Entre os próprios torcedores da Geral, o líder Paulão, descontente com as transformações da torcida e incomodado com as brigas que ocorriam no seu interior, resolve romper, mas não deixar de frequentar as arquibancadas do Estádio Olímpico. Após um confronto entre torcedores do Grêmio, que terminou com um baleado antes da partida contra o Coritiba, em Porto Alegre, ele decide deixar a torcida que ajudara a fundar e escreve um comunicado aos gremistas,

publicado na comunidade “Geral do Grêmio” no site Orkut em Novembro de 2008, que reproduzo abaixo.

Em meados de 2001, pressionado pelo esvaziamento dos estádios de futebol, causado pela campanha de certos veículos de comunicação, que afirmavam ser mais barato e seguro assistir aos jogos de seu time em casa, no conforto do lar, campanha esta realizada por uma questão de mercado, apenas pela necessidade de aquecer as vendas de seus pacotes de pay-per-view, sob pena da falência de seus sistemas de tv a cabo, visto que o público-alvo, os torcedores de alto e médio-alto poder aquisitivo, ainda freqüentavam cadeiras e camarotes. Além, é claro, da caça às bruxas realizada pelos órgãos de segurança sobre as torcidas organizadas, que afastava os torcedores de classes média-baixa e baixa das arquibancadas, a direção do Grêmio resolve criar um espaço para o torcedor menos abastado, a preços acessíveis a todos que se arriscassem a ficar se acotovelando para comprar um ingresso. Este espaço, localizado atrás da goleira da Carlos Barbosa, junto ao Portão 18, denominado Geral, acabou reunindo pessoas das mais variadas, com apenas uma coisa a uni-las: o amor ao Grêmio, que os permitia qualquer sacrifício.

Dentre estas pessoas, havia uma em especial, uma espécie de Joaquim das arquibancadas, um visionário para alguns, um utópico para outros e uma lenda para muitos. À ele se juntaram mais alguns borrachos, todos identificados com a cultura que construiu o Grêmio, essa cultura do amor visceral, desmedido, incontrolável pelo Rio Grande e sua gente, sua terra e suas tradições. Pessoas que se uniram pelo alento ao Grêmio, pelo prazer de um bom trago e pela honra à amizade. Surgia a Banda Louca do Paulão. Iniciava-se a Revolução. E só podia ser no Rio Grande do Sul e só podia surgir no lado azul deste estado.

Essa Revolução, incompreendida e combatida no início, alcunhado das mais diferentes formas: Borrachos da Geral, Alma Castelhana, Argentinos, Renegados, entre outros. O nome poderia mudar, de acordo com a ótica do observador, mas todos percebiam uma coisa, que o sentimento transbordava aquele espaço. Ser inadptado é fazer a Revolução contra o sistema e lutar contra o sistema é Quixotesco. Mas, pedir ao gaúcho que abandone seus ideais é arranjar inimidade. E mais uma vez, contra tudo e contra todos, a Revolução aconteceu. E surgiu a primeira Barra do Brasil. E ela invadiu o país, começando, lógico, por aqueles que vivem de imitar.

Mas, o que o Grande Capo sempre deixou claro, é que o torcedor gremista devia respeitar a tudo e à todos, sempre carregando os ideais de Liberdade, Igualdade e Humanidade. Ou seja, respeitando as diferenças e não confundindo, como ele mesmo sempre dizia “hooliganismo com maloqueirismo”.

Porém, em algum ponto, a Revolução estagnou e foi cooptada pelo sistema. Ah, o vil e impiedoso sistema! Ele não poupa ninguém.

Gessinger já havia alertado que o Pop não poupa ninguém. E a Geral havia se tornado pop. Havia Paulão perdido o controle de sua criatura? Sim, Paulão havia se tornado um Chefe de Estado, porém não de Governo. E os que agora governavam, já não tinham os mesmos ideais que o Velho Capo, agora acusado de ser um velho louco e ultrapassado. Paulão não acreditava que a sua criatura, à sua Ode ao Grêmio, havia se tornado um monstro de totalitarismo e barbárie. O Stalinismo havia tomado conta das arquibancadas do Monumental. À medida que o monstro se robustecia, alimentado pelo Ego de alguns, os que acreditavam no velho ideal se exilavam, não acreditando que a Revolução havia fracassado e que o Velho Rei estava cego.

Muitos alertavam aos que estavam no comando, que algo estava errado e que o sentimento estava sendo mutilado no Templo Imortal. Estes eram rechaçados e tratados como leprosos, suas vozes não eram ouvidas e seus apelos eram ignorados. E o Rei Cego à tudo assistia calado. Ele não se ergueria contra a intolerância e a barbárie?! Havia ele desistido de seus ideais?! Ele, que lutou tanto pelo Grêmio, deixaria que sua criação virasse maior do que o motivo dela existir?! Muitos pensaram isso!

Porém, nada pode ser maior que o Imortal!

Então, o Velho Capo resolve abandonar a sua criação, não reconhecendo mais nela a beleza de outrora. A Geral havia se tornado a antítese dela mesma. Acreditando que a Revolução morrera, o Velho Mestre parte em exílio. Porém, ao anunciar seu exílio, descobre não estar sozinho, é quando o encanto da cegueira se esvai do corpo do Velho Rei e ele percebe que é hora de reensinar os antigos valores. Revigorado, Paulão decide que ainda é tempo de escrever mais um capítulo desta história e parte em mais uma jornada, lado a lado com velhos companheiros, como as Geraldinas e outros que sempre o apoiaram, como os integrantes da Máfia Tricolor, novamente todos estes com um único ideal: apenas torcer pelo Grêmio!

Jamais o Velho Criador imaginaria que sua criação se voltaria contra ele e no fatídico dia 16 de novembro de 2008, a barbárie tomou conta das imediações do Monumental. E tiros foram disparados, seres humanos foram feridos e o último resquício de dignidade da outrora bela criatura de Paulão se extinguiu.

Porém, o espírito do povo de Paulão se fortaleceu e o Velho Capo decidiu que era necessário deixar o sentimento se reencontrar com seu Templo, sob pena da intolerância dominar o Olímpico por completo. Sabendo que povo que não tem virtude, acaba por ser escravo, a Banda Louca do Paulão reencontra-se com seu velho lugar, sua velha história, seus velhos ensinamentos, enfim, a Velha Escola para que a Revolução pelo sentimento volte a acontecer, pelo Grêmio e para o Grêmio.

Só queremos torcer!

Um abraço aos irmãos gremistas,

Paulão

O texto escrito em terceira pessoa demonstra todo o estilo da liderança de Paulão, ora posicionando-se com humildade frente ao tamanho do Grêmio, ora como o Rei, o Capo, ressaltando a sua predominância e liderança da fundação da Geral do Grêmio. O texto, além de informar o seu rompimento com a torcida, já traz indícios do novo movimento que está por surgir. Ele, que informalmente gostava de deixar claro o seu orgulho pela torcida que criou, também afirmava o seu amor ao Grêmio com provas de despreendimento, ao recusar trabalhos burocráticos oferecidos por Paulo Odone na Câmara dos Deputados. Desta vez, Paulão estava abrindo mão da sua própria obra, e experimentava ao mesmo tempo a sua popularidade e capacidade de liderança, não à toa se auto-denomina Rei.

Testava a sua popularidade frente ao que chamou de lideranças autoritárias e tiranas que controlavam a Geral. E já experimentado pelos anos anteriores de “militância” contestadora e bem sucedida de ruptura com o institucionalizado e estabelecido, partiu em busca de um novo movimento, que tinha nele a autoridade para ensinar aos outros gremistas, principalmente os da Geral, como torcer. Não à toa, um dos nomes dados ao movimento foi Velha Escola.

E ele realmente não partiu só para o outro lado das arquibancadas. Uma parte de insatisfeitos com os rumos da Geral acabam por segui-lo nesta dissidência. E a Velha Escola, ou Portão 18, como ficou conhecida a nova torcida, surge no espaço que foi originalmente fundada a Geral com uma exacerbação dos valores gaúchos e das barra-bravas, como pode ser notado na presença de uma grande bandeira do Rio Grande do Sul, sempre exposta ao lado de uma bandeira do Uruguai.

Outro elemento marcante desta torcida foi a exposição de uma grande faixa onde se lê: REPÚBLICA RIOGRANDENSE. Reiterando, como foi o começo da torcida Geral do Grêmio, a união de valores da cultura gaúcha com

as dos torcedores do Grêmio. Quanto aos novos elementos da cultura das barra-bravas, o Portão 18 trouxe com a sua banda, instrumentos de sopro em profusão, como trombones, trompetes e até sax, além de mais pares de pratos, que diminuem a cadência das músicas, cantadas de forma ainda mais arrastada e à moda castelhana. Paulão passou a ter novamente uma Banda para chamar de sua e o Grêmio passava a ter mais uma torcida de alento, apenas sete anos após a fundação da primeira e que conseguira nestes poucos anos dar impressão de que monopolizaria os cânticos e a liderança entre os gremistas.

A Geral do Grêmio a partir daquele momento estava diante do espelho daquilo que fora um dia e nós, pesquisadores e admiradores do futebol ,diante de mais um belo exemplo da profundidade da dinâmica das relações entre os torcedores e as transformações que se operam.ao mesmo tempo, no futebol e na sociedade.

3. CONCLUSÃO

Apesar de se tratar de um movimento recente, o processo de surgimento e consolidação desta que hoje é a maior torcida do Grêmio suscita de maneira exemplar todas as contradições que envolvem a introdução de relações capitalistas no campo esportivo. Em especial nesta fase em que a busca incessante por lucros alcança setores da subjetividade, em que o indivíduo não adquire apenas um produto, mas uma posição social privilegiada na medida em que satisfaz com este, anseios engendrados por valores de competitividade.

O esporte se torna então um campo especial para ações de marketing comercial associada a jogadores, clubes e aos torcedores, estes últimos em primeiro lugar como consumidores, mas também como figurantes do espetáculo a ser vendido. Ou mais precisamente, do produto que é oferecido e tem a sua imagem vinculada ao futebol.

Neste período houve uma profunda transformação nas relações entre os torcedores e o objeto da sua paixão, em primeira instância o futebol e agregado a isso, os clubes de futebol. Partes de uma mesma engrenagem e indissociáveis ao longo de toda história do futebol moderno, os fãs de futebol são a representação viva do sucesso global alcançado pelo esporte. Seu envolvimento, por mais apaixonado que seja, nunca esteve desprovido de razão, como poderia acusar levianamente aqueles que acham ser o futebol o ópio do povo.

Relações mercantis sempre estiveram presentes no campo esportivo, em particular no campo futebolístico, desde a sua profissionalização. Mesmo no começo do século XX, outros capitais estavam em disputa como a distinção de classes e a manutenção de um estilo de vida cavalheiro e superior. Porém, a relação daqueles que acompanhavam o futebol, estava relacionada ao espaço do lazer e a fruição de um tempo livre das obrigações capitalistas entre patrões e empregados. E o que mais aproximava o futebol praticado no começo do século das relações mercantis era o pagamento de ingressos na bilheteria dos clubes ou estádios em troca de noventa minutos de lazer.

Aproveitando-se da linguagem universal do jogo de futebol e o alcance global que o esporte tem, ampliado a partir das transmissões televisivas na década de 70, grandes indústrias passaram a associar suas marcas e anunciar produtos que não se limitam somente a produtos esportivos. O futebol como esporte e espetáculo é vitrine tanto para o pequeno comerciante, que ajuda na aquisição de uniformes para um time de bairro, como para grandes bancos ou indústrias automobilísticas, que vinculam suas marcas a equipes de futebol profissional.

Para estas empresas, há que se garantir a lucratividade, associando a qualidade do produto às qualidades subjetivas de jogadores e equipes de futebol, como juventude, o cuidado com o corpo, superação de limites, competitividade, sentir-se vencedor, atributos fornecidos pelo campo esportivo, em tempos de capitalismo tardio, na busca por novos mercados consumidores. Mercados estes que não se limitam apenas a novas nações, a novas comunidades, mas a novos campos a serem explorados da “vontade” de consumir dos habitantes já inseridos na disputa global por consumidores. E a chamada indústria do entretenimento, com uma diversidade cada vez maior de produtos oferecidos, tem sem dúvida no futebol uma grande ferramenta de alcance mundial, que utiliza o capital simbólico do esporte para a produção das mais variadas formas de consumo. Esta pode ser desde a transmissão da final da Copa do Mundo, com um número de espectadores estimado em 4 bilhões como foi a final da Copa de 2006.

Neste novo estágio de introdução de relações capitalistas no campo futebolístico, o torcedor passa a ser considerado um consumidor. Porém, este tipo de consumo atingiu setores de uma subjetividade construída socialmente ao longo de mais de um século. O torcedor agora ao mesmo tempo promove e é obrigado a consumir o produto da sua própria paixão. Uma cultura que se popularizou através das festas promovidas por torcedores das camadas mais populares da sociedade, agora é hipermercantilizada.

A cultura festiva do torcedor, acostumado a promover carnavais nas arquibancadas, está de diante de exigências da Fifa e do mercado que preferem uma assistência fria e consumista. Os direitos atribuídos ao torcedor estão ligados a um comportamento cada vez mais enquadrado e dito civilizado.

Não à toa os estádios brasileiros estão sempre a seguir o modelo europeu de assistência.

Importante notar, que frente à diferentes demandas atribuídas aos apaixonados por futebol, este torcedor utiliza de recursos que aprendeu com a linguagem do próprio esporte. A criatividade, o drible, se defender com disciplina e atacar com astúcia, foram ensinamentos levados quase ao pé da letra nas recentes adaptações dos torcedores às mudanças impostas pelo mercado.

O maior adversário, porém, é a sua elitização, que exclui economicamente uma grande parte das pessoas que frequentavam os estádios brasileiros. As mudanças arquitetônicas e espaciais dos estádios transformados em arenas poderiam inibir a festa, mas não a impediriam, não fosse, porém, ao aumento dos preços dos ingressos ou os planos de fidelização de torcedores, obrigados em alguns casos a se tornar sócios dos clubes.

Os processos de transformações promovidas a partir do surgimento da Torcida Geral do Grêmio nos são emblemáticos para o entendimento das mudanças ocorridas nas arquibancadas dos estádios brasileiros nos últimos 10 anos. Agentes ativos neste no campo futebolístico, os torcedores em todas as partes do país se adaptaram ao processo de elitização em curso, não sem resistência.

A torcida Geral do Grêmio, como fora exposto, resistiu com recursos precários ao processo de exclusão dos torcedores, quando o clube se associou a uma empresa de marketing esportivo no começo do século. A sua trajetória inicial foi marcada pela contestação e adoção de símbolos de rebeldia, até que foi reconhecido como um movimento, capaz de aglutinar pessoas unidas em uma mesma crítica, que engendrou e contribuiu para uma nova forma de torcer.

O reconhecimento de seu papel nestas mudanças veio, em primeiro lugar, pelos seus antigos pares das Torcidas Organizadas, que passaram a ver na Geral os antagonistas de movimentos burocratizados e submetidos ao poder do mercado, personalizado em presidentes e dirigentes que tinham o controle do clube e das torcidas até então estabelecidas.

Sua dissidência, contribuiu para o rompimento com as antigas formas da cultura torcedora ampliando o incentivo em busca de resultados esportivos do clube de coração mas principalmente para a experimentação de um espaço livre para torcer. Um lugar no qual não estivessem submetidos à hierarquia, à vigilância e a uma forma que se mostrava caduca para enfrentar os poderes que promoviam a sua extinção.

Não se poderia supor, que o germe da transformação estivesse dentro das próprias instituições que se propunham eliminar. Os torcedores organizados, através de ações agora mitificadas pela memória, construíram uma nova torcida, que os ensinou ser possível romper.

Porém, o crescimento da torcida Geral do Grêmio a colocou em uma encruzilhada pela qual passam a maioria dos movimentos sociais que nascem da contestação e ruptura com instituições que se dizem falidas: manter a “pureza” e o idealismo ou continuar crescendo, fazendo aumentar o seu poder, mas também a necessidade de mais organização, que em última instância pode levar a institucionalização.

A torcida passou por isso e os caminhos que escolheu ou que lhes eram disponíveis dentro do campo para manter a sua estratégia contestadora, sem suprimir a paixão clubística, foi o da entrada para o clube, a institucionalização. Tal caminho levou a uma nova dissidência, que não significa que a história se repete, nem que a Geral voltou a ser uma Torcida Organizada. Sua institucionalização se deu em outras bases que incluíram um aumento significativo da sua participação junto ao clube. Seus líderes não estavam amarrados a estatutos, ao mesmo tempo em que se tornaram sócios influentes na política Grêmio, cujos votos poderiam eleger presidente e conselheiros.

Já os fundadores do Portão 18, partiram rumo ao lado oposto do estádio com a clareza de que eram livres para escolher outro lugar para ocupar, pois foram eles mesmos que oito anos antes cruzaram as grades do setor geral e poucos anos depois as derrubaram. O Portão 18 já usufruía de uma liberdade no torcer que eles mesmos ajudaram a construir. E sabedores das reações, mais ideológicas do que físicas, partiram para um espaço diametralmente oposto no estádio, mas não tão distante assim nos rituais, símbolos e cultura da Geral. Divergiram no tom, mas continuam tocando a mesma música, pois ali

no centro do gramado ainda estava o clube motivo de sua paixão, razão para a qual as duas torcidas proclamavam ser o motivo de sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUENO, Eduardo **Grêmio-Campeão acima de tudo**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

BUENO, Eduardo **Grêmio – Nada pode ser maior**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DAMO, Arlei . Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, p. 139-150, 2008. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/09.pdf >. Acesso em: out 2011.

DAMO, Arlei. **Do dom a profissão**: A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Huicetec, 2007.

DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social**: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes, Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 2002.

ENDLER, Sérgio **Tesourinha**, Porto Alegre: Tchê – Coleção Esses Gaúchos Vol.04, 1984

FRANCO JÚNIOR, Hilário **A dança dos deuses**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GRABIA, Gustavo **La Doce**. São Paulo: Panda Books, 2012

HOBBSAWN, E. & RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

MASCARENHAS, Gilmar; GAFFNEY, Christopher. *O Estádio de Futebol como Espaço Disciplinar*. In: **Seminário Internacional Michel Foucault - Perspectivas**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2004. Disponível em:

< http://www.opandeiro.net/nepes/espaco_disciplinar_estadios.pdf >. Acesso em: out. 2009.

OLIVEN, Ruben George **A parte e o todo – A Diversidade Cultural do Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006

PIRES, Luiz Zini **71 Segundos – O jogo de uma vida**. Porto Alegre: L&PM , 2006

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p.200-212. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf> >. Acesso em: out. 2011.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, Instituto de Economia, 2000.

RAMOS, Miguel Glaser **S.C. Rio Grande – Centenário do Futebol Brasileiro**. Rio Grande: Editora Furg, 2000

ROSENFELD, Anatol **Negro Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007

SPOLAORE, Gianfranco **Coração Tricolor – História Completa do Grêmio de 1903 a 2007**. Porto Alegre: Editora Alcance, 2008

TEIXEIRA, R. da C. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. Rio de Janeiro:Annablume, 2004.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

TOLEDO, L. H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

WISNIK, José Miguel **Veneno Remédio – O Futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ZUCAL, J. G. **Hichas aguantadores**, in HINCHADAS. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005

ZUCAL, J. G. **Haciendo amigos a las piñas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.